



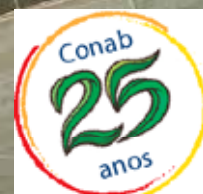
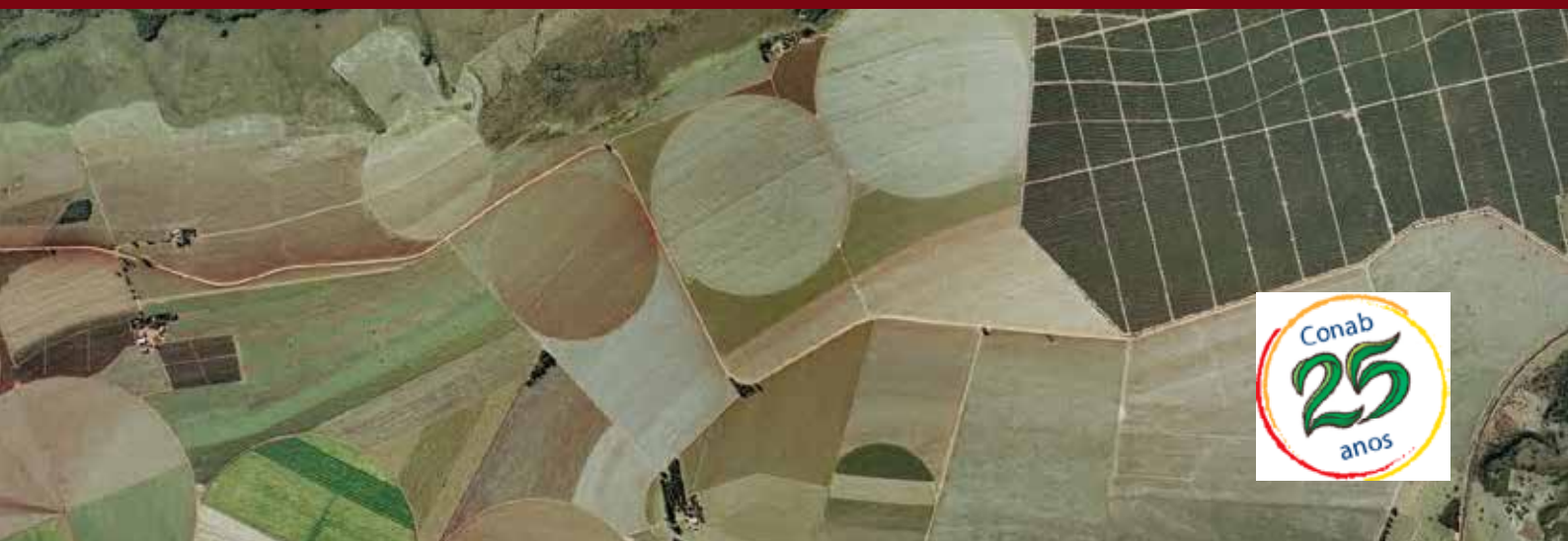
OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

café

V. 3 - SAFRA 2016 - N. 4 - Quarto levantamento | **DEZEMBRO 2016**



Monitoramento agrícola – Café – Safra 2016

Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)**

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Elza Mary de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (Menor Aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (Estagiária)

Guilherme Aílson de Sousa Nogueira (Estagiário)

Gilson Panagiotis Heusi (Estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Kelvin Andres Reis (Estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

café

V.3 - SAFRA 2016 - N.4 - Quarto levantamento | **DEZEMBRO 2016**

Monitoramento agrícola – Café – Safra 2016

ISSN 2318-7913

Acomp. safra bras. café, v. 3 – Safra 2016, n.4 - Quarto Levantamento, Brasília, p. 1-77, dez.2016

Copyright © 2016– Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-7913
Tiragem: 1.000
Impresso no Brasil

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves de Faria (Geint) Andrea Malheiros Ramos (Inmet)
Rogério Dias Coimbra (Geint)

Colaboradores das Superintendências

ES – João Marcos do Nascimento (Gerente), Delcio da Costa Soares (Encarregado), Maicow Paulo Aguiar B. de Almeida, Kerley Mesquita de Souza, Paulo Roberto de Luna e Pedro Antônio Medalane Cravinho.
GO – Ana Lúcia de Fátima Fernandes (Gerente), Espedito Leite Ferreira (Encarregado), Adayr Malaquias de Souza, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima e Rogério César Barbosa.
MG – José Henrique Rocha Viana de Oliveira (Gerente), João Eduardo Lopes (Encarregado), Patrícia de Oliveira Sales, Eugênio Teixeira de Carvalho, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Hygino Felipe Carvalho, Marcel de Melo Innocentini, Márcio Carlos Magno, Sérgio de Lima Starling, Telma Ferreira e Silva e Terezinha Vilela de Melo Figueiredo.
RO – Rosemberg Alves Pereira (Gerente), Erik Colares de Oliveira (Encarregado), João Adolfo Kásper e Niécio Campanati Ribeiro.
BA – Marcelo Ribeiro (Gerente), Ednabel Caracas Lima (Encarregada), Aurenir Medeiros de Melo, Gerson Araújo dos Santos, Jair Ilson dos Reis Ferreira, Jair Lucas Oliveira Junior, Israel Cerqueira Santos e Jockã Lima do Couto.
PR – Rosimeire Lauretto (Gerente), Daniela Furtado de Freitas Yanaga (Encarregado), José Segundo Bosqui.
SP – Luiz Alberto Martins (Gerente), Antonio Carlos Costa Farias (Encarregado), Cláudio Lobo de Ávila, Alfredo Brienza Coli e Marisete Belloli Breviglieri.
RJ – Juçanã de Moraes Vital (Gerente), Paulo Roberto Batista dos Santos (Encarregado), Olavo Franco de Godoy Neto e Jorge Antonio de F. Carvalho.
MT – Francielle Tonietti Capilé Guedes (Gerente), Marly Aparecida Cruz da Silva (Encarregada), Allan Vinicius Pinheiro Salgado e Jacir Lopes da Silveira.

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Marília Yamashita/Guilherme dos Reis Rodrigues

Fotos

Arquivo Geosafas/Conab, <https://br.dollarphotoclub.com>

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562
Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.73(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompamento da safra brasileira : café – v. 1, n. 1 (2014-) – Brasília : Conab, 2014-
v.

Quadrimestral

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de jan./2014. Continuação de: Acompamento da safra brasileira de café (2008-2012).

ISSN 2318-7913

1. Café. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------	-----------



3. Estimativa de área cultivada	12
--	-----------



4. Estimativa de produtividade	13
---------------------------------------	-----------



5. Estimativa de produção	14
----------------------------------	-----------



6. Crédito rural	19
-------------------------	-----------



7. Monitoramento agrícola	21
----------------------------------	-----------



8. Avaliação por estado	33
--------------------------------	-----------

8.1. Minas Gerais	33
-------------------	----

8.2. Espírito Santo	40
---------------------	----

8.3. São Paulo	42
----------------	----

8.4. Bahia -----	46
8.5. Paraná -----	51
8.6. Rondônia -----	54
8.7. Goiás -----	56
8.8. Mato Grosso -----	61
8.9. Rio de Janeiro -----	62



9. Preços do café beneficiado -----	63
--	-----------



10. Exportação e importação -----	67
--	-----------



11. Resultado detalhado -----	70
--------------------------------------	-----------



12. Calendário de colheita -----	75
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

Ano de bienalidade positiva na maior parte dos estados produtores. No Brasil, a produção foi de 51,37 milhões de sacas beneficiadas, o que representa um crescimento de 18,8%. A área total ficou em 2,22 milhões de hectares, caracterizando uma redução de 1,1%.

Minas Gerais (30,7 milhões de sacas)

Regiões Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste) e Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste): aumento de área, de produtividade e regularidade climática refletem numa produção superior à safra anterior em 53,8% e 74,9%, respectivamente.

Zona da Mata Mineira (Zona da Mata, Rio Doce e Central): a bienalidade negativa e as chuvas escassas durante a fase de granação resultou em uma produção 8% menor sobre a safra 2015.

Norte de Minas (Norte, Jequitinhonha e Mucuri): redução de área e produtividade devido a fatores climáticos adversos refletem numa produção inferior à safra anterior em 6%.

Espírito Santo (8,97 milhões de sacas)

Queda de 16,2% na produção. As lavouras de conilon foram as mais afetadas (redução de 35,1%) pelos problemas climáticos (seca, alta temperatura, má distribuição de chuva, insolação). As lavouras do arábica, com crescimento de 33,8% por razão da adequada florada na atual safra, se recupera da baixa produção dos

últimos dois anos.

São Paulo (6,03 milhões de sacas)

Área, produtividade e produção superior à safra passada, numa safra de bienalidade positiva, clima favorável, entrada de pés novos em produção, aumento nos tratos culturais e retorno vigoroso das plantas manejadas na safra passada.

Bahia (2,1 milhões de sacas)

Cerrado: produção próxima à safra anterior. Altas temperaturas em novembro de 2015 provocaram abortamento de flores, escaldadura das folhas do cafeeiro e má formação dos grãos.

Planalto: recuperação da produtividade, nesta safra, devido ao impacto da estiagem na formação de grãos na safra passada.

Atlântico: a forte estiagem e ataques de pragas durante o ciclo da lavoura, justificam a queda de 30,2% na produção.

Rondônia (1,63 milhão de sacas)

A redução de 5,6% da produção decorre da falta de chuvas na época da florada que prejudicou o pegamento. Nas áreas irrigadas ocorreram incidência do

sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas durante outubro e novembro prejudicaram a formação e promoveram a queda dos chumbinhos.

Paraná (1,1 milhão de sacas)

Com as geadas em 2013 houve inversão na bienalidade da cultura, sendo negativa para este ano, com produção de 1,1 milhão de sacas, mas inferior à safra 2015.

Rio de Janeiro (347,4 mil sacas)

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favoreceram as lavouras, justificando os ganhos de produção em relação à safra passada.

Goiás (226,8 mil sacas)

Cultura irrigada. Boas condições climáticas foram suficientes para a formação e desenvolvimento dos frutos, resultando numa produção 0,3% superior à safra passada, apesar da redução de 8,9% na área em produção.

Mato Grosso (125,4 mil sacas)

A queda na área em produção e aumento na produtividade média para o estado reflete numa produção 2% inferior à safra passada.





2. INTRODUÇÃO

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) realiza quatro levantamentos de campo ao longo do ano safra desta cultura, conforme descrito a seguir.

O primeiro levantamento ocorre em novembro e dezembro, com divulgação em janeiro, acontecendo no período pós-florada, um dos mais importantes para a cultura. Nessa ocasião, o clima favorável e boas práticas agrícolas garantem a boa uniformidade e qualidade dos grãos.

O segundo levantamento ocorre em maio, com divulgação em junho, no período pré-colheita, onde menos de 20% do café do país foram colhidos.

O terceiro levantamento, realizado em agosto e divulgado em setembro, ocorre no período de plena colheita no país, de março a outubro, todavia é concentrada de maio a agosto. Nessa ocasião do levantamento, a colheita já ultrapassa 90% do total.

O quarto levantamento, realizado em dezembro e divulgado no mesmo mês, é o último da safra e compreende o período pós-colheita, em que a colheita já foi finalizada e as estimativas são corrigidas com os dados consolidados e coletados a campo.

Após tratamento estatístico dos dados obtidos em campo são divulgadas as previsões para as safras em curso, sinalizando a tendência da produção de café em cada estado, objetivando permitir a elaboração de

planejamentos estratégicos por toda a cadeia produtiva do café, bem como a realização de diversos estudos pelos órgãos de governo envolvidos com a cafeicultura, visando a criação e implantação de políticas públicas para o setor.

Ressalta-se que as previsões iniciais são passíveis de correções e ajustes, ao longo do ano safra, visto que informações mais precisas somente se consolidam com a finalização da colheita. Quaisquer fenômenos climáticos que, porventura tenham ocorrido, são detectados, bem como estimado o provável efeito, porém, as consequências reais serão efetivamente mensuradas à medida que a colheita avança.

A realização desses levantamentos de dados pela Conab, para efetuar a estimativa da safra nacional de café, conta com as parcerias estaduais dos órgãos de governo dos principais estados produtores. Também são consultados técnicos dos escritórios do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para obter estatísticas dos demais estados com menores proporções de produção.

O trabalho conjunto reúne interesses mútuos, aproveitando o conhecimento local dos técnicos dessas instituições que, ao longo dos anos, realizam esta atividade de avaliação da safra cafeeira, com muita dedicação. Na oportunidade a Conab registra os seus agradecimentos aos referidos profissionais, cujo apoio tem sido decisivo para a qualidade e credibilidade das informações divulgadas.

As informações disponibilizadas neste relatório se referem aos trabalhos realizados nos municípios dos principais estados produtores (Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Rondônia), que correspondem a cerca de 98,6% da produção nacional.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA CULTIVADA

A área total plantada no país com a cultura de café (arábica e conilon) totaliza 2.223.464,1 hectares, é 1,1% menor do que 2015. Desse total, 272.786,5 hectares (12,3%) estão em formação e 1.950.677,6 hectares (87,7%) em produção.

A área plantada do café arábica no país soma 1.759.730,1 hectares, o que corresponde a 79,13% da área existente com lavouras de café. Neste quarto levantamento estima-se redução de 0,4% (6.989,6 hectares) em relação à safra anterior. Minas Gerais concentra a maior área com a espécie, 1.184.384 hectares, correspondendo a 67,3% da área ocupada com café arábica, em âmbito nacional.

Para o café conilon o levantamento indica redução de 3,7% na área, estimada em 463.734 hectares. Desse total, 424.773 hectares estão em produção e 39.011 hectares em formação. No Espírito Santo está a maior área, 286.371 hectares, seguido de Rondônia, com 94.561 hectares e logo após a Bahia, com 48.614,0 hectares.



4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Para a safra 2016, considerando as duas espécies (arábica e conilon), estima-se produtividade média de 26,33 sc/ha, equivalendo a um ganho de 17,1% em relação à safra passada. Com exceção dos estados de Rondônia, Bahia, Espírito Santo e Paraná, todos outros estados apresentam crescimento na produtividade.

As condições climáticas favoráveis nas principais regiões produtoras de arábica, aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, favorecem as lavouras e justificam os ganhos de produtividade na maioria dos estados. Os maiores ganhos são observados em São Paulo, com 46,7%, Mato Grosso, com 39,4% e Minas Gerais, com 32,2%.

O café conilon apresenta perda de 22,2% na produtividade. Os principais estados produtores, Espírito Santo, Rondônia e Bahia, que juntos, somam cerca de 94% da produção de conilon, apresentam reduções de 26,4%, 5,6% e 46,4%, respectivamente.



5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A quarta estimativa para a produção da safra cafeeira (espécies arábica e conilon) em 2016 indica que o país deverá colher 51,37 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. O resultado representa um acréscimo de 18,8%, quando comparado com a produção de 43,24 milhões de sacas obtidas no ciclo anterior.

O café arábica representa 84,4% da produção total (arábica e conilon) de café do país. Para a safra atual, que é de ciclo de alta bienalidade, estima-se que sejam colhidas 43,38 milhões sacas. Tal resultado representa um acréscimo de 35,4%. Este acréscimo se deve, principalmente ao aumento de 46.144,3 hectares da área em produção, à incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação decorrente de podas realizadas, especialmente esqueletamentos e às condições climáticas mais favoráveis.

A produção do conilon representa 15,6% da produção total (arábica e conilon) de café do país, está estimada em 7,98 milhões de sacas, representando redução de 28,6%. Este resultado se deve à redução de 4% na área em produção e, sobretudo, à seca e à má distribuição de chuvas por dois anos consecutivos nos estádios de florescimento, formação e enchimento de grãos no Espírito Santo, maior produtor da espécie conilon. Em Rondônia e na Bahia, segundo e terceiro maiores produtores da espécie, também ocorreu estiagem nas fases críticas das lavouras. A quebra de produtividade em Rondônia foi amenizada, em parte, pela entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior do que as áreas tradicionais.

Tabela 1 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

Região/Estado	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %	SAFRA 2015	SAFRA 2016	VAR. %
	(A)	(B)	(B/A)	(c)	(D)	(D/C)	(E)	(F)	(F/E)
NORTE	88.900,0	88.270,0	(0,7)	19,58	18,53	(5,3)	1.740,5	1.636,0	(6,0)
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)
PA	1.243,0	613,0	(50,7)	13,35	14,85	11,2	16,6	9,1	(45,2)
NORDESTE	138.678,0	149.753,0	8,0	16,92	13,98	(17,4)	2.345,9	2.093,3	(10,8)
BA	138.678,0	149.753,0	8,0	16,92	13,98	(17,4)	2.345,9	2.093,3	(10,8)
Cerrado	9.129,0	11.328,0	24,1	37,02	30,51	(17,6)	338,0	345,6	2,2
Planalto	94.321,0	92.533,0	(1,9)	8,74	9,96	14,0	824,3	921,6	11,8
Atlântico	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
CENTRO-OESTE	26.364,0	19.819,6	(24,8)	13,43	17,77	32,3	354,1	352,2	(0,5)
MT	20.189,0	14.193,0	(29,7)	6,34	8,83	39,4	127,9	125,4	(2,0)
GO	6.175,0	5.626,6	(8,9)	36,63	40,31	10,0	226,2	226,8	0,3
SUDESTE	1.613.623,3	1.633.795,0	1,3	23,16	28,20	21,7	37.376,4	46.069,9	23,3
MG	968.872,0	1.009.481,0	4,2	23,02	30,44	32,2	22.302,9	30.724,1	37,8
Sul e Centro-Oeste	478.056,0	524.220,0	9,7	22,61	31,72	40,3	10.808,3	16.627,7	53,8
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.076,0	7,3	24,81	40,43	63,0	4.232,9	7.401,6	74,9
Zona da Mata, Rio Doce e Central	287.340,0	269.593,0	(6,2)	23,00	22,56	(1,9)	6.609,5	6.081,9	(8,0)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	32.842,0	32.592,0	(0,8)	19,86	18,81	(5,3)	652,2	612,9	(6,0)
ES	433.242,0	410.057,0	(5,4)	24,70	21,87	(11,5)	10.700,0	8.967,4	(16,2)
RJ	12.538,0	13.022,0	3,9	24,69	26,68	8,0	309,6	347,4	12,2
SP	198.971,3	201.235,0	1,1	20,42	29,97	46,7	4.063,9	6.031,0	48,4
SUL	44.500,0	46.160,0	3,7	28,99	22,68	(21,8)	1.290,0	1.047,0	(18,8)
PR	44.500,0	46.160,0	3,7	28,99	22,68	(21,8)	1.290,0	1.047,0	(18,8)
OUTROS	10.009,0	12.880,0	28,7	12,82	13,26	3,5	128,3	170,8	33,1
NORTE/NORDESTE	227.578,0	238.023,0	4,6	17,96	15,67	(12,7)	4.086,4	3.729,3	(8,7)
CENTRO-SUL	1.684.487,3	1.699.774,6	0,9	23,16	27,93	20,6	39.020,5	47.469,1	21,7
BRASIL	1.922.074,3	1.950.677,6	1,5	22,49	26,33	17,1	43.235,2	51.369,2	18,8

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Legenda: (*) Acre, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.



Tabela 2 - Café arábica - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safra 2015 (a)	Safra 2016 (B)	VAR. % (B/A)	Safra 2015 (C)	Safra 2016 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015 (e)	Safra 2016 (f)	VAR. % (f/e)
NORDESTE	103.450,0	103.861,0	0,4	11,19	12,20	9,0	1.162,3	1.267,2	9,0
BA	103.450,0	103.861,0	0,4	11,24	12,20	8,6	1.162,3	1.267,2	9,0
Cerrado	9.129,0	11.328,0	24,1	37,00	30,51	(17,6)	338,0	345,6	2,2
Planalto	94.321,0	92.533,0	(1,9)	8,74	9,96	14,0	824,3	921,6	11,8
CENTRO-OESTE	6.286,0	5.696,6	(9,4)	36,26	40,04	10,4	227,9	228,1	0,1
MT	111,0	70,0	(36,9)	15,32	18,29	19,4	1,7	1,28	(24,7)
GO	6.175,0	5.626,6	(8,9)	36,63	40,31	10,0	226,2	226,8	0,3
SUDESTE	1.317.124,3	1.361.031,0	3,3	22,23	29,93	34,7	29.278,2	40.738,4	39,1
MG	955.497,0	996.749,0	4,3	22,99	30,53	32,8	21.965,7	30.427,9	38,5
Sul e Centro-Oeste	478.056,0	524.220,0	9,7	22,61	31,72	40,3	10.808,3	16.627,7	53,8
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	170.634,0	183.076,0	7,3	24,81	40,43	63,0	4.232,9	7.401,6	74,9
Zona da Mata, Rio Doce e Central	278.646,0	261.317,0	(6,2)	22,93	22,54	(1,7)	6.390,3	5.889,4	(7,8)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	28.161,0	28.136,0	(0,1)	18,97	18,10	(4,6)	534,2	509,2	(4,7)
ES	150.118,0	150.025,0	(0,1)	19,58	26,21	33,9	2.939,0	3.932,1	33,8
RJ	12.538,0	13.022,0	3,9	24,69	26,68	8,0	309,6	347,4	12,2
SP	198.971,3	201.235,0	1,1	20,42	29,97	46,7	4.063,9	6.031,0	48,4
SUL	44.500,0	46.160,0	3,7	28,99	22,68	(21,8)	1.290,0	1.047,0	(18,8)
PR	44.500,0	46.160,0	3,7	28,99	22,68	(21,8)	1.290,0	1.047,0	(18,8)
OUTROS	8.450,0	9.206,0	8,9	10,66	11,03	3,4	90,1	101,5	12,7
NORTE/NORDESTE	103.450,0	103.861,0	0,4	11,24	12,20	8,6	1.162,3	1.267,2	9,0
CENTRO-SUL	1.367.910,3	1.412.887,6	3,3	22,51	29,74	32,1	30.796,1	42.013,5	36,4
BRASIL	1.479.810,3	1.525.954,6	3,1	21,66	28,43	31,3	32.048,5	43.382,2	35,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Legenda: (*) Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Tabela 3 - Café conilon - Comparativo de área em produção, produtividade e produção - Safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			PRODUTIVIDADE (sc/ha)			PRODUÇÃO (mil sacas beneficiadas)		
	Safra 2015 (a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (C)	Safra 2016 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015 (e)	Safra 2016 (f)	VAR. % (f/e)
NORTE	88.900,0	88.270,0	(0,7)	19,58	18,53	(5,3)	1.740,5	1.636,0	(6,0)
RO	87.657,0	87.657,0	-	19,67	18,56	(5,6)	1.723,9	1.626,9	(5,6)
PA	1.243,0	613,0	(50,7)	13,35	14,85	11,2	16,6	9,1	(45,2)
NORDESTE	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
BA	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
Atlântico	35.228,0	45.892,0	30,3	33,60	18,00	(46,4)	1.183,6	826,1	(30,2)
CENTRO-OESTE	20.078,0	14.123,0	(29,7)	6,29	8,79	39,8	126,2	124,1	(1,7)
MT	20.078,0	14.123,0	(29,7)	6,29	8,79	39,8	126,2	124,1	(1,7)
SUDESTE	296.499,0	272.764,0	(8,0)	27,31	19,55	(28,4)	8.098,2	5.331,5	(34,2)
MG	13.375,0	12.732,0	(4,8)	25,21	23,26	(7,7)	337,2	296,2	(12,2)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	8.694,0	8.276,0	(4,8)	25,21	23,26	(7,7)	219,2	192,5	(12,2)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	4.681,0	4.456,0	(4,8)	25,21	23,27	(7,7)	118,0	103,7	(12,1)
ES	283.124,0	260.032,0	(8,2)	27,41	19,36	(29,4)	7.761,0	5.035,3	(35,1)
OUTROS	1.559,0	3.674,0	135,7	24,50	18,86	(23,0)	38,2	69,3	81,4
NORTE/NORDESTE	124.128,0	134.162,0	8,1	23,56	18,35	(22,1)	2.924,1	2.462,1	(15,8)
CENTRO-SUL	316.577,0	286.887,0	(9,4)	25,98	19,02	(26,8)	8.224,4	5.455,6	(33,7)
BRASIL	442.264,0	424.723,0	(4,0)	25,29	18,81	(25,7)	11.186,7	7.987,0	(28,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2016.

Legenda: (*) Acre e Ceará.



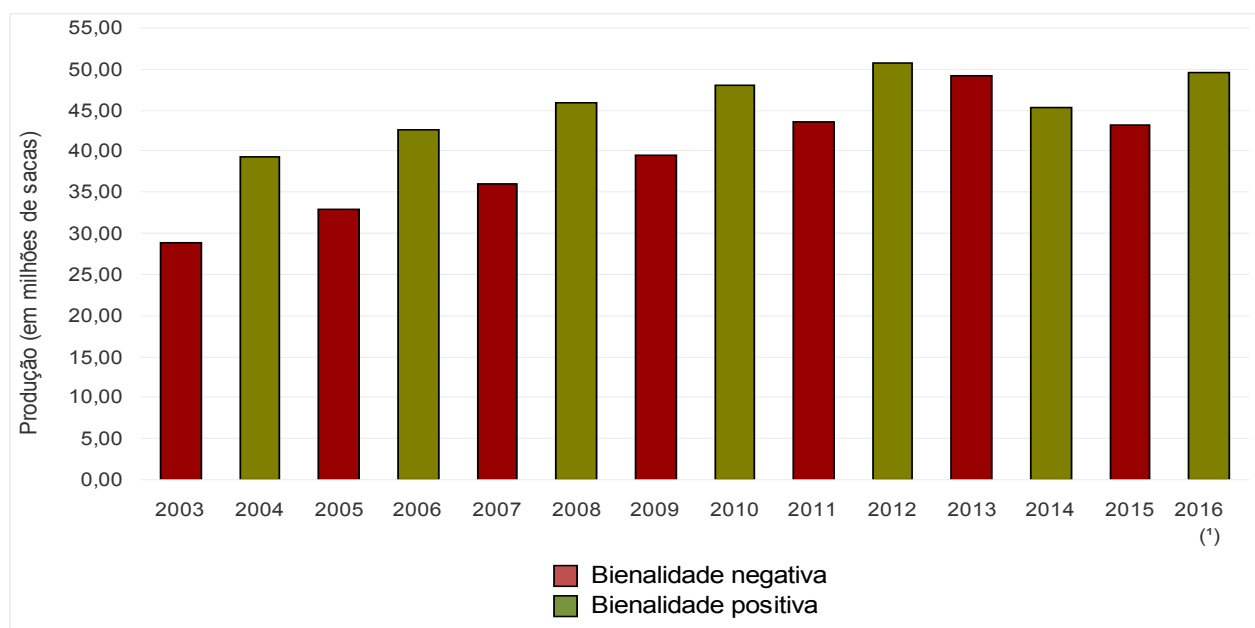
Tabela 4 - Café arábica e conilon – Série histórica de produção

REGIÃO/UF	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Arábica	20,08	31,72	23,82	33,02	25,10	35,48	28,87	36,82	32,19	38,34	38,29	32,31	32,05	43,38
Conilon	8,74	7,56	9,13	9,50	10,97	10,51	10,60	11,27	11,30	12,48	10,87	13,04	11,19	7,99
BRASIL	28,82	39,27	32,94	42,51	36,07	45,99	39,47	48,09	43,48	50,83	49,15	45,34	43,24	49,64

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em 2016.

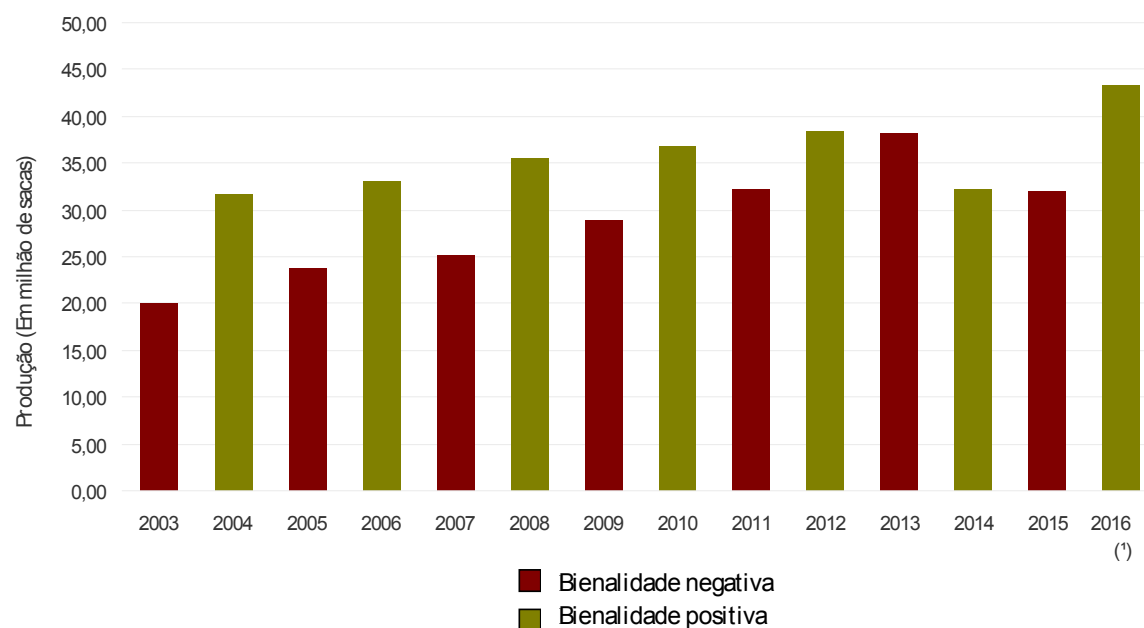
Gráfico 1 - Café total (arábica e conilon) – Série histórica de produção



Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em 2016.

Gráfico 2 - Café arábica – Série histórica de produção

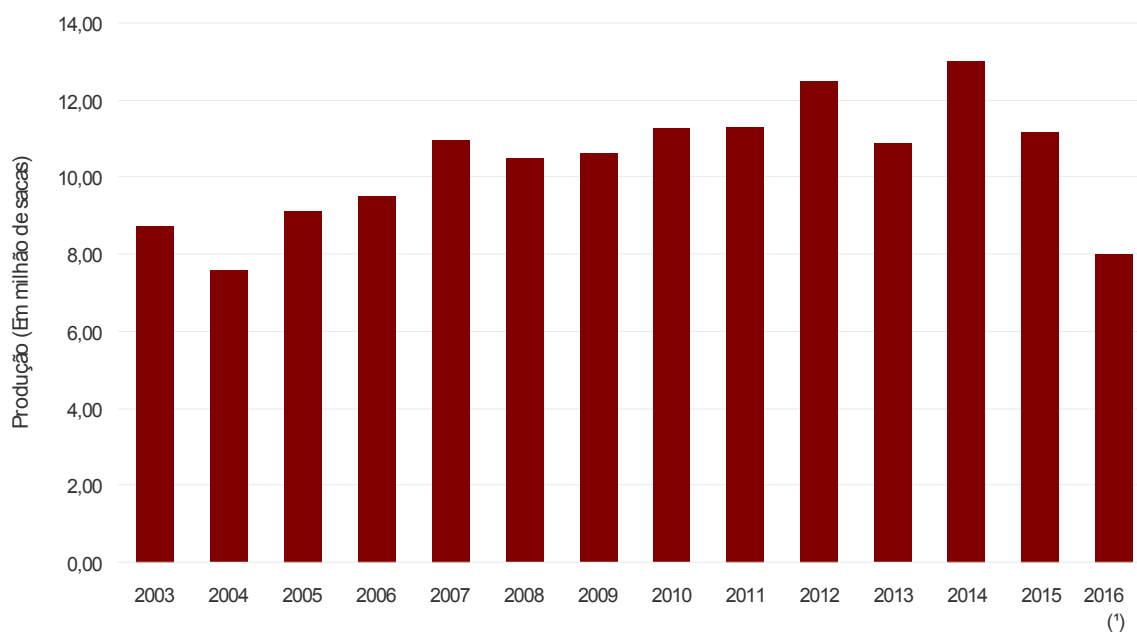


Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em 2016.



Gráfico 3 - Café conilon – Série histórica de produção



Fonte: Conab

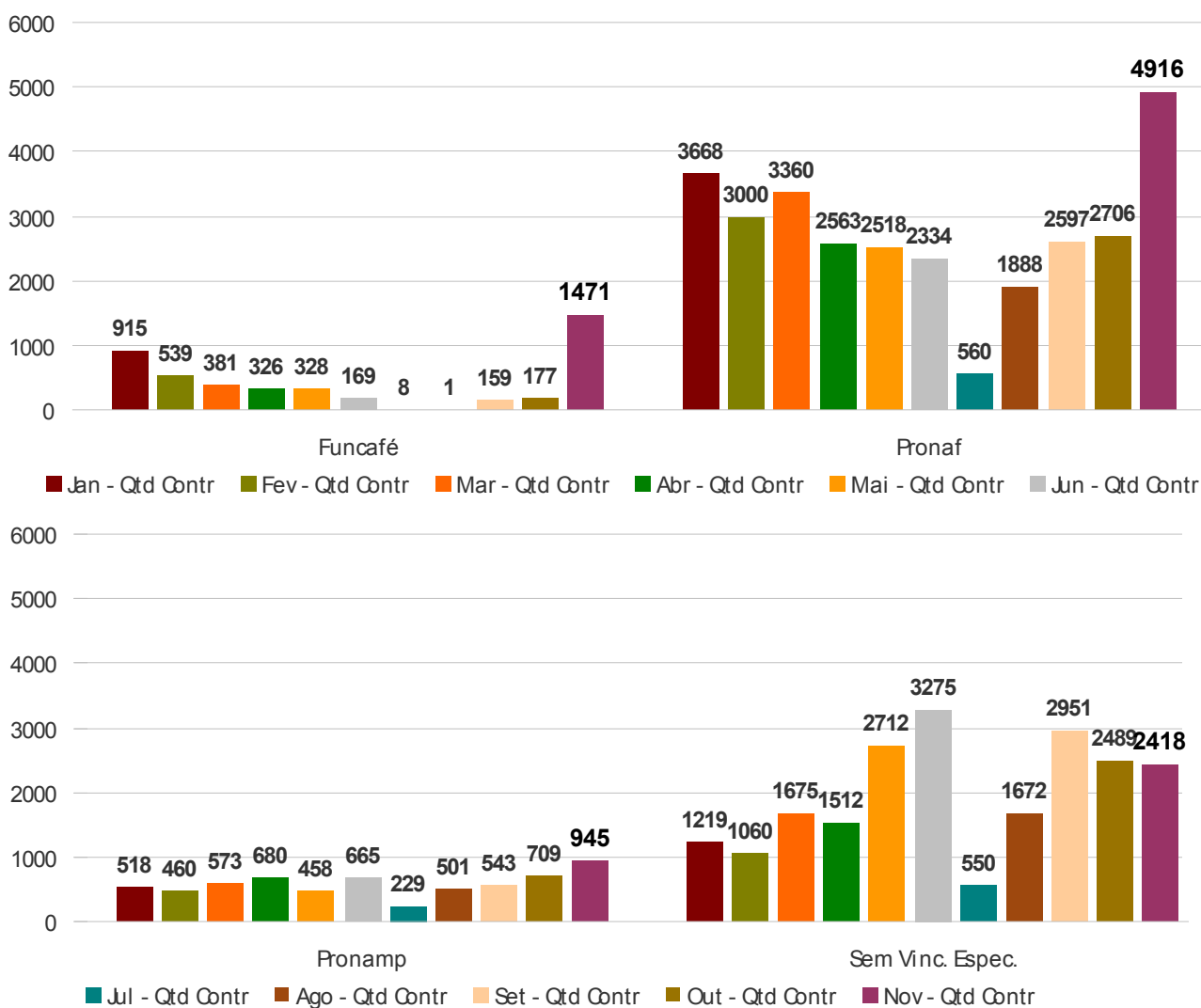
Nota: Estimativa em 2016





6. CRÉDITO RURAL

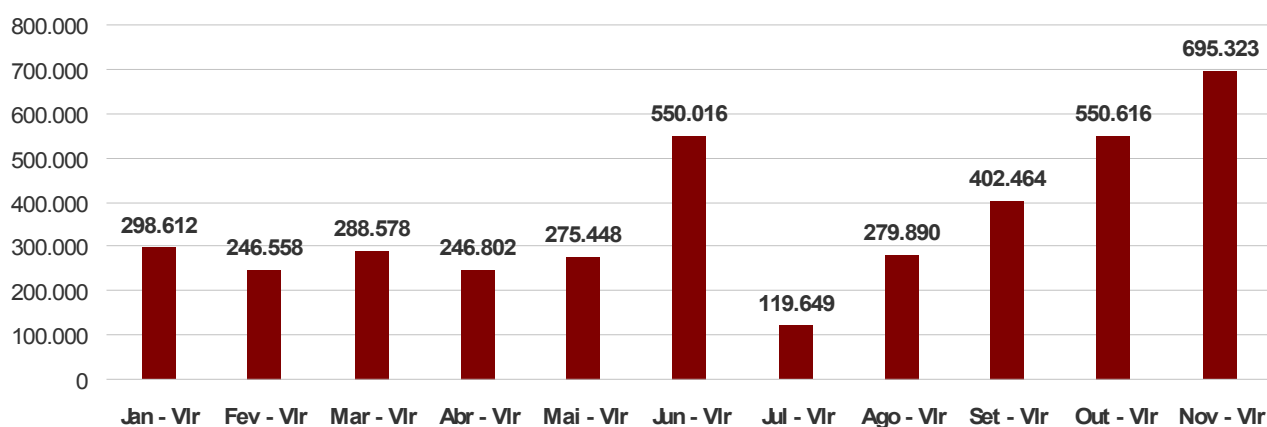
Gráfico 4 - Crédito rural - Custeio do café - Janeiro a novembro de 2016*



Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês

Gráfico 5- Total em valor contratado (janeiro a abril de 2016)*



Fonte: Bacen; Conab;

Obs.:* com possíveis alterações contratuais em vlr e qtde, dados coletados mês a mês.





7. MONITORAMENTO AGRÍCOLA

O monitoramento agrícola do café tem por objetivo contribuir com o fortalecimento da capacidade de produzir e divulgar previsões relevantes, oportunas e precisas da produção agrícola nacional. Esse monitoramento é feito a partir do mapeamento das áreas de cultivo, que auxilia na quantificação da área plantada, no acompanhamento da dinâmica do uso do solo e na análise das condições meteorológicas, desde o início do florescimento até a conclusão da colheita. A condição para o desenvolvimento das lavouras, considerando a sua localização (mapeamentos) e as fases predominantes, são analisadas no monitoramento agrometeorológico e apresentadas na avaliação por estado.

1.3. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No monitoramento agrometeorológico, dentre os parâmetros observados, destacam-se: a precipitação acumulada, o desvio da precipitação com relação à média histórica (anomalia) e a temperatura. Para os principais estados produtores, foi elaborada uma tabela que apresenta o resultado do monitoramento por mês, de acordo com a fase fenológica predominante. A condição pode ser:

- favorável: quando a precipitação e a temperatura são adequadas para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver, apenas, problemas pontuais;
- baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou ex-

cesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;

- média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas, e/ou, por baixas ou altas temperaturas;
- alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, e/ou, por baixas ou altas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção

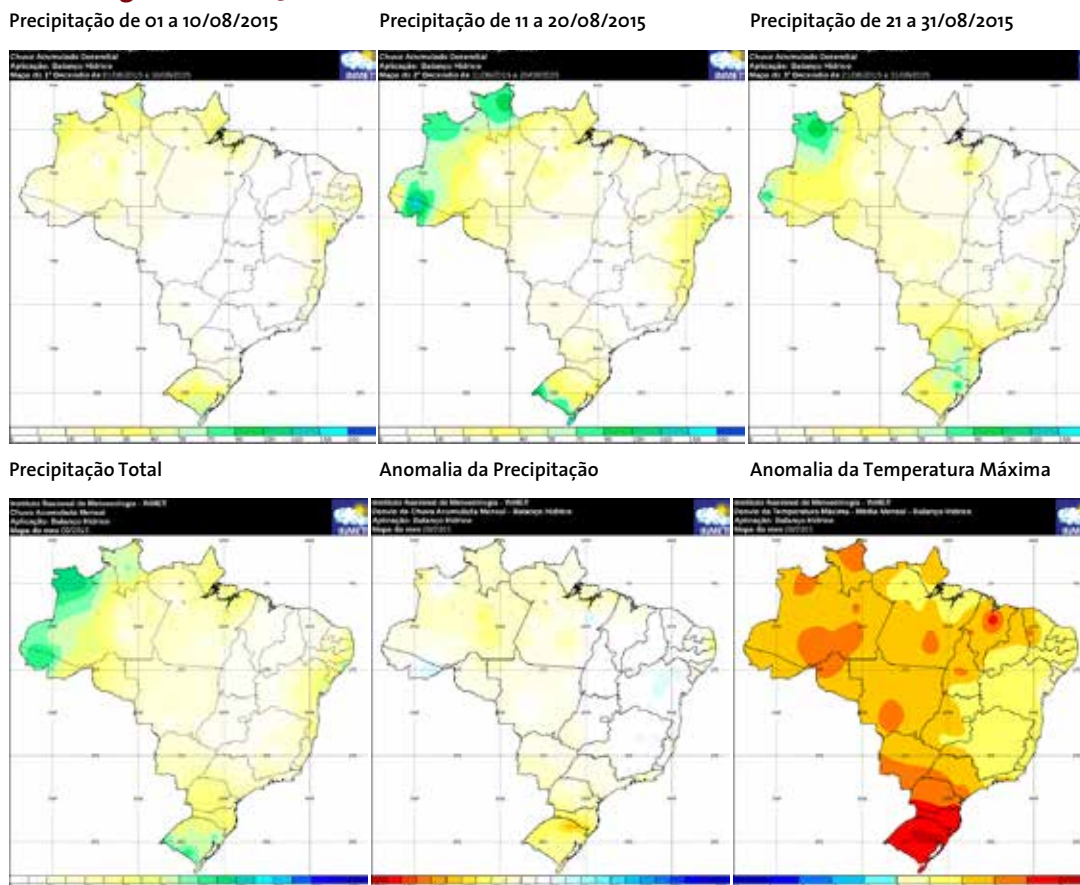
Abaixo, verificam-se as cores que representam as diferentes condições nas tabelas:

■ Favorável	■ Média restrição falta de chuva	■ Baixa restrição excesso de chuva	■ Alta restrição excesso de chuva	■ Média restrição temperaturas baixas
■ Baixa restrição falta de chuva	■ Alta restrição falta de chuva	■ Média restrição excesso de chuva	■ Baixa restrição temperaturas baixas	■ Alta restrição temperaturas baixas

Nas figuras abaixo, verificam-se os dados utilizados no monitoramento do café, que analisa a safra 2016 no período de agosto de 2015 - época de início da floração - a outubro de 2016 - quando finaliza a colheita.

Os resultados desse monitoramento são apresentados nos capítulos referentes aos estados.

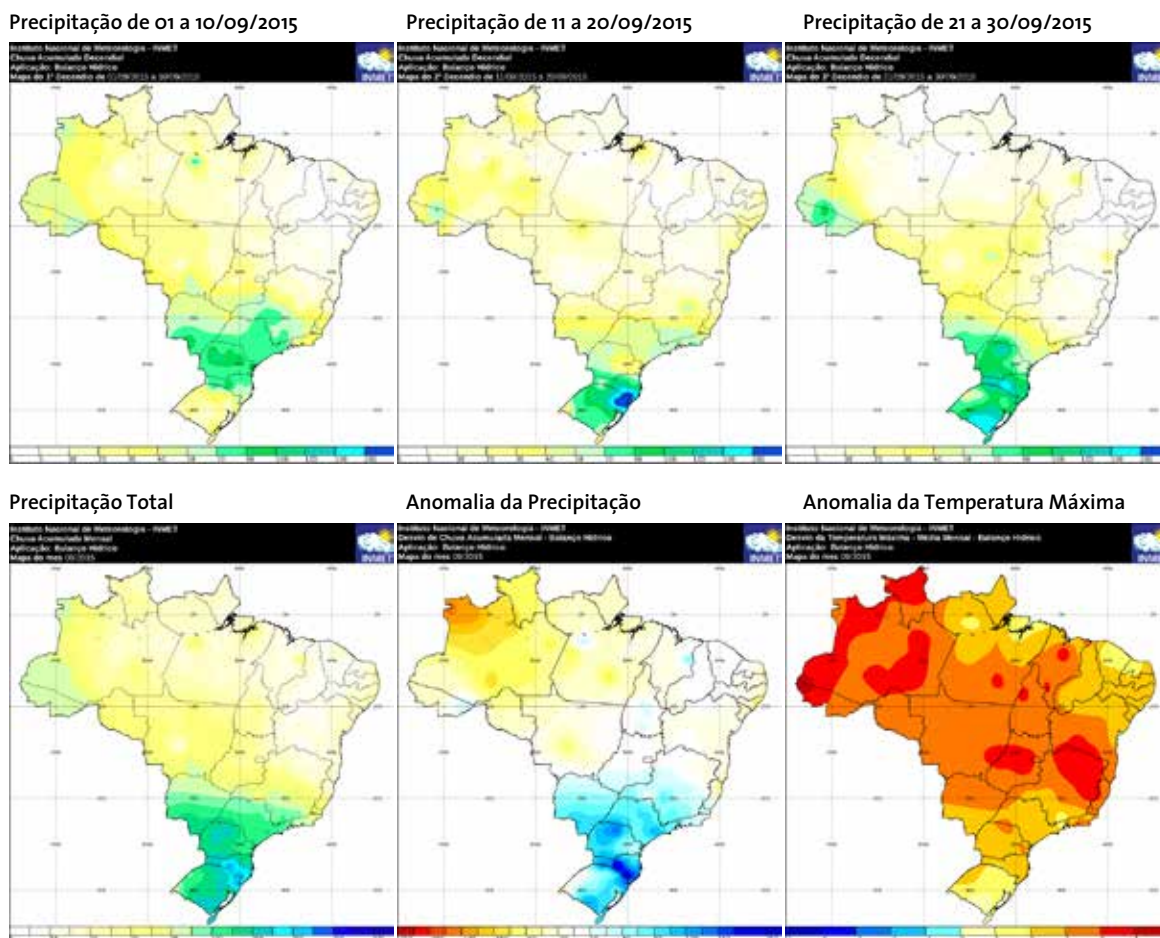
Figura 1 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em agosto de 2015



Fonte: Inmet.



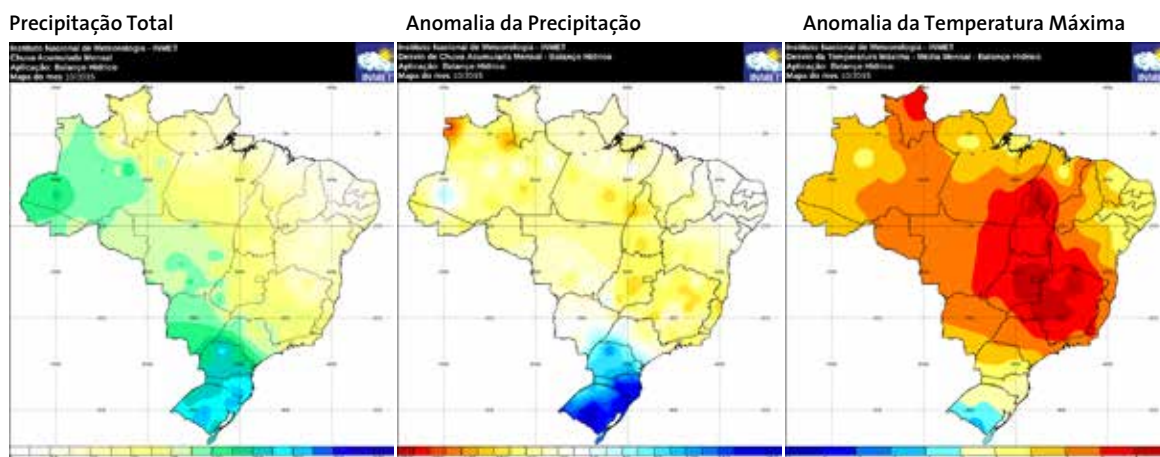
Figura 2 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em setembro de 2015



Fonte: Inmet.

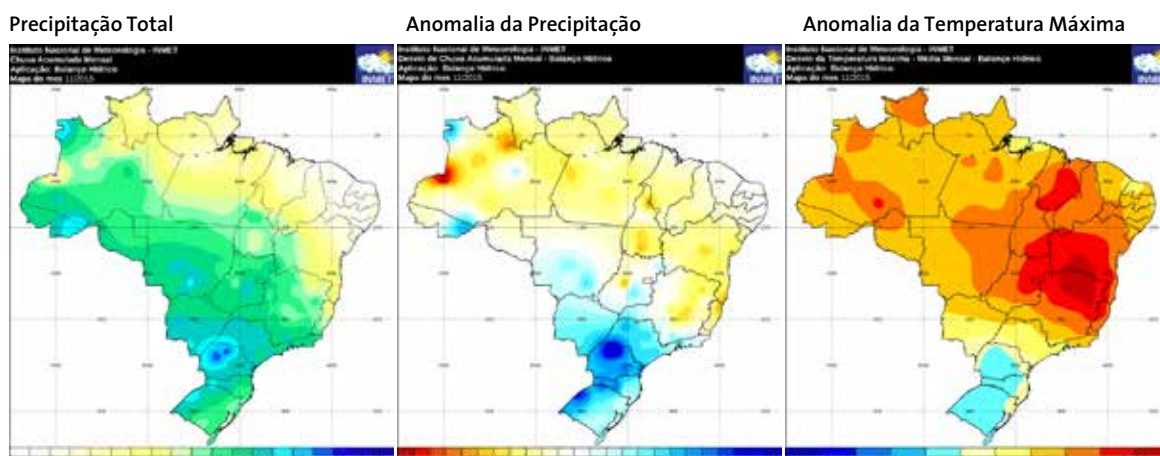
Figura 3 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em outubro de 2015





Fonte: Inmet.

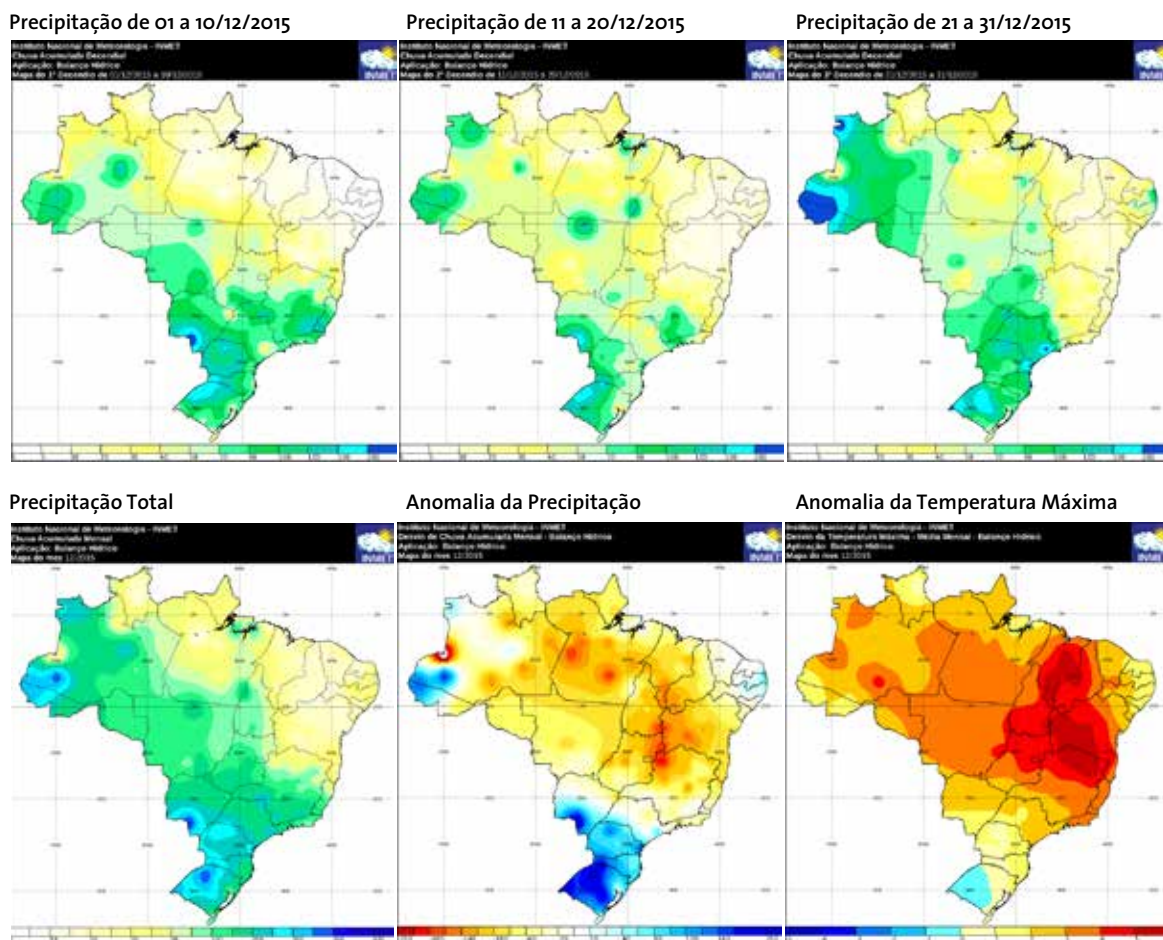
Figura 4 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em novembro de 2015



Fonte: Inmet.

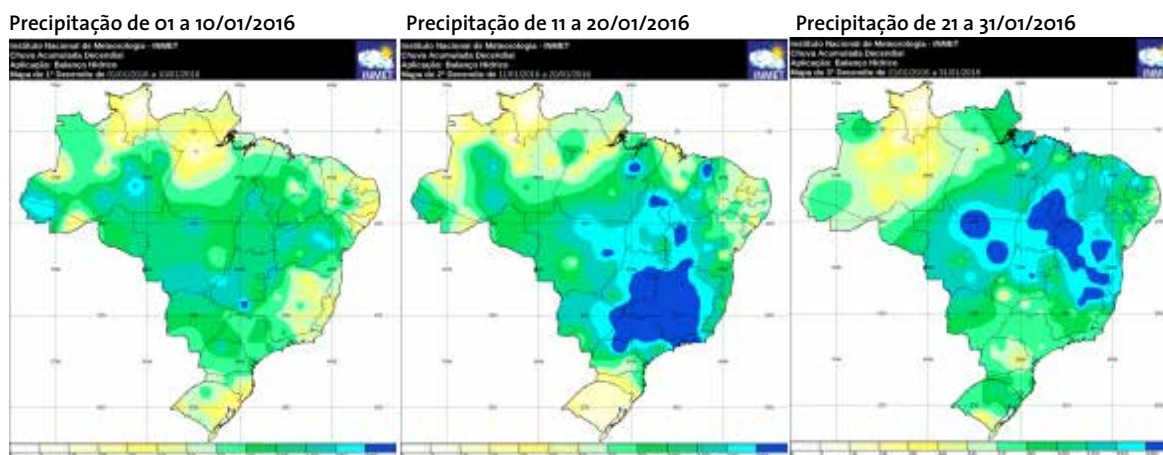


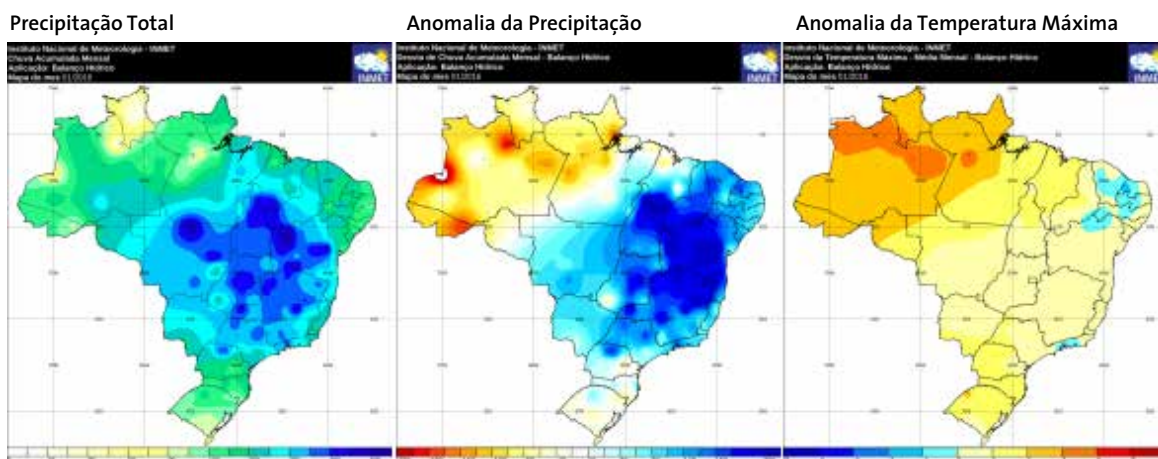
Figura 5 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em dezembro de 2015



Fonte: Inmet.

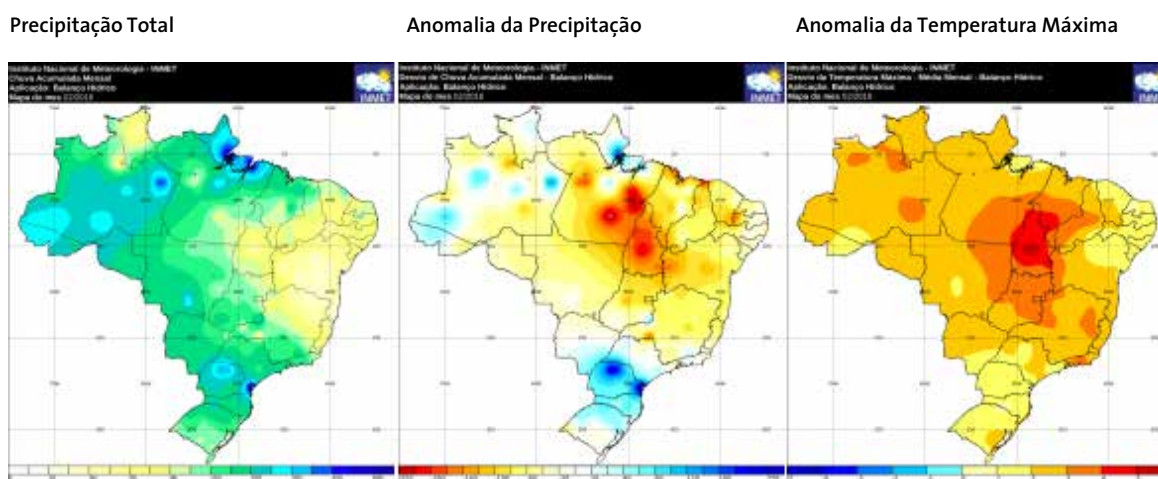
Figura 6 - Precipitação decenal, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em janeiro de 2016





Fonte: Inmet.

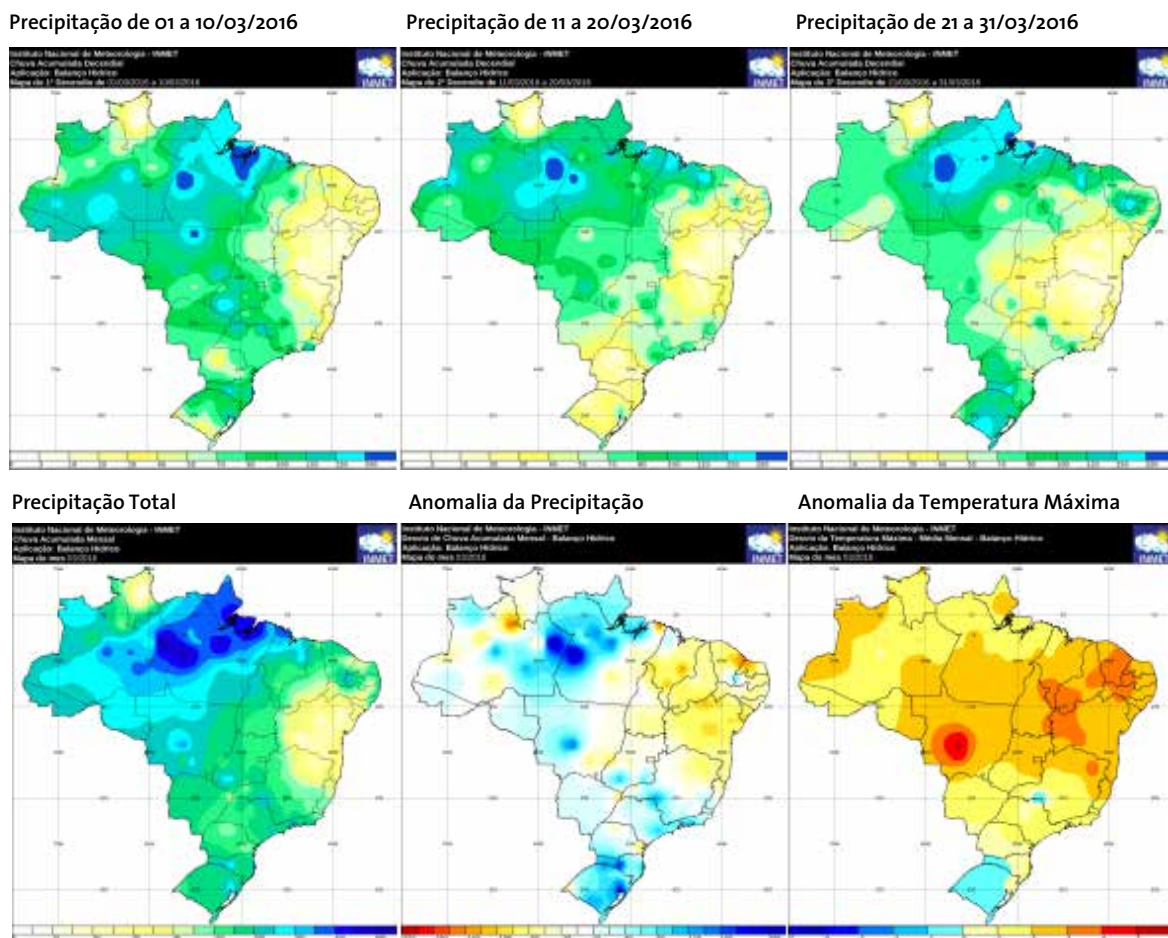
Figura 7 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em fevereiro de 2016



Fonte: Inmet.

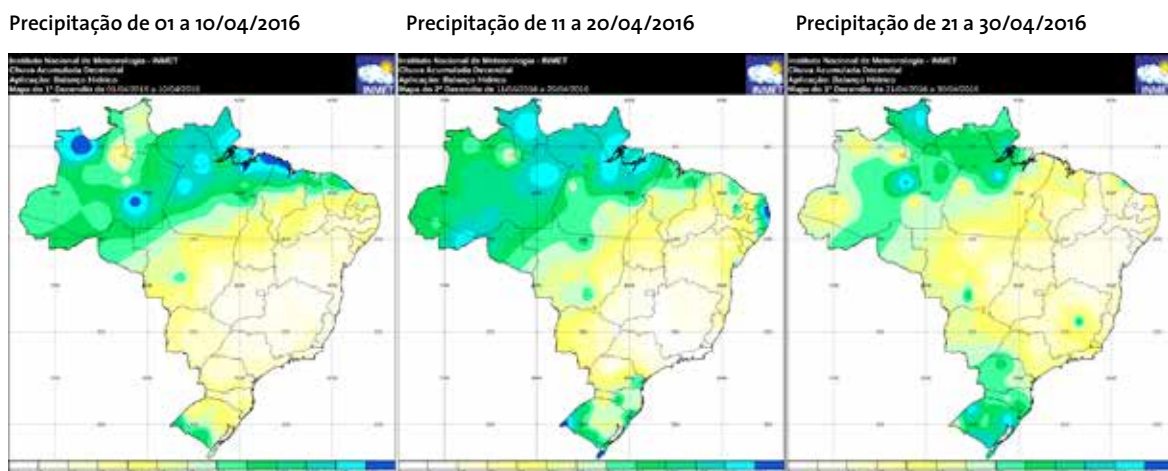


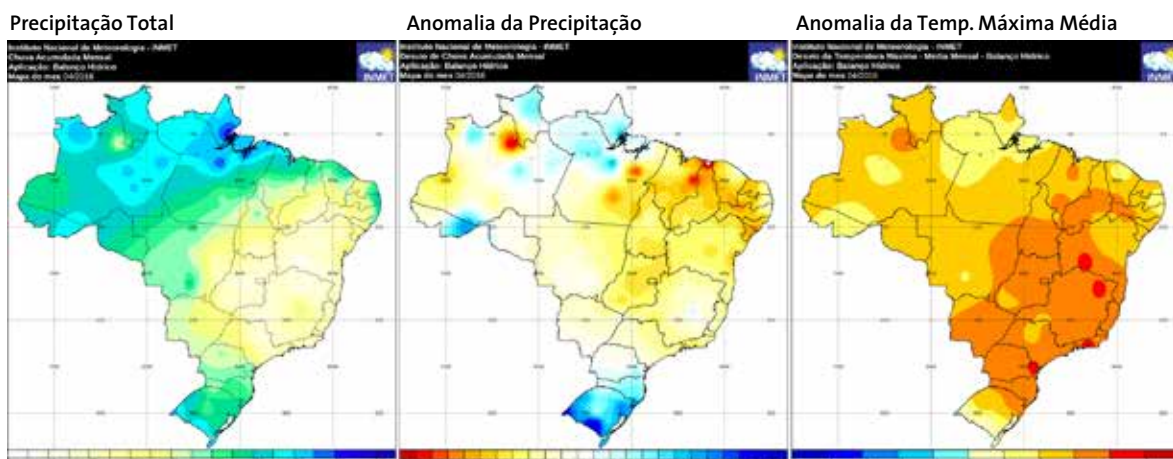
Figura 8 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima em março de 2016



Fonte: Inmet.

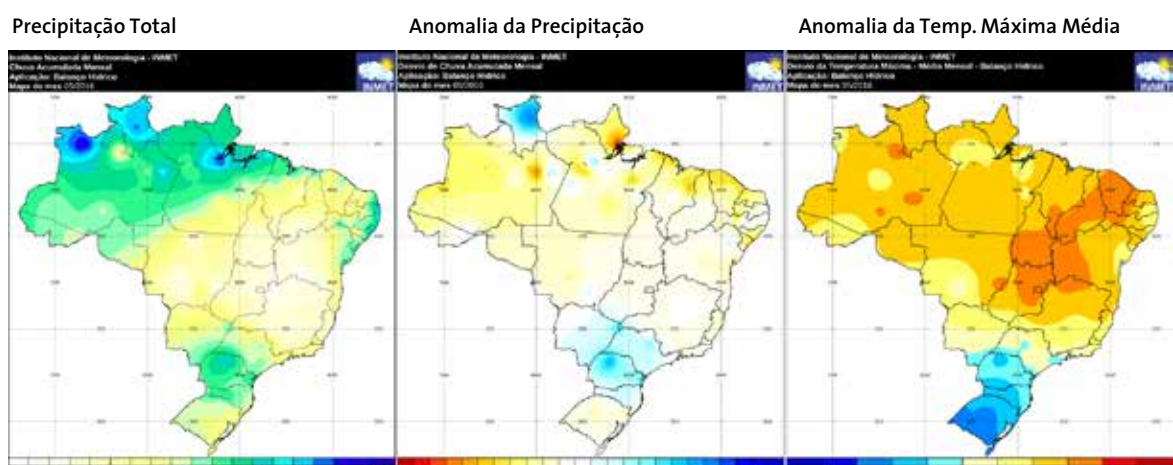
Figura 9 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em abril de 2016





Fonte: Inmet.

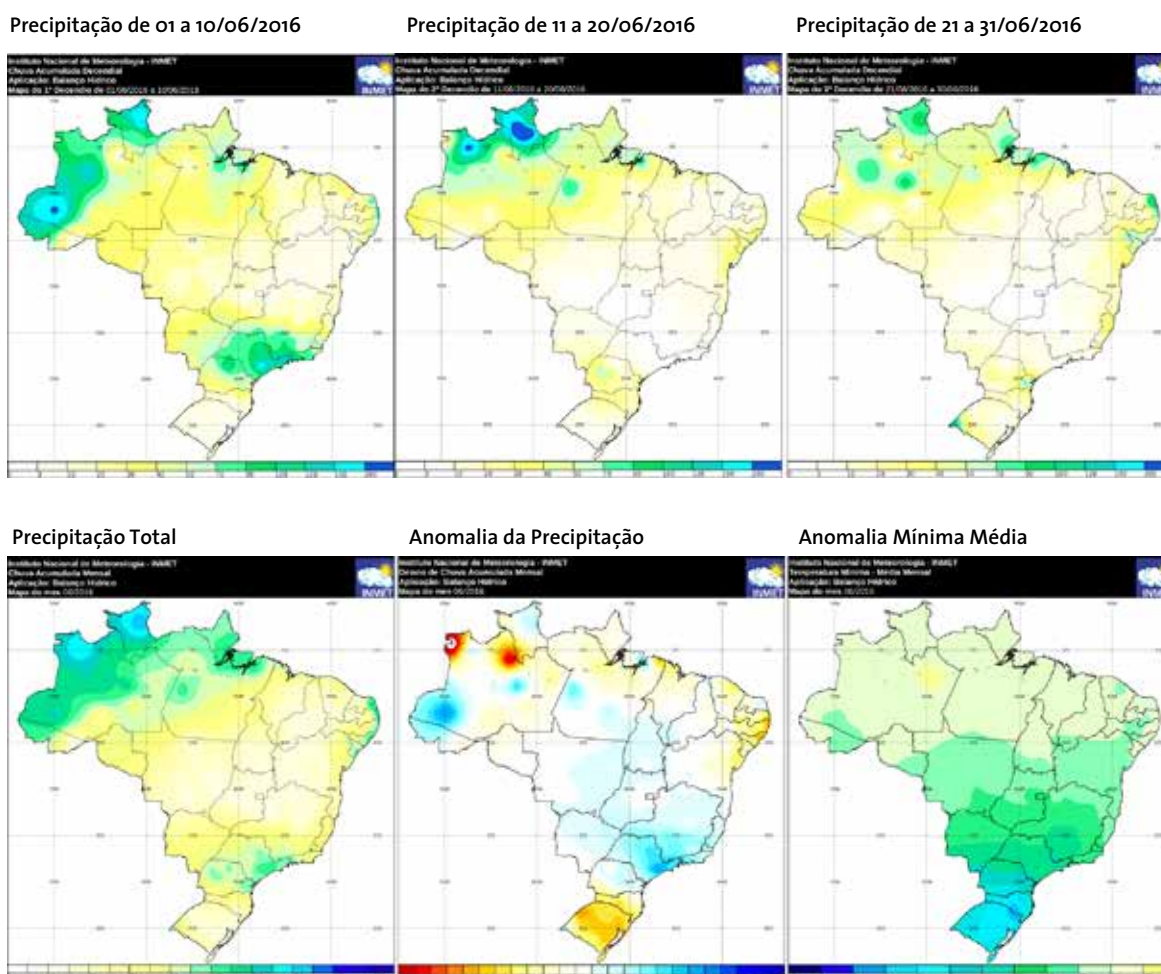
Figura 10 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em maio de 2016



Fonte: Inmet.



Figura 11 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em junho de 2016



Fonte: Inmet.

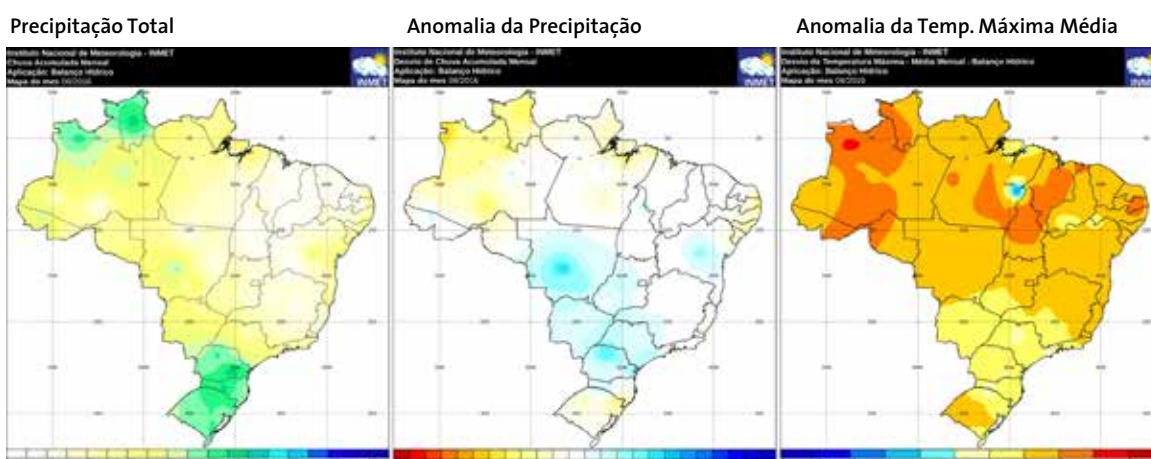
Figura 12 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e temperatura mínima média em julho de 2016





Fonte: Inmet.

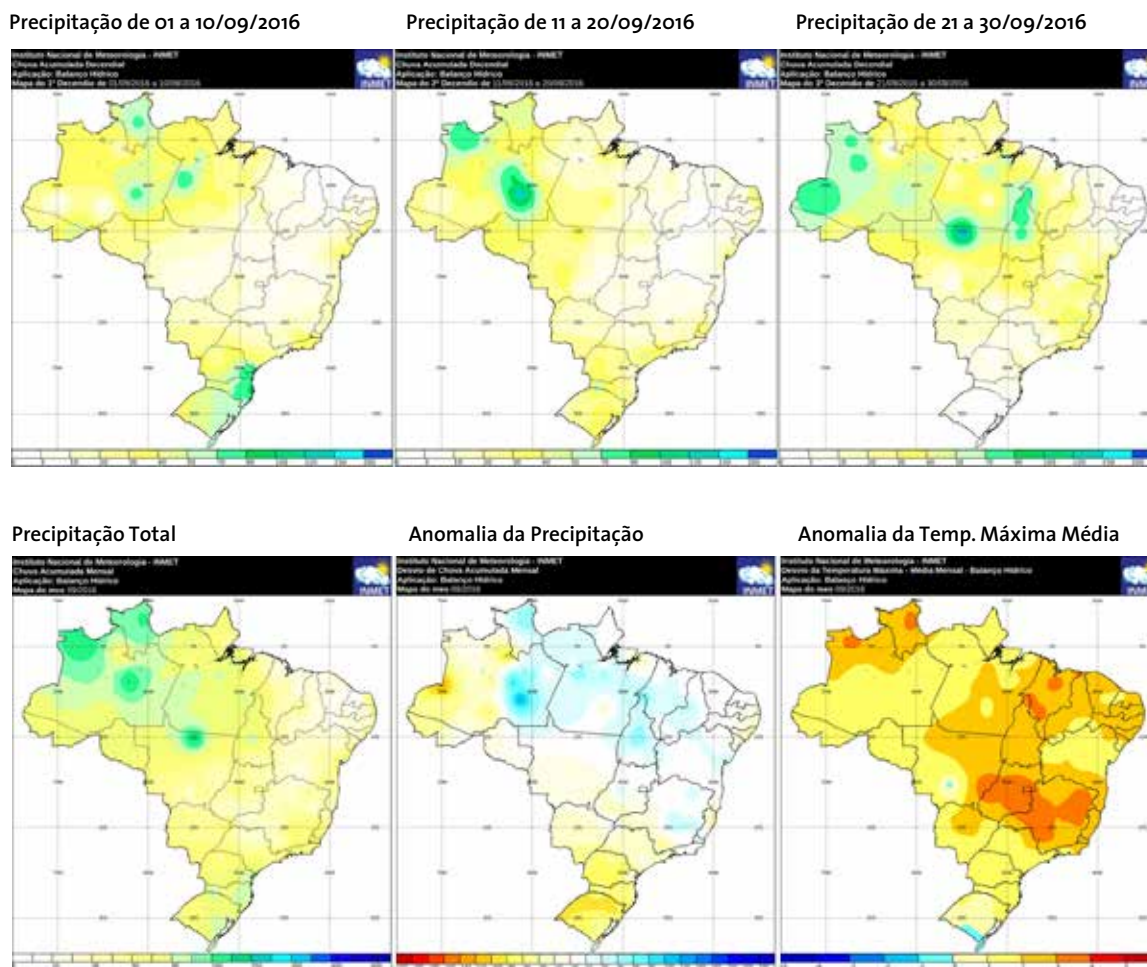
Figura 13 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em agosto de 2016



Fonte: Inmet.

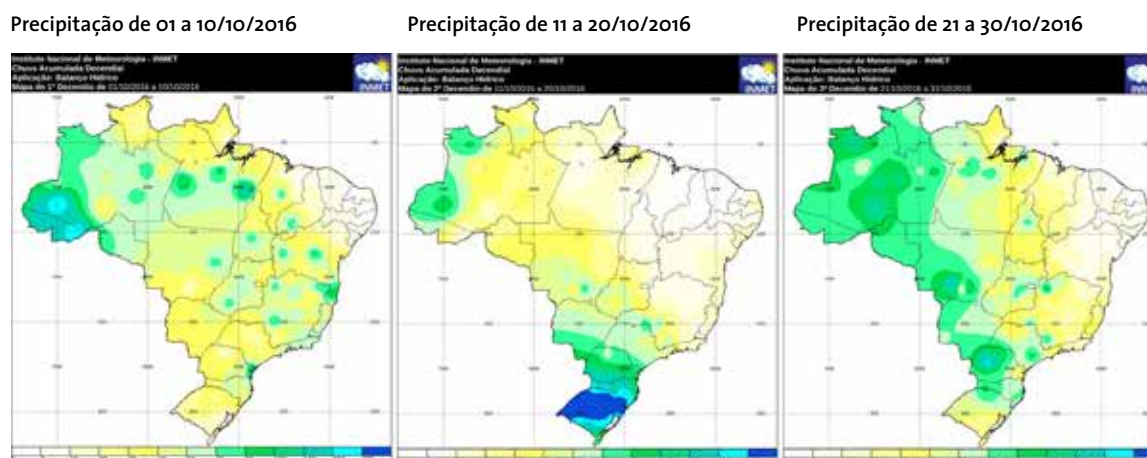


Figura 14 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em setembro de 2016

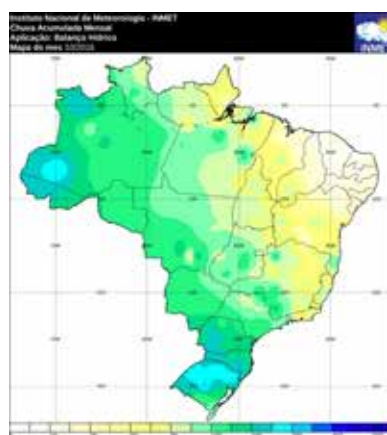


Fonte: Inmet.

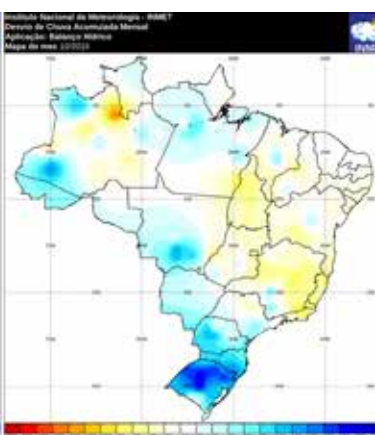
Figura 15 - Precipitação decendial, precipitação total, anomalia da precipitação e da temperatura máxima média em outubro de 2016



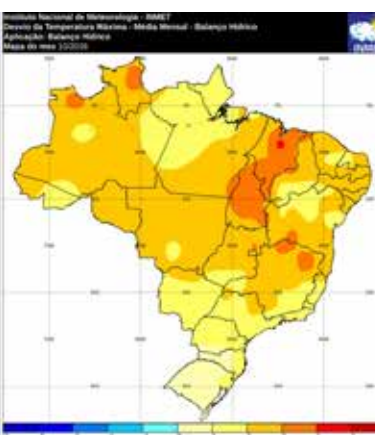
Precipitação Total



Anomalia da Precipitação



Anomalia da Temp. Máxima Média



Fonte: Inmet.





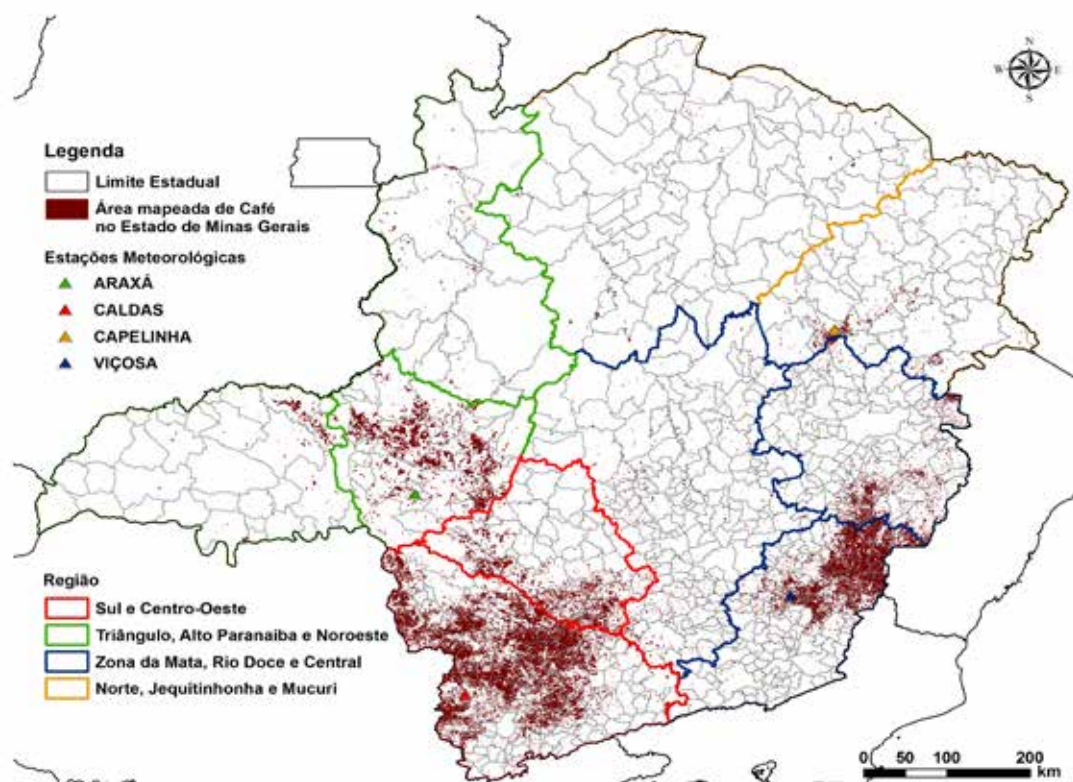
8. AVALIAÇÃO POR ESTADO

8.1. MINAS GERAIS

8.1.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

A Conab já produziu uma série de quatro mapeamentos do café no estado de Minas Gerais, e está fazendo a atualização para o ano de 2016. O último mapeamento já finalizado é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café do estado e a localização das estações meteorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento.

Figura 16 - Mapeamento do café em Minas Gerais



Fonte: Conab.

As floradas da safra 2016 em importantes regiões produtoras foram favorecidas por chuvas em setembro, principalmente na Região Sul de Minas, onde ocorreram com maior intensidade. No entanto, nos dois primeiros decêndios de outubro, em todas as regiões produtoras do estado, condições climáticas caracterizadas por altas temperaturas e precipitação abaixo da média resultaram em possíveis abortamentos dessas floradas.

O cenário modificou-se somente no final de outubro e em novembro, com chuvas favoráveis a novas floradas e à formação dos chumbinhos, nas Regiões Sul de Minas e Cerrado Mineiro. Nas outras regiões produtoras, a irregularidade da precipitação, com chuvas escassas no primeiro decêndio de novembro, resultou em baixa restrição.

Em todas as regiões produtoras, nos meses de dezembro e, principalmente, em janeiro, que apresentou chuvas bem acima da média, as condições climáticas foram benéficas. Já, em fevereiro, houve restrições por falta de chuva nas regiões produtoras Rio Doce, Norte, Jequitinhonha e Mucuri. Nessas três últimas regiões citadas, em março, a condição climática não se alte-

rou, com impactos às lavouras em granação.

Em abril, em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis à granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

Nos meses de maio a outubro, predominaram chuvas reduzidas, que beneficiaram a maturação e o avanço da colheita. No entanto, precipitações intensas concentradas no primeiro decêndio de junho resultaram em perdas na qualidade dos grãos no Sul de Minas.

Além disso, em julho, ocorreram geadas em partes do Sul de Minas e do Alto Paranaíba. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos. Na estação meteorológica de Caldas, houve registros de temperaturas negativas.

No Quadro 1, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Minas Gerais



Gráfico 6 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Araxá

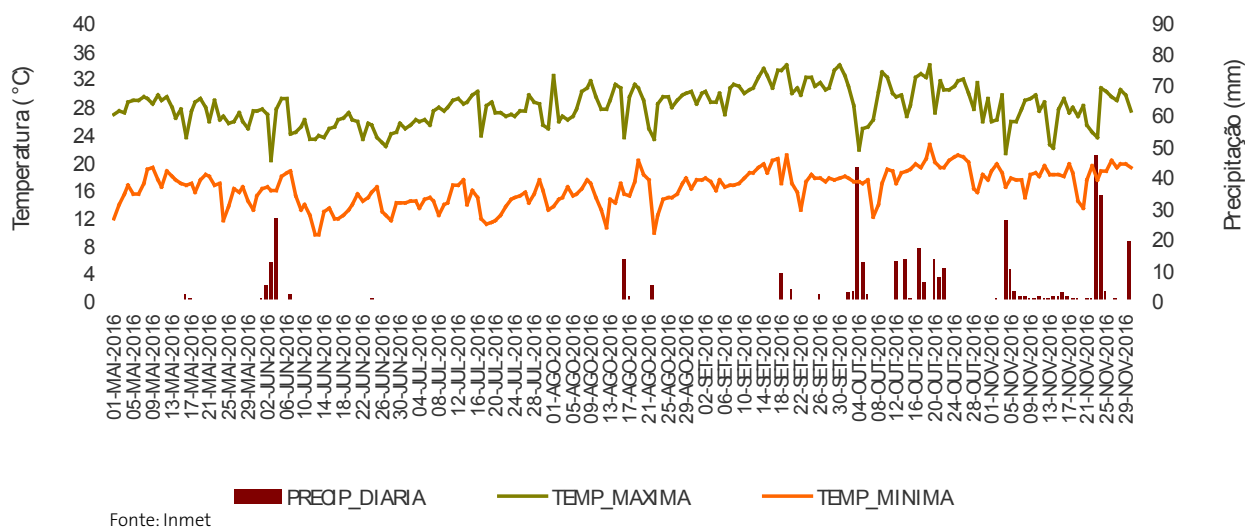


Gráfico 7 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Caldas

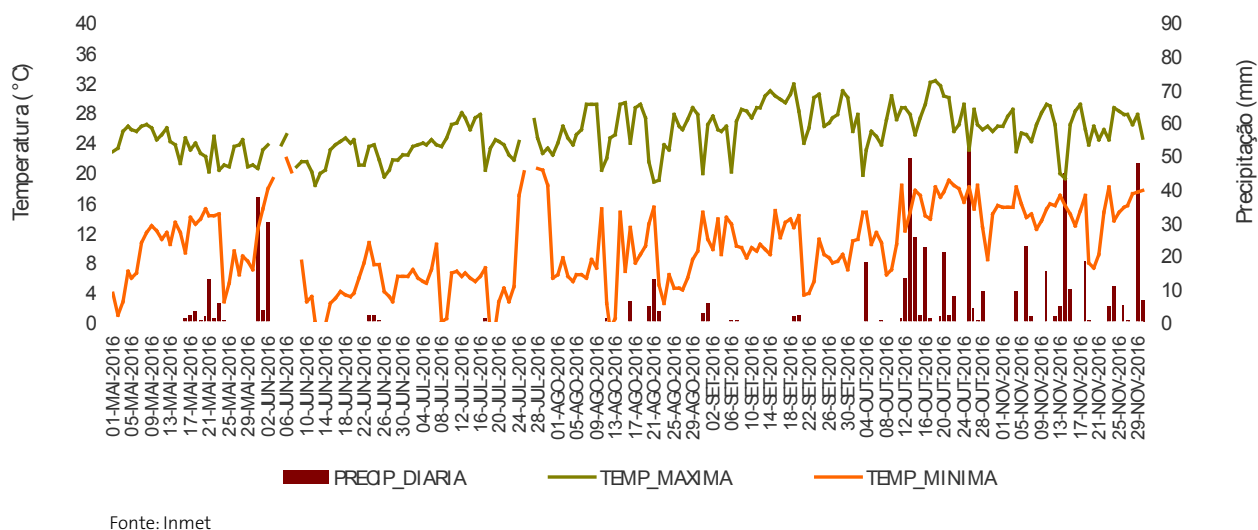


Gráfico 8 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Capelinha

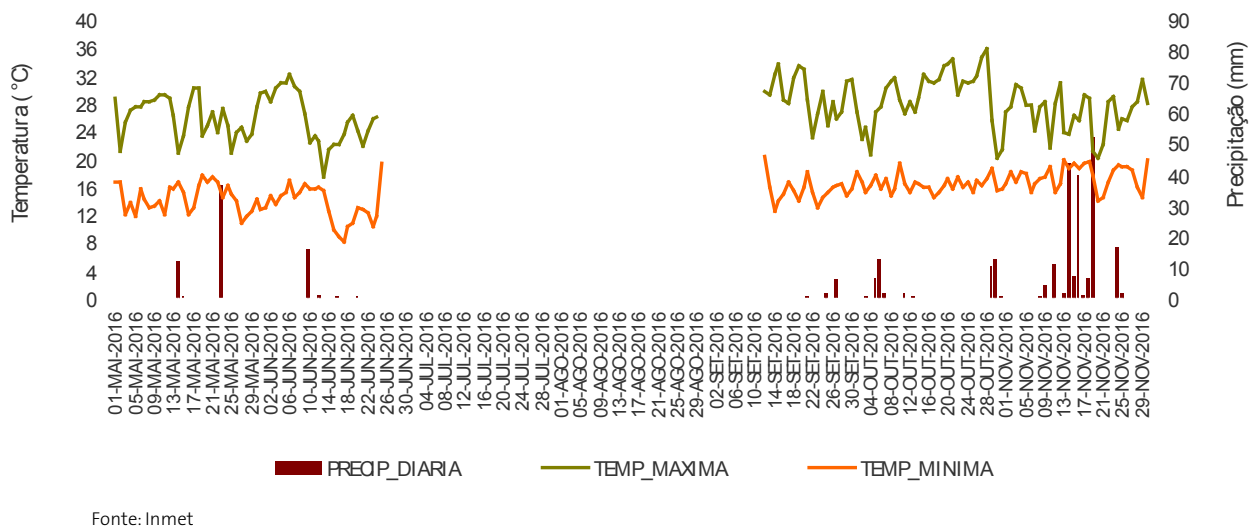
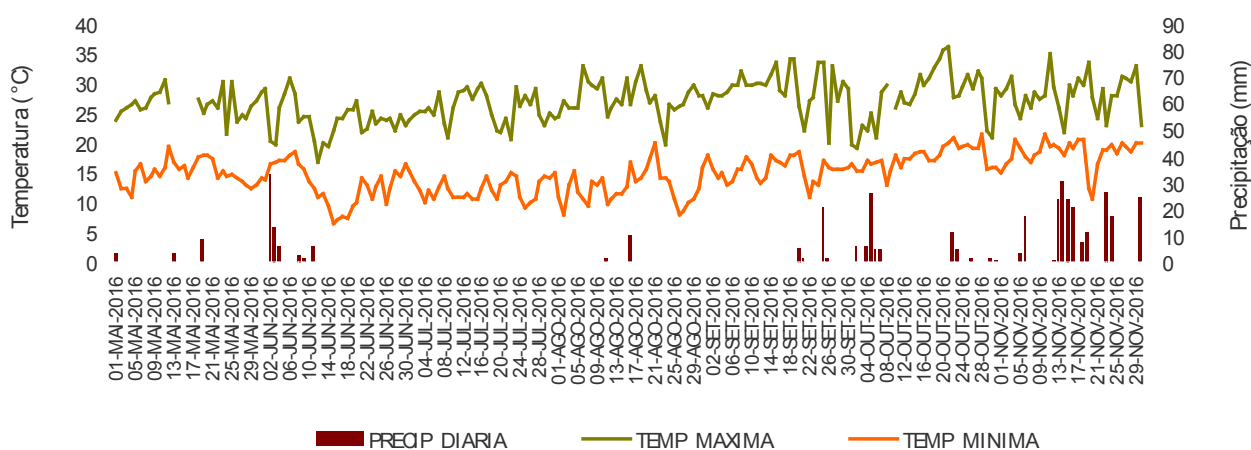


Gráfico 9 – Estações meteorológicas do Inmet em Minas Gerais - Viçosa



Fonte: Inmet.

Quadro 1 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a outubro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Minas Gerais

Minas Gerais														
Ano		2015				2016								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Sul de Minas (Sul e Centro-Oeste)	F	F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C***	C	C	C
	Cerrado Mineiro (Triângulo, Alto Paraíba e Noroeste)	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Zona da Mata, Rio Doce e Central	F	F	CH**	EF	EF	GF**	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Norte, Jequitinhonha e Mucuri		F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas na região do Rio Doce houve restrição por falta de chuvas e altas temperaturas.

*** houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva	 Baixa restrição Excesso de chuva
---	---	---	---

Fonte: Conab.

8.1.2. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas, observadas no período compreendido entre fevereiro e maio de 2015, com a retomada das chuvas, favoreceram o desenvolvimento de ramos produtivos e criaram boas expectativas com relação à produção da safra 2016.

Choveu bem no início de setembro, alavancando uma primeira e principal florada, seguiu-se período de 30 a 40 dias de estiagem, causando algum abortamento, e voltou a chover a partir do final de outubro, concorrendo para uma segunda boa florada.

Novembro transcorreu com precipitações boas e regulares, acompanhadas de temperaturas bastante elevadas, em dezembro houve uma maior alternância de períodos de chuva e sol. Esta situação favoreceu o “pegamento” dos frutos.

A alternância de períodos de chuva e sol retornou a

partir de meados de janeiro em toda a região, criando condições favoráveis para o enchimento dos grãos.

O período de 30 a 40 dias de estiagem e altas temperaturas que se seguiu, de meados de março ao final de abril, chegou a criar alguma apreensão com relação ao desenvolvimento das lavouras mais novas, mas de modo geral, não impactou a produtividade esperada das áreas em fase de produção, visto que os grãos já se encontravam bem formados e granados.

Chuvas esparsas a partir do final de abril concorreram para acelerar a maturação dos grãos e para preservar as boas condições das lavouras.

Ocorrência de chuvas mais continuadas em algumas regiões, entre final de maio e início de junho, causou um certo atraso na colheita, mas de modo geral, sem prejuízo da qualidade da bebida dos cafés, visto que



as temperaturas mais baixas não favoreceram a fermentação dos grãos. Houve, entretanto, uma seca mais rápida dos grãos, intensificando o percentual de cafés de varrição, que chegou até a 40% em algumas lavouras.

Seguiu-se um período de clima mais seco, favorecendo as atividades de colheita e secagem de café nos terreiros.

8.1.3. SITUAÇÃO DAS LAVOURAS

Em razão da alta produção deste ano, principalmente nas regiões Sul de Minas e Cerrado Mineiro, os cafezais sentiram bastante os efeitos desta carga produtiva elevada, fazendo que as lavouras ficassem bastante depauperadas e com elevado índice de desfolhamento, condição que deverá concorrer para um

Em meados de julho houve relatos de geada em diversos municípios, notadamente em áreas de baixa- da, onde não se recomenda o plantio de lavouras de café, provocando danos de intensidade variável às lavouras, mas sem afetar a produção da safra em andamento, que já estava com sua carga definida e com os grãos completamente desenvolvidos. No período da colheita houve predominância de tempo seco, na maioria das regiões produtoras, favorecendo a qualidade do produto colhido.

crescimento substancial na área de podas, embora grande parte dos produtores tenha procurado manter os tratos culturais dentro da normalidade ao longo do presente ano safra, adubando e fazendo as aplicações recomendadas de fungicida e inseticida.

8.1.4. MINAS GERAIS

A produção de café em Minas Gerais está estimada em 30.724.085 sacas na safra 2016, sendo 30.427.900 sacas de café arábica e 296.200 sacas de café conilon. A variação percentual é de 2,35% para mais ou para menos, com intervalo de produção entre 30.003.187 sacas e 31.444.984 sacas.

A área total de café em produção deve totalizar 1.009.481 hectares, superior em 4,2% em comparação à safra passada e a produtividade média do estado está estimada em 30,44 scs/ha, 32,2% acima do resultado obtido na safra 2015.

Em comparação com a safra 2015, o resultado do presente levantamento sinaliza um crescimento da produção cafeeira de Minas Gerais, na ordem de 37,8%, pautada principalmente na expansão projetada para as regiões do Cerrado Mineiro e Sul de Minas. Para a região da Zona da Mata, que apresenta bienalidade invertida com relação ao estado, a estimativa é de redução da produção na ordem de 8,0%, em relação a 2015.

Região do Sul de Minas – Em termos de produção, a safra 2016 na região Sul de Minas totalizou 16.627,7 mil sacas de café, resultado que confirma as expectativas iniciais de um novo recorde de produção, não só na região, mas também em Minas Gerais, e representa um crescimento de 8,35% relativamente ao levantamento anterior, que previa uma colheita de 15.346,8 mil sacas, um incremento de 53,84% e 53,91%, respectivamente, com relação aos fracos resultados das safras 2015 (10.808,3 mil sacas) e 2014 (10.803,7

mil sacas), que foram seriamente prejudicadas por adversidades climáticas, e supera em 20,6% o recorde anterior de produção alcançado na safra 2012, que foi de 13.792 mil sacas.

A área total de café no Sul de Minas está estimada em 631,7 mil hectares, o que representa um crescimento de 0,6% em relação a 2015 e de 1,50% relativamente a 2014. Houve uma queda na área em formação estimada em 107,5 mil hectares, de 28,2% com relação à safra 2015 e de 11,52% em relação à safra 2014, e um incremento na área em produção, estimada em 524,2 mil hectares, de 9,66% com relação à safra 2015 e de 4,59% em relação à safra 2014, números explicados parcialmente pela escassez de oferta de mudas para novos plantios ou renovação de áreas, bem como pela diminuição no índice de podas, motivada pelos bons preços de mercado, pelas perspectivas de bons rendimentos na presente safra, bem como pela necessidade de aumento na renda dos produtores, para compensar os fracos resultados da safra 2015.

No tocante à produtividade média da safra 2016 na região Sul de Minas, os resultados verificados com a finalização da colheita permitiram uma reavaliação a maior em torno de 8,19% com relação ao último levantamento, passando para 31,72 sc/ha, 40,29% acima do resultado alcançado em 2015, 47,19% acima dos níveis atingidos na safra 2014, e já superando em 19,16% a média atingida na safra recorde 2012, que foi de 26,62 sc/ha. Os produtores, embora um pouco mais descapitalizados, em face das perdas sofridas nas duas últimas safras, procuraram manter o nível tecnológico



das lavouras, realizando os procedimentos de manejo e de adubação para otimizar os resultados de suas lavouras. As condições climáticas contribuíram significativamente para os resultados alcançados, visto que transcorreram favoráveis em termos de volume e distribuição de chuvas, concorrendo para um bom crescimento de ramos produtivos, boas floradas, baixos índices de abortamento de flores e chumbinhos, boa granação dos frutos, maturação mais uniforme e melhora expressiva na renda do beneficiamento do café, que superou a média histórica de 480 litros de café em coco por saca de 60 litros de café beneficiado.

Também em termos de qualidade, os resultados foram positivos. Grãos bem formados, pesados, mais graúdos, percentual maior de peneira alta, bebida boa e preços remuneradores e relativamente estáveis mesmo no pico da colheita.

Mas os cafezais sentiram bastante os efeitos da carga produtiva elevada, bem como os ataques de bicho mineiro que se seguiram ao período de estiagem, os problemas recorrentes de ataques de ferrugem e as baixas temperaturas registradas no inverno e apresentaram um alto índice de desfolha, voltando a se recuperar, no entanto, com a retomada das chuvas.

Se em 2016 se consolidou como um ano de safra recorde na região, as expectativas são de que a safra 2017 apresente uma queda significativa na produção devido à baixa bienalidade e às perspectivas de que o volume de podas se intensifique nas lavouras de maior carga e mais sentidas e também no manejo das áreas afetadas pelas geadas.

Região do Cerrado Mineiro – A quarta estimativa de produção de café na região do cerrado mineiro para a safra 2016, é de 7.401.648 sacas de 60 quilos, o que representa um aumento de 74,86% comparativamente à safra anterior. A produtividade média apresentou um incremento de 62,96%, passando de 24,81 scs/ha em 2015, para 40,43 scs/ha em 2016. A área de café em produção teve um acréscimo de 7,3% em relação à safra passada. A área total de café na região do cerrado mineiro está estimada em 208.562 hectares, sendo 183.076 hectares em produção e 25.486 hectares em formação e renovação. O aumento estimado para a produção de café na safra 2016, se deve ao expressivo ganho de produtividade em razão do ciclo biennial da cultura, potencializado por produções menores do que o esperado, principalmente, nas duas últimas safras, decorrente de condições climáticas desfavoráveis e ao incremento significativo da área de café em produção na ordem de 7,3%, resultante da incorporação de novas áreas que se encontravam em formação e renovação devido a podas realizadas, especialmente “esqueletamentos”. Em relação ao levantamento an-

terior, realizado em agosto, houve um incremento de 7,15% na produtividade.

Este último levantamento da temporada confirmou as expectativas otimistas inicialmente projetadas para a safra de café 2016, na região do cerrado mineiro. As condições climáticas, de maneira geral, foram favoráveis para o desenvolvimento dos grãos no decorrer do ciclo produtivo das lavouras, resultando em cafés bem granados. A renda obtida no beneficiamento, ou seja, a relação entre o café em coco e café beneficiado, ficou dentro da normalidade. As condições climáticas favoráveis no período de colheita, com predominância de tempo seco e baixa umidade relativa favoreceu também a obtenção de cafés de boa qualidade.

Região da Zona da Mata Mineira – A produção de café estimada para a safra 2016 é de 6.081.902 sacas. Os levantamentos de campo apontam para redução da produção em 8% quando comparada com a safra anterior. A área em produção está estimada em 269.593 hectares, decréscimo de 6,2% em relação à safra 2015. A produtividade média está estimada em 22,6 scs/ha, 1,9% menor em comparação com a safra passada. A redução da produção se deve à bienalidade negativa das lavouras, à redução da área em produção, já que parte das lavouras precisou ser reformada após ano de alta produção em 2015 (renovação, podas, substituição), e ao menor crescimento das hastes e respectivos internódios, com redução do potencial produtivo dos cafezais das regiões mais baixas e quentes, onde o impacto do déficit hídrico acumulado dos últimos anos é mais visível.

As chuvas de verão tiveram início em meados de setembro e se estenderam de forma irregular até a segunda quinzena de novembro em praticamente todos os municípios da Zona da Mata Mineira e Região do Rio Doce. Ainda que irregulares estas chuvas reduziram o déficit hídrico do solo e propiciaram a abertura de duas a três floradas nos cafezais da região, visto que as ocorridas em setembro e novembro foram as mais vigorosas. Condições climáticas favoráveis no período de dezembro de 2015 a fevereiro do corrente ano, caracterizadas por chuvas bem distribuídas e com intensidade dentro das médias regionais de pluviosidade, contribuíram para a boa granação dos frutos e bom desenvolvimento dos cafezais, confirmando as expectativas iniciais de boa carga produtiva para as lavouras na safra 2016. Entretanto, nos municípios pesquisados na região do Rio Doce, chuvas escassas e mal distribuídas em fevereiro durante a granação dos frutos, prejudicaram a renda no beneficiamento. A partir de meados de março ao final de abril, forte estiagem acompanhada de altas temperaturas e alta insolação provocaram queima de ponteiros e murchamento de frutos em lavouras localizadas em re-



giões mais baixas e quentes, prejudicando de forma variada o desenvolvimento vegetativo das lavouras. Tal queima se evidencia nos cafezais mais novos, podados e naqueles mal tratados e mal manejados, normalmente vulneráveis às intercorrências climáticas por possuírem sistema radicular subdesenvolvido, com possíveis impactos para a próxima safra.

Ressaltamos que a carga das lavouras em 2016 é menor na maior parte dos municípios visitados, quando comparada com a safra passada, uma vez que a atual safra é considerada como bienalidade baixa ou negativa na região, em condição inversa às demais regiões produtoras de café do estado. De maneira geral, as lavouras apresentam boas condições vegetativas e nutricionais, sem sinais de infestação de pragas ou doenças de maior relevância, indicando boas perspectivas para a produção da safra 2017. Tal condição reflete o retorno das chuvas e a retomada dos tratos culturais das lavouras, incentivados pela manutenção de bons preços de comercialização do café nos últimos anos. Todavia, a escassez de chuvas e elevadas temperaturas em alguns dos municípios visitados propiciou o aparecimento de doenças como a ferrugem, e inviabilizou a realização da terceira adubação, reduzindo o aproveitamento dos nutrientes pelas plantas, com possíveis prejuízos ao seu desenvolvimento.

Com a colheita encerrada e a safra em estágio avançado de comercialização, os levantamentos de campo apontam para uma colheita dentro das expectativas iniciais, ou seja, o rendimento dos frutos alcançado na colheita foi considerado dentro dos padrões médios históricos da região, a despeito das intercorrências climáticas observadas ao longo do ano, notadamente as fortes estiagens acompanhadas de altas temperaturas nas lavouras localizadas em regiões mais baixas e quentes, com maior incidência de frutos menores e defeituosos. Os concursos de qualidade de cafés na região confirmaram a boa granação dos frutos das amostras, através do volume significativo de cafés retidos no teste da peneira 16 mm, tanto para cafés naturais quanto para o café cereja descascado.

8.1.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alavancada pela alta produção das principais regiões produtoras, como o Sul de Minas e o Cerrado, a safra 2016 se apresenta como uma safra recorde em Minas Gerais. A manutenção dos preços de comercialização em patamares remuneradores contribuiu para a adoção de melhores tratos culturais, e as condições climáticas foram favoráveis ao bom desenvolvimento dos grãos na maior parte das lavouras do parque cafeeiro do estado.

Nessa mesma direção, a qualidade final da bebida auferida nas amostras foram extremamente satisfatórias, confirmando que a desuniformidade da maturação dos frutos em razão extenso período de floradas e da incidência de insolação com altas temperaturas, somadas às chuvas ocorridas no início da colheita, não prejudicaram, de maneira significativa, os trabalhos de beneficiamento do café colhido. Tal performance foi alcançada em razão das boas condições climáticas e do bom desempenho produtivo dos cafeeiros localizados nas regiões mais altas, com rendimento na colheita e qualidade da bebida acima das médias inicialmente esperadas, compensando as quebras das lavouras nas regiões baixas e quentes.

Os cafeicultores já realizaram os trabalhos de podas (esqueletamento e recepa), análises de solo e calagem das lavouras. Anteciparam também a aquisição de fertilizantes e defensivos agrícolas e deram início aos tratos culturais com vistas a preparar os cafezais para a nova safra na região, que teve início com a chegada das chuvas de verão na região da Zona da Mata em meados de setembro.

Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha/Mucuri –

A produção de café nesta região está estimada em 612.825 sacas, que representa variação negativa de 6,04% em relação à safra 2015. O fator de maior impacto nesta redução da produção se deve a condições climáticas desfavoráveis para agricultura. Já nas lavouras irrigadas o que se observa é uma redução drástica na irrigação, chegando a situações extremas, como registrado no município de Taiobeiras, onde do total de 755 hectares de lavouras em produção, 305 hectares deixaram de ser irrigados e deixarão de produzir. Assim, mesmo as lavouras irrigadas foram penalizadas em face do recorrente déficit hídrico característico da região. A área em produção de 32.592 hectares permaneceu praticamente estável em relação a 2015. A produtividade média foi estimada em 18,8 scs/ha, inferior em 5,34% em comparação com a safra anterior.

Em contrapartida, as expectativas para a safra 2017 é de redução significativa na produção devido à baixa bienalidade das lavouras nas regiões Sul e Cerrado Mineiro e ao aumento significativo no percentual de podas naquelas lavouras mais depauperadas, que apresentaram elevada carga produtiva na safra atual.

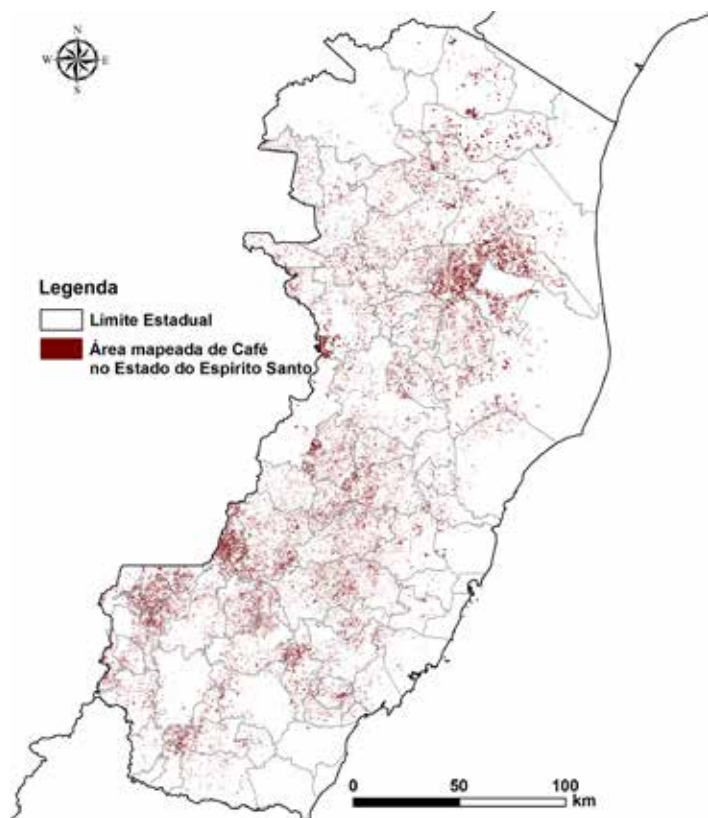


8.2. ESPÍRITO SANTO

8.2.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

O mapeamento no estado do Espírito Santo é apresentado abaixo.

Figura 17 – Mapeamento do café no estado do Espírito Santo



Fonte: Conab.

No sul do estado, onde há maior concentração de lavouras de café arábica, a floração da safra 2016 foi favorecida pelos volumes de chuva que ocorreram principalmente no primeiro e segundo decêndios de setembro. No entanto, houve restrições para o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos frutos, em função das chuvas abaixo da média e das altas temperaturas nos meses de outubro e novembro.

Já, de dezembro a março (com exceção de fevereiro), nessa região do estado, houve condições suficientes para o desenvolvimento da safra, apesar da irregularidade das chuvas verificada entre os decêndios.

Em abril, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação dos frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

No norte do estado, onde há maior concentração do café conilon, as condições climáticas foram mais restritivas. Ao contrário do sul, em setembro, dezembro e março, o menor volume de precipitação resultou em restrições à granação dos frutos. Já, em abril, as chuvas escassas favoreceram as lavouras em maturação e início de colheita.

O impacto na produtividade pelas condições adversas do clima poderia ter sido menor em lavouras irrigadas, que estão concentradas na região norte. No entanto, não houve disponibilidade de água para irrigação, e as anomalias de temperatura máxima foram muito altas.

Nos meses de maio a outubro, em todo estado, as condições climáticas favoreceram a maturação e o avanço da colheita

Nos Quadros 2 e 3, verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Espírito Santo.



Quadro 2 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a outubro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café conilon no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Conilon**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	F/CH	CH/EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região norte.

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva
 Média restrição falta de chuva

Fonte: Conab.

Quadro 3 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a outubro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café arábica no Espírito Santo

Espírito Santo – Café Arábica**														
Ano	2015				2016									
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	C	C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** maior concentração na região sul

Favorável
 Baixa restrição falta de chuva

Fonte: Conab.

8.2.2. ASPECTOS GERAIS

Como resultado desse trabalho se verifica que a produção estimativa de safra cafeeira de 2016 no Espírito Santo foi de 8.967 mil sacas. Desse quantitativo, 3.932 (43,49%) mil sacas de café arábica e 5.035 (56,51%) mil sacas de café conilon. Esse total é oriundo de um parque cafeeiro em produção de 410.057 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 26,21 scs/ha para o café arábica e 19,36 scs/ha para o café conilon, resultado em uma produtividade estadual, ponderando café arábica e conilon em 21,87scs/ha.

Fazendo um paralelo entre a produção de 2015 e 2016, verifica-se o decréscimo de 16,2% na produção geral do Espírito Santo, acréscimo de 33,79% para o café arábica e decréscimo de 35,12% para o café conilon.

O acréscimo na produção de café arábica se deve aos resultados do Programa Renovar Café Arábica desenvolvido no estado; boa florada e enchimento de grãos; bom vigor das lavouras devido às baixas produções das duas últimas safras, associadas aos bons tratos dos cafeicultores nas suas plantações; melhoria de preços, sobretudo, para os cafés com qualidade superior, proporcionando condições para os produtores utilizarem mais adequadamente e com maior intensidade as tecnologias.

O decréscimo significativo da produção de café conilon foi reflexo da intensa seca no estado desde 2014, associada a altas temperaturas e insolação em todas as regiões produtoras de conilon no Espírito Santo.

8.2.3. CAFÉ ARÁBICA

Para o fechamento da estimativa de previsão de safra cafeeira 2016, a produção de café arábica do Espírito Santo foi estimada em 3.932 mil sacas, 33,79% superior à produção de 2015, que foi de 2.939 mil de sacas. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 150.025 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 26,21 scs/ha.

O acréscimo para a produção de café arábica de 2016, deve-se aos seguintes fatores: produtores inseridos no Programa de Renovação e Revigoramento de La-

vouras, baixa produção dos dois últimos anos, adequada florada, a melhora de preços, principalmente para os cafés de melhor qualidade levaram a muitos produtores a cuidar melhor das plantações com uso mais intenso de tecnologias.

As lavouras têm potencial para maior produção devido à inserção cada vez maior dos cafeicultores ao Programa de Renovação e Revigoramento de Lavouras (Programa Renovar Café Arábica), com a utilização das boas práticas agrícolas. Mas, os preços ainda bai-



xos principalmente para os cafés normais, levaram os produtores a fazerem adubações e os tratos culturais

aquém das recomendações técnicas

8.2.4. CAFÉ CONILON

Para o fechamento da estimativa de safra 2016 de café conilon, a produção foi estimada em 5.035 sacas, que representa decréscimo de 35,12% em relação à safra 2015/2016. Essa produção é oriunda de um parque cafeeiro em produção de 260.032 hectares. A pesquisa indica uma produtividade média de 19,36 scs/ha.

As lavouras de café conilon no Espírito Santo vêm sendo renovadas e revigoradas na ordem de 7% a 8% ao ano, sobre novas bases tecnológicas, com cultivares clonais mais produtivas, nutrição adequada, poda, manejo de pragas e doenças, irrigação. Como resultado aplicado, a produção do estado vinha ininterruptamente crescendo na média de 5% ao ano. Essa sequência positiva de crescimento foi interrompida nos dois últimos anos por problemas climáticos (seca, má distribuição de chuvas, associados a altas temperaturas e insolação).

O decréscimo significativo da produção de café conilon em 2015 e 2016 se deve aos seguintes fatores: 1) a seca e má distribuição de chuvas por mais de dois anos consecutivos, principalmente nas épocas do florescimento, formação e enchimento de grãos, interferiram no número e época das floradas, na fertilização das flores, no número e no desenvolvimento dos frutos, provocou a queda de folhas e de frutos em crescimento e prejudicou o desenvolvimento e vigor da planta; 2) a falta de água nos mananciais (córregos, rios, represas) associada a normativa de proibição de irrigação durante o dia por falta de água em todo o Espírito Santo, comprometeu a irrigação de 70% das lavouras do Espírito Santo que são irrigadas; 3) a falta de água provocou a redução de adubações, prejudicou os tratos culturais, promoveu maior incidência de ácaros vermelho, cochonilha da roseta e broca das hastes. Registra-se as consequências dos problemas associados às mudanças climáticas em todas as regiões produtoras de café conilon do estado, mas as maiores perdas foram em lavouras não irrigadas, com significativa diferenciação entre as regiões

Registra-se que as lavouras apresentam capacida-

de de responder ainda mais à produção. Para tal, há necessidade de melhorar as estruturas para a preservação de água e melhorar o manejo de irrigação. As lavouras têm sido renovadas com cultivares melhoradas e outras tecnologias associadas, que, com certeza, poderão contribuir para aumentar de forma significativa a produção e melhoria na qualidade final do produto do café conilon no Espírito Santo.

A condições climáticas muito adversa, principalmente nesses dois últimos anos, jamais vista na cafeicultura do conilon, por intermédio do aumento média da temperatura média durante o dia de até 3°C e redução média da precipitação pluviométrica entre 30 e 60% nas diferentes regiões e à deficiência de irrigação por falta de água, promoveram danos muitos significativos nas lavouras, com interferência muito expressivas nas produções e na qualidade nos anos de 2015 e 2016, podendo se estender para 2017.

A remuneração mais adequada para os cafés conilon de qualidade superior será um grande incentivo para os cafeicultores aumentarem a produtividade e inserirem mais intensamente no Programa de Melhoria da Qualidade do Café ConilonCapixaba.

A condições climáticas muito adversa, principalmente nesses dois últimos anos, jamais vista na cafeicultura do conilon, por intermédio do aumento média da temperatura média durante o dia de até 3°C e redução média da precipitação pluviométrica entre 30 e 60% nas diferentes regiões e à deficiência de irrigação por falta de água, promoveram danos muitos significativos nas lavouras, com interferência muito expressivas nas produções e na qualidade nos anos de 2015 e 2016, podendo se estender para 2017.

A remuneração mais adequada para os cafés conilon de qualidade superior será um grande incentivo para os cafeicultores aumentarem a produtividade e inserirem mais intensamente no Programa de Melhoria da Qualidade do Café ConilonCapixaba.

8.3. SÃO PAULO

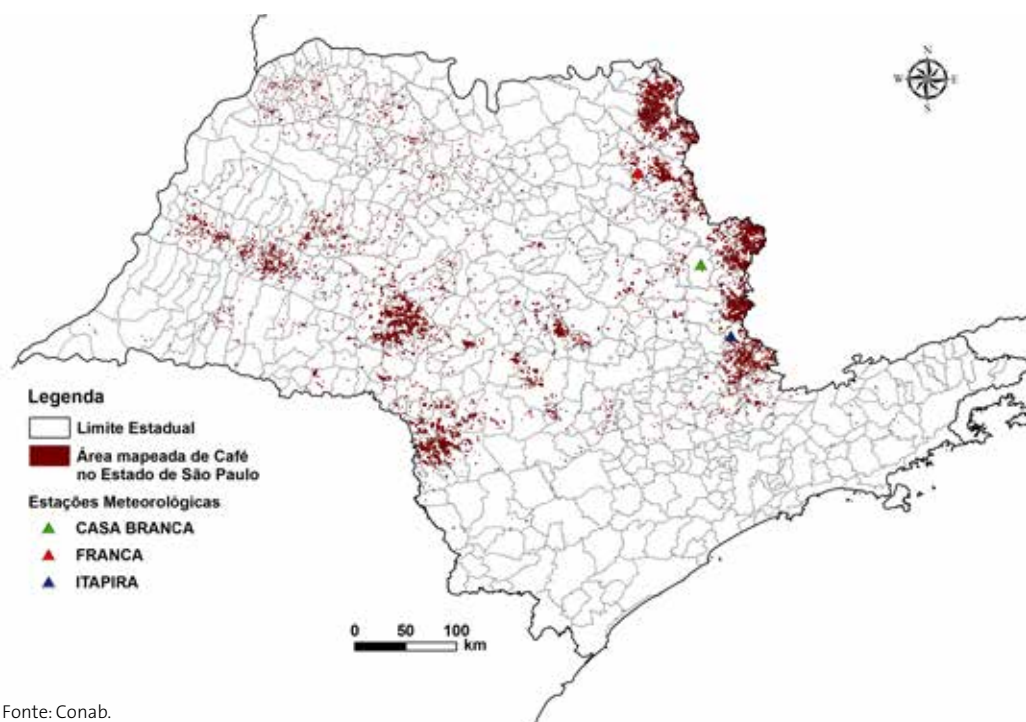
8.3.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

No Estado de São Paulo, foram realizados três mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização das estações meteorológicas do Instituto

Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento.



Figura 18 – Mapeamento do café em São Paulo



Fonte: Conab.

As floradas foram favorecidas por chuvas em setembro, principalmente, ao sul do estado, onde ocorreram com maior intensidade. Em outubro, ao sul, com precipitações dentro ou acima da média, houve umidade suficiente para o pegamento das floradas. No entanto, ao norte, precipitações abaixo da média e altas temperaturas resultaram em restrições ao início da safra.

Já no período de novembro a março, em todas as regiões produtoras, as lavouras foram beneficiadas por chuvas intensas e bem distribuídas, que favoreceram o desenvolvimento dos frutos.

Em abril, em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

A partir do terceiro decêndio de maio até o primeiro

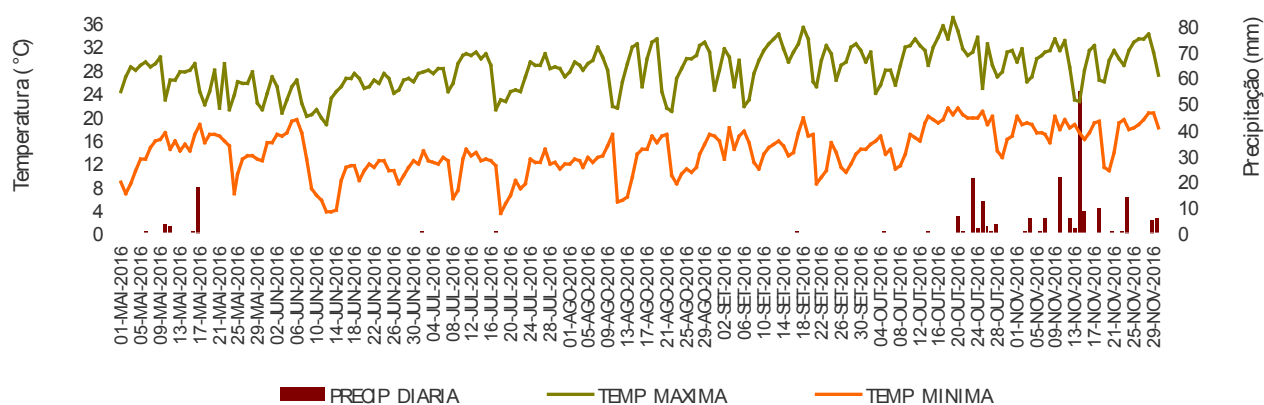
decêndio de junho, o padrão das chuvas acima da média resultou em perdas na qualidade dos grãos. As lavouras da região nordeste do estado sofreram maior restrição devido ao maior volume de chuvas registrado no primeiro decêndio de junho. Já no restante do mês de junho até o final de setembro, as chuvas reduzidas favoreceram a maturação e o avanço da colheita.

Além disso, em junho e julho, houve ocorrência de geadas. Em junho, o impacto foi pontual em lavouras ao sul do estado. Já em julho, a intensidade das geadas foi maior, com restrições em lavouras ao norte. As estações meteorológicas localizadas ao norte do estado registraram as menores temperaturas no segundo decêndio de julho. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos.

No Quadro 4, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em São Paulo.

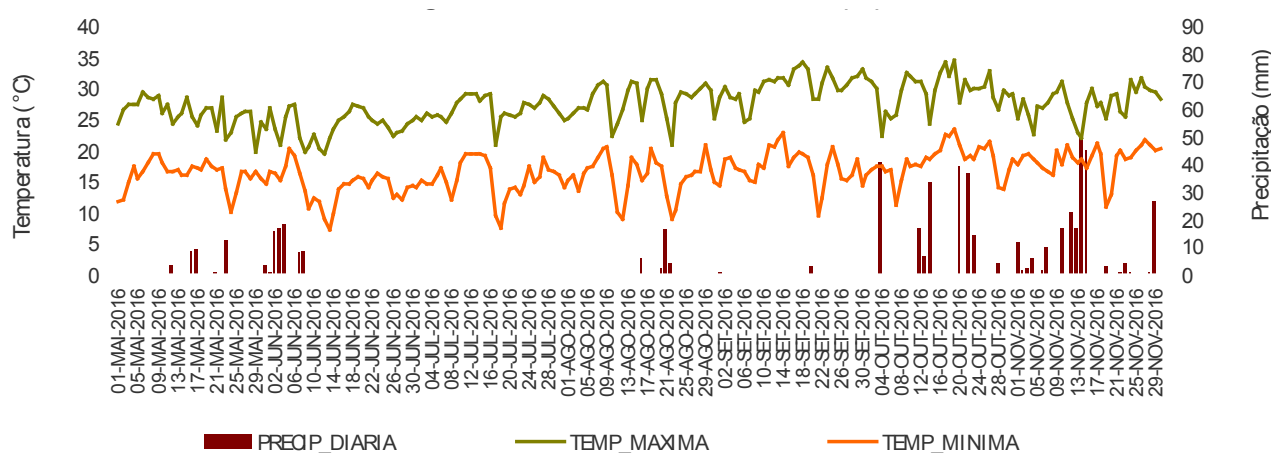


Gráfico 10 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Itapira



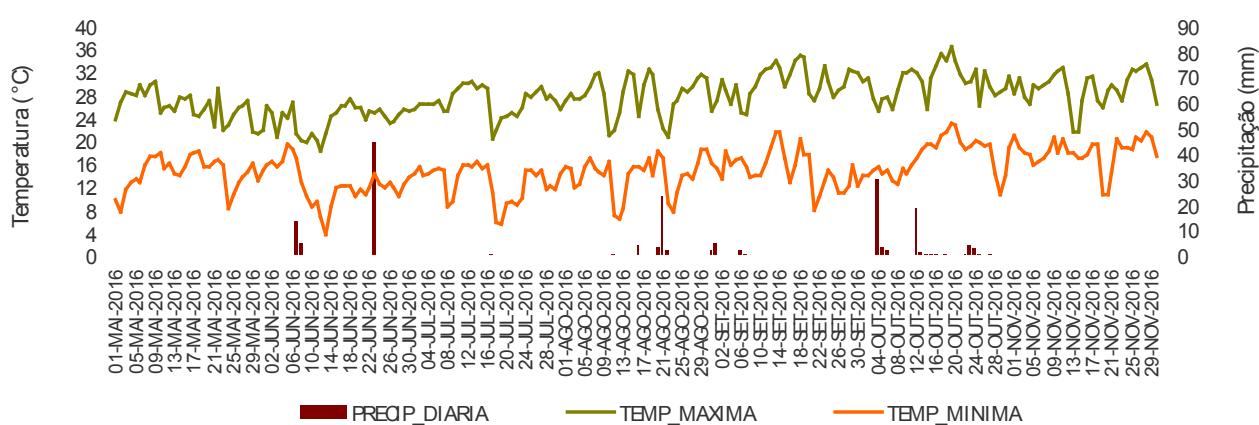
Fonte: Inmet

Gráfico 11 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Franca



Fonte: Inmet

Gráfico 12 – Estações meteorológicas do Inmet em São Paulo – Casa Branca



Fonte: Inmet



Quadro 4 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a setembro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em São Paulo

São Paulo													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	CH**	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C***	M/C****	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** nas lavouras localizadas ao sul do estado, houve condição favorável

*** impactos pontuais por excesso de chuva

**** restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Baixa restrição Excesso de chuva
--	--	--

Fonte: Conab.

8.3.2. RESUMO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

As condições climáticas foram bastantes favoráveis ao longo do desenvolvimento da safra recém-encerrada (2016). As chuvas que ocorreram a partir de setembro de 2015 foram regulares e bem distribuídas, o que proporcionou uma excelente florada, já naquele mês.

Essas chuvas se prolongaram satisfatoriamente até março de 2016, quando, então, o estado paulista passou a registrar um período de forte estiagem que se prolongaram até metade de maio de 2016.

Entre a segunda quinzena de maio e junho de 2016 foram registrados períodos de chuvas e a ação de geadas, que afetaram os cafeeiros, especificamente ramos e folhas, além de ocasionarem a derrubada dos chumbinhos.

Entretanto, os frutos por já estarem “prontos” não sofreram a ação negativa daquelas baixas temperaturas e, a quebra que virá, em razão dessas más condições climáticas, somente deverá se concretizar para a próxima safra (2016).

8.3.3. EFEITO DAS GEADAS

As plantas, na maioria das regiões produtoras de São Paulo, exceção da região mais ao norte, sofreram a ação negativa das geadas, condição adversa que provavelmente ajudará a reduzir o potencial produtivo da próxima safra (2017).

A geada é um fenômeno atmosférico que provoca a morte das plantas ou de suas partes (folhas, ramos, frutos) devido à ocorrência de baixas temperaturas que acarretam o congelamento dos tecidos vegetais,

havendo ou não a formação de gelo sobre as plantas.

Os danos causados pela geada nos cafeeiros são muito variáveis e a tomada de decisão sobre como o produtor deve tratar as plantas afetadas por essas baixíssimas temperaturas depende da intensidade desses danos.

A área do café arábica praticamente se mantém estável em São Paulo em relação à safra anterior, com forte crescimento na produtividade/produção.

8.3.4. PRODUTIVIDADE / PRODUÇÃO

Houve extraordinário crescimento na produtividade da safra atual que saiu de 20,42 sacas de 60kg/ha produzidas na safra anterior (2015) para 29,97 sacas de 60kg/ha atuais, uma variação positiva de 46,77%, que culminou com um aumento na produção de 48,44%, ou seja, um acréscimo de 1.968.019 sacas de café beneficiadas de 60 quilos.

O maior crescimento ficou com a região de Franca, que teve um ganho de produtividade de 175,6%, saindo de 15,75 sacas produzidas na safra anterior (2015) para 43,42 sacas produzidas na presente safra, com um total produzido de 2.610.931 sacas beneficiadas de 60 quilos, representando 43,3% de toda produção de café de São Paulo.



8.3.5. FATORES DETERMINANTES DO CRESCIMENTO DA SAFRA 2016

- > Ciclo bienal positivo;
- > Clima satisfatório durante todo o ciclo de desenvolvimento da cultura;
- > Preparo adequado das plantas (poda/recepa/es-

queletamento) ao final da safra anterior (2015) quando houve um ciclo de baixa produção. Esses pés de café voltaram bastante renovados e produtivos, fundamentais no forte crescimento da produção da safra 2016.

8.3.5. FUNCAFÉ

O Fundo de Defesa da Economia Cafeeira (Funcafé) é um programa que envolve linhas e recursos para financiar o custeio, a colheita, a estocagem e a comercialização de lavouras cafeeiras por meio de recursos oriundos do Tesouro Nacional. Esses recursos são destinados aos cafeicultores, cooperativas de produtores rurais e agroindústrias do setor de café.

O repasse de recursos do Funcafé contratados pelos agentes financeiros na safra 2016, atingiu R\$ 2,87 bilhões até o final de outubro de 2016, o que representa 62,6% do total de R\$ 4,58 bilhões autorizados. Os

números fazem parte de levantamento do Conselho Nacional do Café (CNC), com base em dados do Ministério da Agricultura.

Segundo o CNC, do montante encaminhado aos bancos e cooperativas de crédito, R\$ 1,379 bilhão são destinados à linha de estocagem; R\$ 724 milhões ao Financiamento para Aquisição de Café (FAC); R\$ 480,6 milhões para capital de giro de cooperativas de produção; R\$ 222,5 milhões, para as indústrias de torrefação; R\$ 140 milhões e indústrias de solúvel R\$ 118,1 milhões; e R\$ 288 milhões para a linha de custeio.

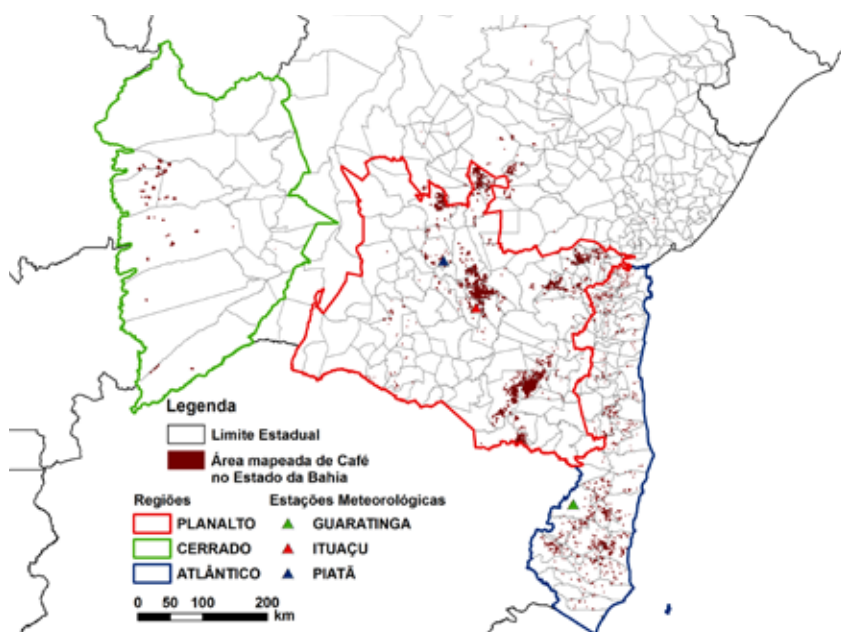
8.4. BAHIA

8.4.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

O mapeamento do café no estado da Bahia é apresentado abaixo, com a respectiva divisão das regiões produtoras de café e a localização das estações me-

teorológicas do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento.

Figura 19 – Mapeamento do café no estado da Bahia



Fonte: Conab.



Nas regiões do Planalto e Atlântico, de outubro a dezembro, as condições de chuvas abaixo da média e as altas temperaturas dificultaram o pegamento das floradas e o desenvolvimento dos frutos. Em dezembro, a restrição foi mais acentuada devido a maior intensidade da estiagem e das altas temperaturas.

Já em janeiro, nessas regiões, a ocorrência de chuvas com boa distribuição e em grandes volumes favoreceu a recuperação de parte do potencial produtivo.

No entanto, de fevereiro a abril, o cenário foi similar ao do último trimestre de 2015, com a ocorrência de estiagem e temperaturas elevadas, que impactaram lavouras não irrigadas e em estádios críticos. Em abril, o impacto à produtividade foi menor devido ao maior

percentual de lavouras já em maturação e início de colheita, principalmente na região do Atlântico, onde predominam lavouras de café conilon.

Na região do Cerrado, onde as lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos na floração e no início do desenvolvimento dos frutos devido a altas temperaturas no último trimestre de 2015.

Nos meses de maio a setembro, em todas as regiões produtoras, as condições climáticas favoreceram a maturação e o avanço da colheita.

No Quadro 5, verifica-se o monitoramento agrometeorológico na Bahia.

Gráfico 13 – Estação meteorológica convencional do Inmet na Bahia – Guaratinga

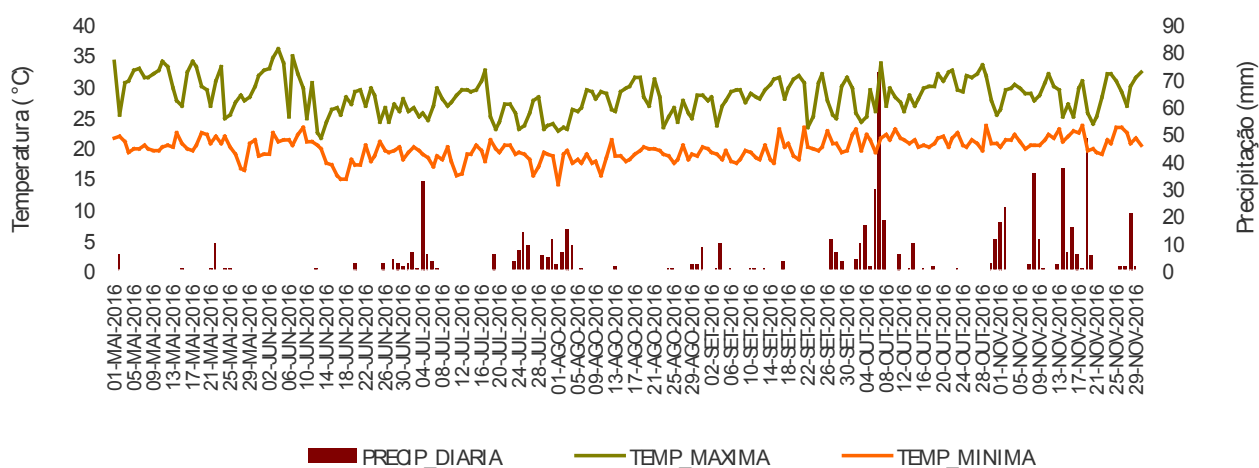


Gráfico 14 – Estação meteorológica convencional do Inmet na Bahia – Ituaçu

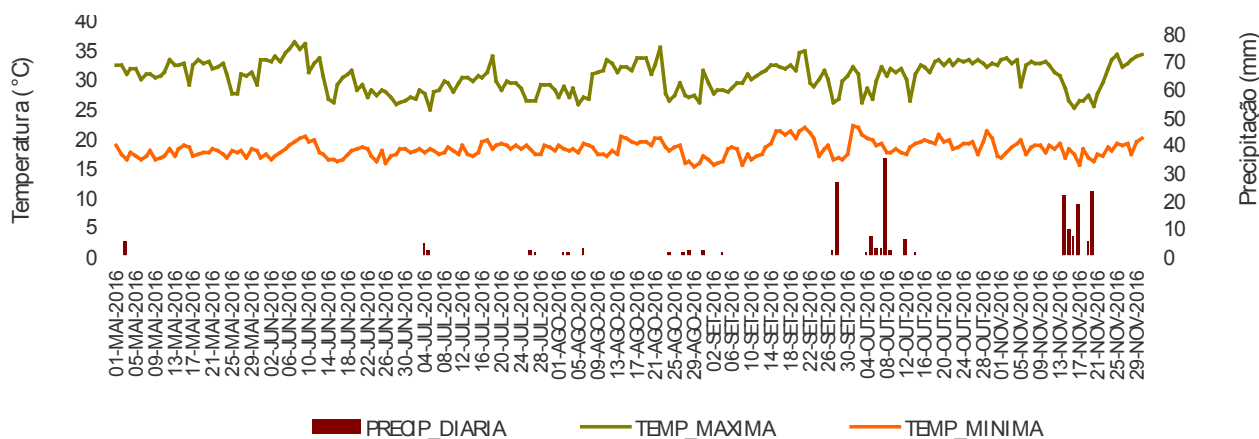
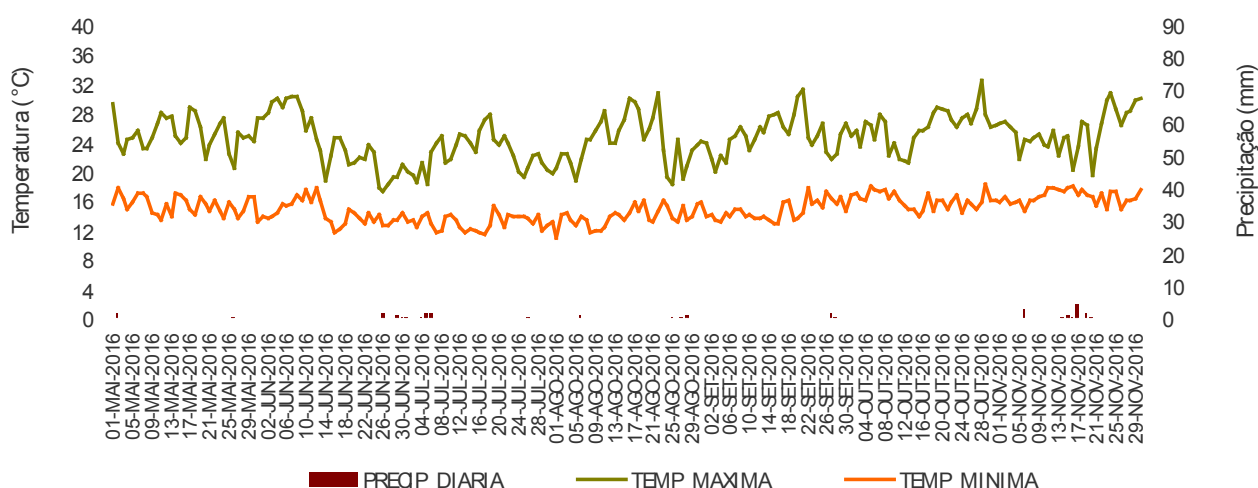


Gráfico 15 – Estação meteorológica convencional do Inmet na Bahia – Piatã



Quadro 5 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a setembro/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café na Bahia.

		Bahia												
Ano		2015				2016								
Meses		Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	Cerrado**	F	F***	CH***	EF***	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	
	Planalto		F	CH	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C
	Atlântico		F	CH	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C	

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Região irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--

Fonte: Conab.

8.4.2. CARACTERIZAÇÃO DAS REGIÕES PRODUTORAS

A cafeicultura desenvolvida na Bahia apresenta atualmente um quadro tecnológico bastante diversificado, o que reflete diferentes condições ambientais, variadas formas de ocupação do seu espaço agrário e modalidades de organizações da atividade produtiva. O estado possui três regiões produtoras principais: Cerrado e Planalto (regiões que concentram café arábica) e Atlântica (especializada em conilon), (Embrapa, 2014). Estas diferentes regiões apresentam características diferentes, demonstram níveis tecnológicos diferenciados e produzem diversos tipos de bebida.

A mesorregião denominada de Atlântico, no extremo Sul da Bahia, fronteira com o Espírito Santo, cuja produção se baseia no cultivo de café robusta (conillon) em condição de sequeiro, localiza-se em altitudes abaixo de 400 m (DUTRA NETO, 2009). A atividade no sul baiano é creditada à boa luminosidade, à topografia da região e ao clima favorável, com chuvas regulares.

No Cerrado, localizado na mesorregião Extremo Oeste da Bahia, a atividade do cultivo do café arábica teve início em 1994 sob sistema de irrigação do tipo pivô central. Atualmente conta com mais de 14 mil hectares, sendo 90% destes irrigados sob pivô central e os outros 10% irrigados com gotejamento, divididos entre quatro municípios produtores: Barreiras, Luis Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos. Essa mesorregião se localiza à margem esquerda do Rio São Francisco, com uma superfície equivalente a 116 mil km², formada por chapadas, encostas e planuras ou vales formam a região, seus solos são profundos, diversificados, com boa constituição física e facilmente mecanizáveis. Sobre estes solos estão o cerrado, a floresta e a caatinga (IBGE, 2012). Os índices pluviométricos diferem de acordo com a posição geográfica da região, ou seja, partindo da margem do Rio São Francisco sentido serra geral de Goiás, as precipitações médias variam de 700 a 1.800 mm, tendo sua concentração de chuvas de outubro a abril. A luminosidade



média da região, situa-se na faixa de 3.000 horas/ano (Alvarenga, 2010).

Na figura 20 temos o recorte dos quatro municípios que produzem café na mencionada região: Barreiras, Luis Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos.

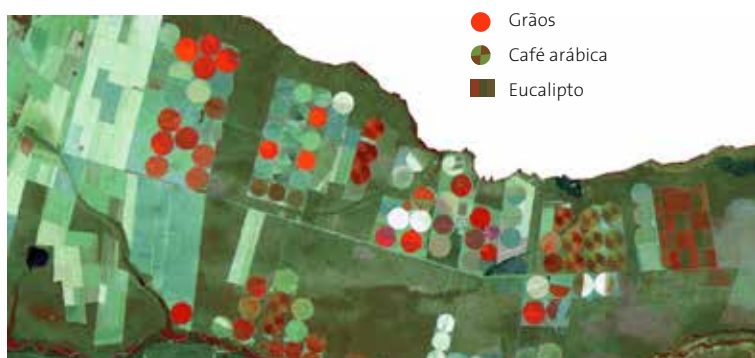
Através da Figura 21, que é uma ampliação da área

destacada na Figura 20, é possível identificar as áreas sob pivô nas quais são cultivadas as lavouras de café, através do padrão dessa cultura. Nota-se que os pivôs com café apresentam uma coloração vermelha mais escura, no sentido nordeste-sudoeste, para a composição colorida 5R6G4B. Através do trabalho de campo foi possível comprovar esse comportamento.

Figura 20 e 21 – Norte de Barreiras – região da estrada do café



Fonte: Landsat-8 – municípios de Barreiras, Luis Eduardo Magalhães, São Desidério e Cocos/BA. Composição colorida 5R6G4B, com contraste. Set/2015.



Fonte: Imagem do Landsat-8 da região norte do município de Barreiras (Região da Estrada do Café). Imagem de setembro de 2015 com composição colorida 5R6G4B, com contraste

No Planalto, cujos plantios estão localizados na Chapada Diamantina e no Planalto da Conquista, situando-se em uma região de transição e no meio do semi-árido baiano.

O município de Vitória da Conquista, em particular, situa-se à altitude média de 900 m e apresenta temperatura média anual de 21 °C, condições favoráveis para

o cultivo de cafeeiros (MATSUMOTO & VIANA, 2004). A cafeicultura do Planalto é conduzida sem o uso da irrigação na maioria das propriedades (DUTRA NETO, 2009). As principais cidades produtoras atualmente são Barra do Choça, Planalto, Poções, Encruzilhada, Ribeirão do Largo e Vitória da Conquista (COSTA et al., 2009).

8.4.3. RESUMO DA PRODUÇÃO

A produção de café safra 2016 foi de 2.093,3 milhões de sacas beneficiadas, sendo 1.267,2 mil sacas da espécie arábica e 826,1 mil sacas da variedade Conilon. A área total cultivada (produção e formação) está estimada em 162.321,1 hectares.

Comparando a safra atual com a passada, estima-se que a área cultivada aumentou em 8% e a produção (saca beneficiada) reduziu em 10,8% (Tabela 1 e 2). A estimativa da região Atlântica foi a que contribuiu para

a redução na produtividade para essa safra (-30,2%).

A estimativa de aumento de área pode ser atribuída às áreas que na safra 2015 estavam em formação e que na safra atual entraram em produção, como também ajuste de área da região Atlântica e Cerrado.

Em relação à colheita se estima que toda a safra já está beneficiada e que cerca de 80% da produção já foi comercializada.

8.4.4. SITUAÇÕES CLIMÁTICAS

Diversos fatores influenciam a produtividade de uma cultura, e os elementos climáticos de maior relevância

à produção do café são, principalmente, a temperatura do ar e a precipitação pluvial.



Em outubro, novembro e dezembro de 2015 os registros pluviométricos indicaram baixa pluviosidade, o que prejudicou severamente a floração e a fixação dos frutos nas três regiões produtoras da Bahia.

No trimestre janeiro, fevereiro e março de 2016 os registros indicaram precipitação moderada na região do atlântico e precipitação intensa no planalto e cerrado. No entanto, as chuvas se concentraram em janeiro, prejudicando a expansão e granação dos frutos durante fevereiro e março.

Em abril, maio e junho foram tipicamente secos, favorecendo o processo de colheita e secagem dos frutos de café

Atlântico

A colheita está finalizada, colhendo-se 45.892 hectares, com produtividade de 18 scs/ha. A produção foi de 826 mil sacas beneficiadas.

O produtor já comercializou 70% da produção, ao valor médio de R\$ 350,00 por saca.

Fatores que contribuíram para a baixa produtividade foram as condições de estiagens prolongadas e as altas temperaturas, manejo do mato adotado pela maioria dos produtores ainda enfatiza a eliminação total das plantas indesejáveis nos corredores, o que promove aumento da temperatura, conferindo mortandade das raízes terciárias e radículas.

A qualidade dos grãos de café também foi prejudicada pelas intempéries. Cerca de 80% dos grãos foram classificados como de qualidade inferior, 15% de qualidade regular e somente 5% de qualidade superior.

As plantas de café estão no início da fase reprodutiva, prestes ao florescimento. A expectativa para a próxima safra é que haja aumento significativo da produtividade.

Cerrado

A colheita está finalizada, colhendo-se 11.328 mil hectares, com produtividade de 30,5 sc/ha. A produção foi de 345,6 mil sacas beneficiadas.

O produtor já comercializou 70% da produção, ao valor de médio de R\$ 500,00 por saca.

Fatores que contribuíram para a redução da produtividade em relação à safra passada foi a severidade do clima em outubro, novembro e dezembro de 2015. Apesar de a produção ser 100% irrigada, o ar seco e as altas temperaturas prejudicaram a fisiologia das

plantas. Reduzindo o pegamento dos flores e a fixação dos frutos.

Durante o enchimento dos grãos e maturação dos frutos ocorreu intensas chuvas no mês de janeiro e a temperatura ficou mais amena e o ar mais úmido, isto favoreceu a qualidade dos grãos de café. Cerca de 10% dos grãos foram classificados de qualidade regular e 90% de qualidade superior. A maioria da safra colhida obteve a classificação de bebida dura, mas algumas propriedades atingiram a qualidade de bebida mole.

As plantas de café estão no início da fase reprodutiva, é possível encontrar talhões florescendo e talhões com frutos prestes. A expectativa para a próxima safra é que haja redução da produtividade devido à baixa intensidade do florescimento.

Planalto

Na microrregião da Chapada Diamantina, a colheita está finalizada, colhendo-se 27.725 hectares, com produtividade de 10,4 sc/ha. A produção foi de 288,3 mil sacas beneficiadas.

O produtor já comercializou 70% da produção, ao valor de médio de R\$ 480,00 por saca.

Fatores que contribuíram para o aumento da produtividade foi a aplicação de alta tecnologia nos cultivos irrigados, que atingiram a produtividade de 60 scs/ha, elevando a média produtiva da região.

A qualidade dos grãos de café foi prejudicada pelas intempéries. Cerca de 30% dos grãos foram classificados como de qualidade inferior, 40% de qualidade regular e 30% de qualidade superior. No entanto, a alta altitude e clima ameno aliados à colheita seletiva, onde são colhidos apenas os grãos maduros e o cuidado de evitar o processo de fermentação durante a secagem dos grãos colhidos, obteve-se café de ótima qualidade de bebida.

As plantas de café estão no início da fase reprodutiva, prestes ao florescimento. A expectativa para a próxima safra é que a produção se mantenha estável, sem variações significativas.

Já na microrregião de Vitória da Conquista, a colheita está finalizada, colhendo-se 64.8082 hectares, com produtividade de 9,8 sc/ha. A produção foi de 633 mil sacas beneficiadas.

O produtor já comercializou 90% da produção, ao valor de médio de R\$ 480,00 por saca.

Apesar de a produtividade e a produção terem au-



mentado cerca de 20% em relação à safra passada, a produtividade é considerada baixa. Os fatores que contribuíram para a baixa produtividade foi a severidade da estiagem que sucedeu às boas chuvas de janeiro/2016. A necessidade hídrica no período de expansão e granação dos frutos não foi atendida. Estima-se que o déficit hídrico levou a perdas de 45%.

A qualidade dos grãos de café também foi prejudica-

da pelas intempéries. Cerca de 40% dos grãos foram classificados como de qualidade inferior, 35% de qualidade regular e somente 25% de qualidade superior.

As plantas de café estão no início da fase reprodutiva, prestes ao florescimento. A expectativa para a próxima safra é que haja aumento significativo da produtividade.

8.4.5. SITUAÇÃO DA LAVOURAS

Atlântico

Verificou-se a presença da lagarta parda, ácaro vermelho, cochonilha da roseta, lagartinha da roseta. Em algumas áreas isoladas se observou a presença do bicho mineiro. A estiagem potencializou a incidência de pragas, o que pode ser um dos fatores que contribuiu no baixo desenvolvimento das plantas.

Cerrado

Durante janeiro, com as intensas chuvas, não foram observados sintomas do bicho mineiro e de nenhuma outra praga ou doenças. Em fevereiro, com o veranico, ambiente mais seco e temperaturas mais altas, a infestação de bicho mineiro foi muito intensa, causan-

do danos significativos à cultura. Para o eficiente controle químico, os produtores repetiam as aplicações de inseticidas em períodos de 21 a 30 dias.

Planalto

O principal problema fitossanitário na microrregião da Chapada Diamantina é o bicho mineiro e mancha de phoma. Os produtores também relataram a ocorrência ocasional de cercosporiose, ferrugem e ácaro. Juntas, estas pragas e doenças provocam uma perda de aproximadamente 5% na produção. Os produtores convivem com estes problemas fitossanitários, com a utilização de controle químico, principalmente controle preventivo.

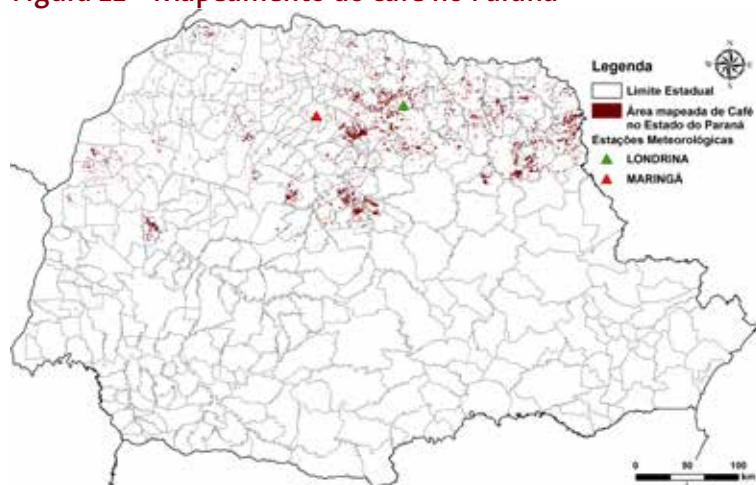
8.5. PARANÁ

8.5.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

No Estado do Paraná, foram realizados dois mapeamentos. O mais atual é apresentado abaixo, com a localização das estações meteorológicas do Instituto

Nacional de Meteorologia (INMET) utilizadas no monitoramento

Figura 22 – Mapeamento do café no Paraná



Fonte: Conab.



A ocorrência de chuvas acima da média em setembro e outubro favoreceu a ocorrência e o pegamento das floradas da safra 2016.

No período de novembro a março, predominaram condições de chuvas acima da média nas regiões produtoras com benefícios ao desenvolvimento dos frutos. No entanto, o excesso de chuvas em dezembro e janeiro pode ter provocado a derrubada de frutos em formação.

Em março (segundo decêndio) e em abril (primeiro e segundo decêndios), em todo o estado, as condições climáticas de temperaturas acima da média e de pouca precipitação foram desfavoráveis às lavouras em granação de frutos. No entanto, em abril, com a maior parte das áreas com os frutos já formados, em processo de maturação, houve baixo impacto à produtividade.

Já em maio e primeiro decêndio de junho, ao contrá-

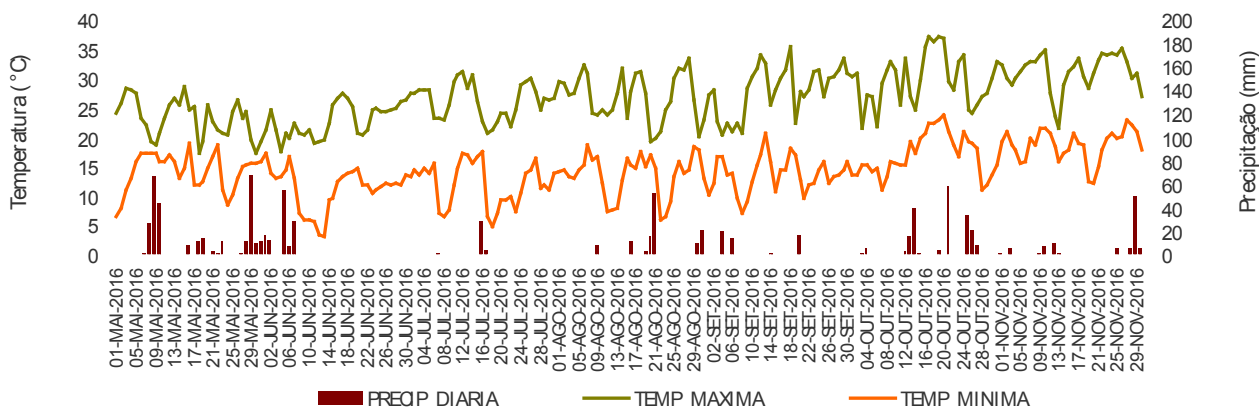
rio de abril, houve chuvas intensas, que resultaram em perdas na qualidade dos grãos nas lavouras em maturação e colheita.

Em junho, julho e primeiro decêndio de agosto, a predominância de chuvas reduzidas favoreceu a maturação e o avanço da colheita. No restante de agosto, com a colheita já avançada, a precipitação não afetou a produção da safra atual.

Além disso, em junho, houve restrições pontuais por geadas. As estações meteorológicas registraram as menores temperaturas no segundo decêndio de junho. Entretanto, não houve impactos à safra atual, que já se encontrava com os grãos já formados ou colhidos.

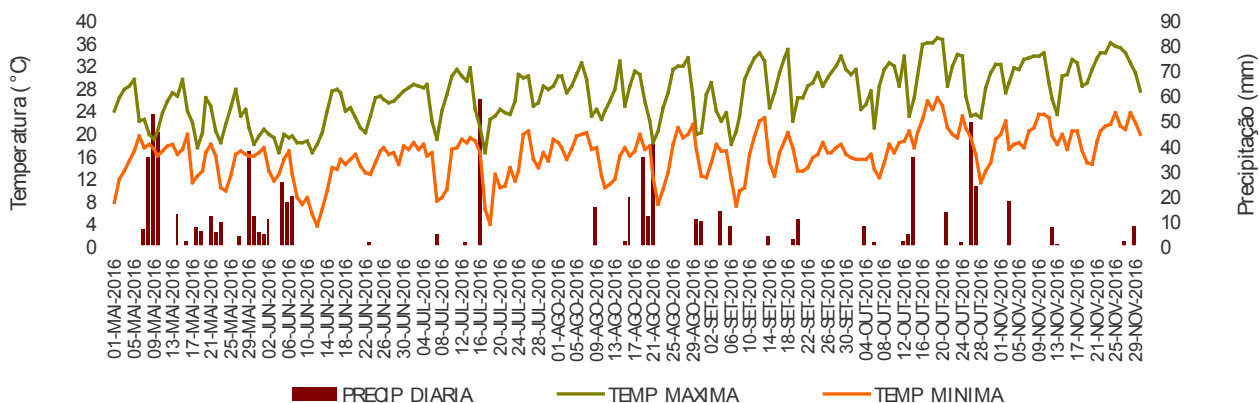
No Quadro 6 verifica-se o monitoramento agrometeorológico no Paraná.

Gráfico 16 – Estações meteorológicas do Inmet no Paraná - Londrina



Fonte: Inmet

Gráfico 17– Estações meteorológicas do inmet no Paraná - Maringá



Fonte: Inmet



Quadro 6 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro/15 a agosto/16, com possíveis impactos de acordo com as fases* do café no Paraná

Paraná												
Ano	2015				2016							
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C**	C	C

* (R)=repouso; (F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Houve restrições por excesso de chuva no primeiro decêndio do mês

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Baixa restrição Excesso de chuva
---	---	---

Fonte: Conab.

8.5.2. ÁREA, PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Segundo os dados coletados e apresentados no Sistema de Acompanhamento de Safra Subjetiva (PSS) em novembro, a área colhida na safra foi de 46.160 hectares e a produção obtida foi estimada em 1,047 milhão de sacas de 60 quilos. A área total plantada foi estimada em 50.020 hectares, distribuída em quase 200 municípios.

A atual produção em comparação com a colhida na safra 2015 (1,29 milhão de sacas) corresponde a uma redução de 18,8%, considerando a bienalidade negativa da produção nesta safra. Vale lembrar que o Paraná teve o ciclo de produção invertido em nível de Brasil devido às geadas ocorridas em 2013. Por outro lado, as adversidades climáticas registradas durante o período produtivo desta safra também contribuíram para acentuar o ciclo de baixa, tendo como destaque as chuvas em excesso em dezembro de 2015 e janeiro de 2016, estiagem e o forte calor em março e abril, e novamente excesso de chuvas na principal fase da colheita.

As intempéries climáticas afetaram também a qualidade de boa parte da produção, resultando em maior volume de cafés fracos de bebida riada/rio e menor quantidade de lotes de cafés cereja descascado de melhor qualidade.

Os preços médios recebidos pelos cafeicultores se mantiveram favoráveis durante o período da colheita e preparo dos lotes, notadamente para os cafés mais fracos e continuam sustentados e impulsionados pela alta histórica das cotações do café conilon (*Coffea canephora*) verificada no mercado interno, neste ano.

Na Tabela 5 se observa a evolução percentual acumulada da colheita, da comercialização da safra e o comportamento dos preços médios recebidos pelos cafeicultores (R\$/sc60kg) no período de abril a novembro deste ano.

Tabela 5 - Evolução da colheita, comercialização e preços – 2016

	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Colheita	2%	14%	38%	89%	100%			
Comercialização	2%	6%	16%	38%	51%	67%	74%	85%
Preço recebido	402,20	398,06	411,62	445,21	442,86	459,85	458,89	494,85

Fonte: Deral.

As vendas estão adiantadas em relação à média dos anos anteriores. Em 2015 havia 66% comercializado até novembro, contra 85%, neste ano, reflexo da maior disposição dos produtores em aproveitar a alta nos preços para concretizar os negócios. O período de

colheita também teve antecipação média de 30 dias devido às condições climáticas finalizando os trabalhos em agosto quando normalmente se estende até final de setembro.

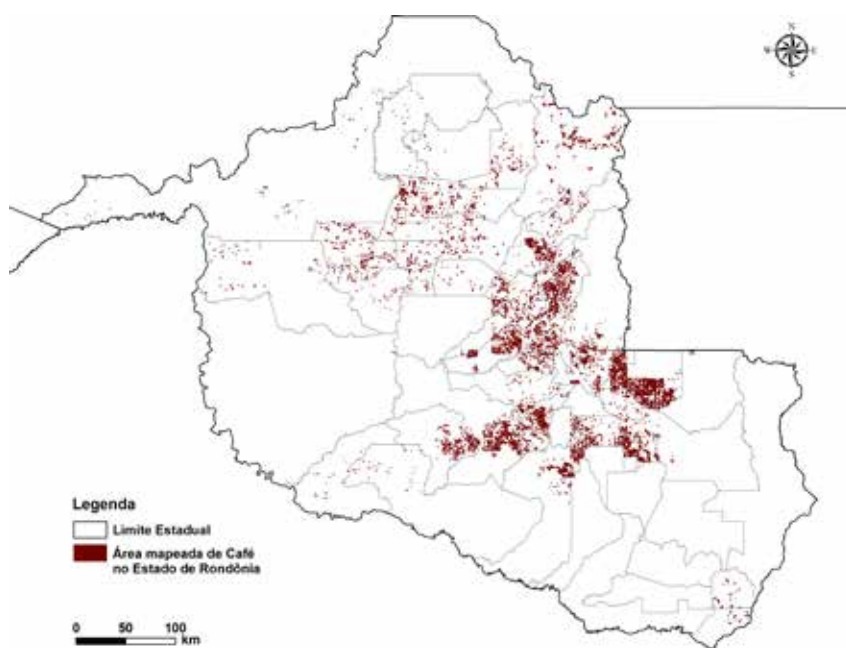


8.6. RONDÔNIA

8.6.1. MONITORAMENTO AGROCLIMÁTICO

O mapeamento no estado de Rondônia é apresentado abaixo..

Figura 23 – Mapeamento do café em Rondônia



Fonte: Conab.

A predominância de chuvas abaixo da média e altas temperaturas de agosto a dezembro prejudicou a floração e o início da formação dos frutos da safra 2016. Nesse período, os menores volumes de chuva ocorreram em agosto e setembro.

Apesar disso, a granação dos frutos foi favorecida pelo

aumento na intensidade das chuvas de janeiro a março.

Nos meses de abril a agosto, a precipitação reduzida favoreceu as lavouras em maturação e colheita.

No Quadro 7 verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Rondônia.

Quadro 7 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de agosto de 2015 a agosto de 2016 com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Rondônia

Rondônia													
Ano	2015					2016							
Meses	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Fases*	F	F	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M	M/C	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

 Favorável	 Baixa restrição falta de chuva	 Média restrição falta de chuva
---	--	--

Fonte: Conab.



8.6.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

As informações levantadas nas diversas regiões pesquisadas indicam que os dados consolidados da área da cultura para a safra 2016 permaneceram inalterados, comparado ao terceiro levantamento realizado em agosto de 2016. Em relação à produtividade as pesquisas confirmam que a produtividade média no estado se manteve em relação ao levantamento anterior, ou seja, 18,56 sc/ha. Dessa forma, a produção da safra de café de Rondônia foi de 1.626.914 sacas beneficiadas, portanto, a produção da 2016 é 5,6% inferior à safra passada. Essa redução da produtividade em relação a safra anterior decorre principalmente da falta de chuvas, entre agosto e setembro, prejudicando sobremaneira o pegamento da florada. Mesmo aquelas

áreas plantadas com cafés clonais, que são irrigadas, as lavouras foram prejudicadas devido à incidência do sol forte, calor intenso e altas temperaturas registradas durante outubro e novembro, prejudicando a formação e também provocando a queda dos chumbinhos, dessa forma, as lavouras de cafés seminais foram as mais afetadas. Devemos observar que a queda da produtividade só não foi ainda maior devido à entrada em produção de novas áreas de café clonal, cuja produtividade é bem superior àquelas lavouras tradicionais com café seminal. A área atualmente cultivada de café no estado mantém a mesma em relação à safra anterior, ou seja, totalizando 94.561 hectares, sendo 6.904 hectares de café (clonal) em formação.

8.6.3. CRÉDITO DE CUSTEIO E INVESTIMENTO

Os créditos do Pronaf para os financiamentos das lavouras de café tiveram um fluxo normal por parte dos agentes financeiros, como Banco do Brasil, Banco da Amazônia e Cooperativas de Crédito. A maioria dos financiamentos são destinados às lavouras de cafés clonais, contemplando todo o pacote tecnológico envolvendo inclusive investimentos para aquisições de equipamentos para irrigação.

Os bancos fizeram exigências necessárias de forma a garantir a liquidação desses financiamentos. Nos projetos de financiamentos que envolvem irrigação é necessário a outorga de uso da água, concedida pelo órgão ambiental estadual competente. Os índices de inadimplência dos financiamentos são considerados ínfimos.

8.6.4. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

Houve falta de chuvas em julho, agosto e setembro. Em outubro e novembro ocorreram chuvas esparsas e localizadas. De dezembro a março as chuvas ocorre-

ram com maior intensidade, favorecendo a granação dos frutos e de abril a agosto a redução das precipitações contribuiu para a colheita da safra.

8.6.5. SITUAÇÃO DA CULTURA

O encerramento da colheita ocorreu ainda em julho, atualmente toda a safra de café de Rondônia, foi co-

lhida e comercializada.

8.6.6. PRAGAS E DOENÇAS

As pragas mais comuns observadas nos cafezais de Rondônia na safra 2016 foram o ácaro-vermelho e cochonilha-da-roseta. Com relação às doenças, as mais presentes foram a ferrugem, cercosporiose, seca-de-ponteiros e koleroga. O cafeicultor de café clonal está

mais atento aos cuidados em suas lavouras e vem realizando controles, tais como: químico, biológico, natural e cultural de forma a garantir melhor produtividade.

8.6.7. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os maiores municípios produtores de café em Rondônia estão situados na região central, com destaque para Cacoal, Ministro Andreazza, São Miguel do

Guaporé, Nova Brasilândia D'Oeste, Alta Floresta D'Oeste e Alto Alegre dos Parecis e na região Norte, Machadinho D'Oeste e Buritis.



A maioria da área de café no estado ainda é constituída de lavouras cuja origem é de café seminal, sem irrigação e com baixa produtividade. A cafeicultura no estado vem passando por um processo gradativo de constante substituição das lavouras existentes por lavouras novas, utilizando-se cafés clonais, cujos índices de produtividades são bem superiores. Naquelas regiões tradicionalmente produtoras essa substituição já alcança em alguns municípios 35 a 40% da área plantada.

Essa mudança decorre de uma série de fatores, entre os quais podemos destacar o apoio do governo do estado (Seagri) através dos serviços de extensão rural (Emater-RO), com a sua equipe técnica abrangendo assim, todas as regiões produtoras de café, notadamente com suas ações voltadas para o pequeno agricultor, haja vista a produção no estado ser caracterizada na sua quase totalidade por pequenas pro-

priedades, cujo número de agricultores familiares é próximo de 22.000.

Também os agentes financeiros, destacando o Banco da Amazônia, Banco do Brasil e ainda as cooperativas de créditos, têm disponibilizado volume de crédito para custeio e investimento suficiente para atender a demanda existente e proporcionar aos cafeicultores condições para as mudanças/substituições das lavouras tradicionais por cafés clonais, as quais exigem um maior investimento e melhores cuidados e conhecimentos técnicos por parte dos produtores.

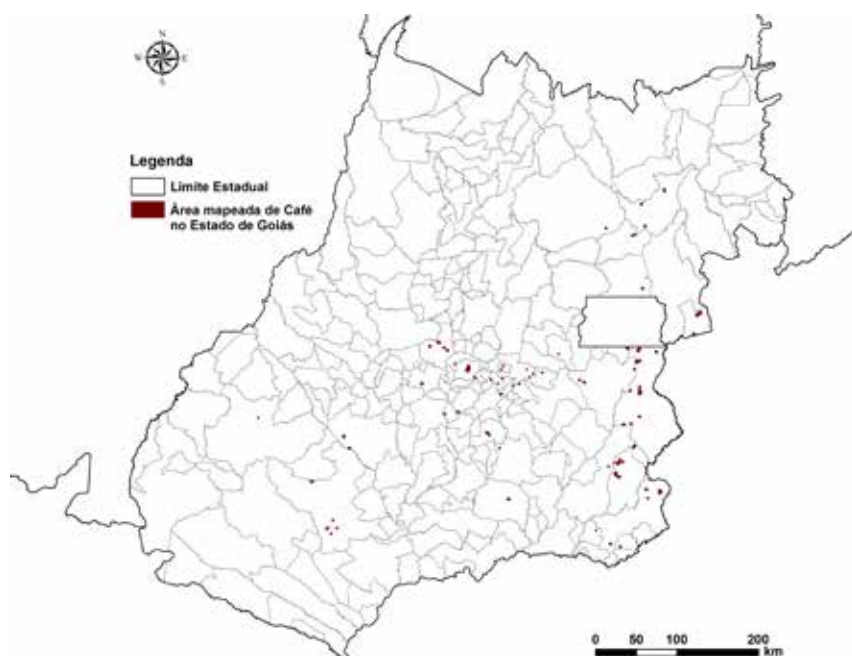
A importante atuação da Embrapa Rondônia, através dos seus pesquisadores tem buscado em parceria com a Emater-RO e a Idaron, diagnosticar pragas e doenças no desenvolvimento da cultura, bem como desenvolvendo cultivares com características de maior tolerância ao déficit hídrico.

8.7. Goiás

8.7.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO

No Estado de Goiás, o mapeamento é apresentado abaixo.

Figura 24 – Mapeamento do café em Goiás



Fonte: Conab.

Em Goiás, onde a maioria das lavouras possuem o manejo irrigado, verificaram-se impactos pontuais na floração – desenvolvimento dos botões florais (em outubro) e na granação (em abril), por altas tempera-

turas.

No quadro 8, verifica-se o monitoramento agrometeorológico em Goiás.



Quadro 8 – Monitoramento agrometeorológico: análise do período de setembro de 2015 a setembro de 2016 com possíveis impactos de acordo com as fases* do café em Goiás

Goiás **													
Ano	2015				2016								
Meses	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Fases*	F	F***	CH	EF	EF	GF	GF	GF/M***	M	M/C	C	C	C

*(F)=floração; (CH)=formação dos chumbinhos; (EF)=expansão dos frutos; (GF)=granação dos frutos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** área irrigada.

*** Impacto por altas temperaturas.

Favorável

Baixa restrição
falta de chuva

Fonte: Conab.

O estado de Goiás caracteriza-se por duas estações climáticas bem definidas: uma chuvosa, que se inicia entre os meses de setembro e outubro e vai até o mês de abril, e outra seca, marcada por grande deficiência hídrica. A estação seca se inicia em abril, ou maio, e se estende até setembro, ou outubro, apresentando, dessa forma, um período de cinco a seis meses de deficiência hídrica (Silva et al. 1998). A disponibilidade hídrica é um dos principais fatores da produtividade do cafeeiro. Segundo Camargo e Camargo, nas fases fenológicas de vegetação e formação das gemas foliares, florada e granação dos frutos, a deficiência hídrica pode reduzir muito a produtividade. Por outro lado, uma deficiência hídrica entre julho e agosto (meses secos em Goiás), período anterior à antese, pode se tornar benéfica, favorecendo uma florada mais uniforme nas primeiras chuvas de setembro.

Os solos de Goiás, onde a classe de solo predominante é o Latossolo, possuem características granulométricas que permitem boa retenção de água, porém sem encharcamento, e nutrientes para as plantas de café, mas, antes da implantação da cultura necessita de

correção de acidez e toxidade por alumínio e ferro e boa adubação.

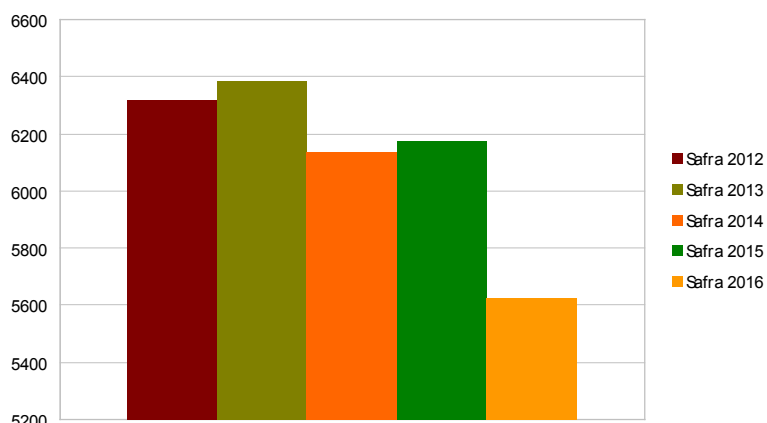
As topografias relativamente planas do estado de Goiás favorecem a mecanização da cultura. Outras características positivas para a cultura são a ausência de solos encharcados, chuvas durante a colheita, e ausência de geadas.

Tais condições descritas acima permitem a produção em alto rendimento da cultura do café em Goiás sob equipamentos de irrigação alcançando uma produtividade média próxima ao 40 sacos por hectare, quase o dobro da produtividade nacional.

Os cafeeiros comerciais em Goiás são produzidos em cerca de 48 estabelecimentos rurais e aproximadamente de 20 municípios concentrados nas regiões Leste, Entorno do Distrito Federal e em algumas regiões pontuais do estado. As áreas cultivadas variam de 6 a 1.200 hectares, com utilização de baixas a altas tecnologias e mão de obra familiar e propriedades geradoras de uma grande quantidade de empregos.

8.7.2. ÁREA EM PRODUÇÃO

Gráfico 18– Área em produção (ha) – GO



Fonte: Conab

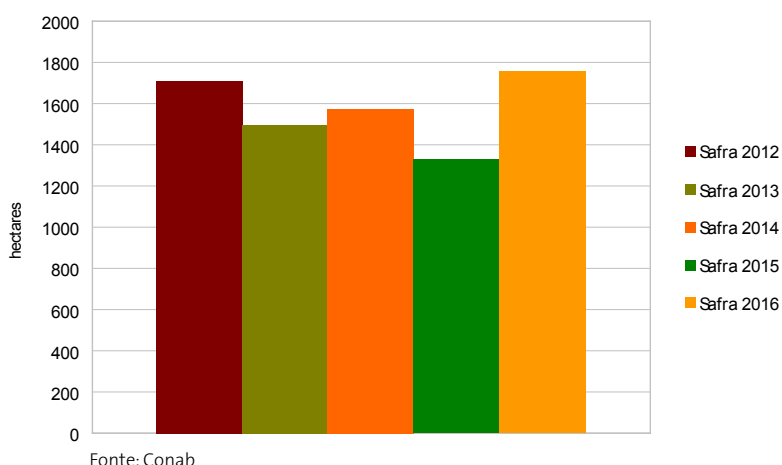


Ficou evidenciado uma redução de 8,88% da área em produção de café em Goiás. Durante as visitas podemos constatar uma maior preocupação com relação ao uso de podas drásticas com vistas a renovação e recuperação do vigor da planta de café. Tal preocupação pode ser em decorrência de uma maior conscientização do uso desta tecnologia para a manutenção

da sustentabilidade da atividade e para a manutenção da produtividade vislumbrada nesta última safra. Podemos observar que significativas áreas plantadas com café foram erradicadas, cerca de 743 hectares. As razões para tal erradicação variam desde a incêndios criminosos e vai até a substituição da atividade econômica do café por cultivo de grãos.

8.7.3. ÁREA EM FORMAÇÃO

Gráfico 19– Área em formação (ha) – GO

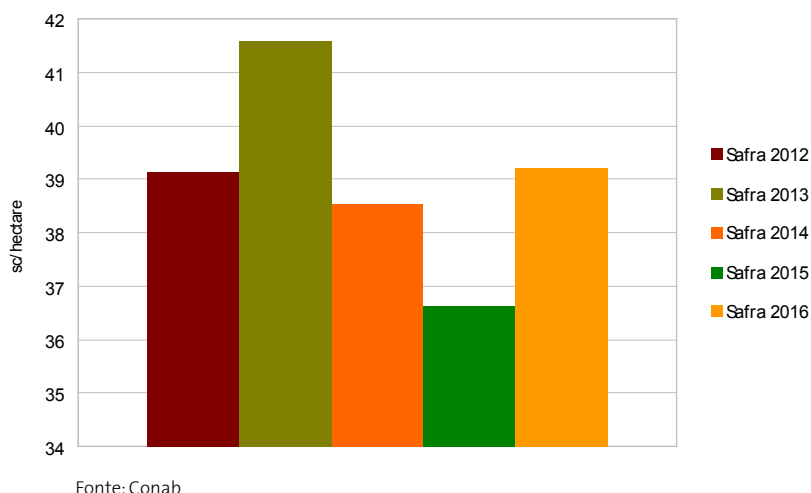


Conforme informação do gráfico acima, evidenciamos o incremento de 1.488 hectares de áreas em formação em Goiás. Tais áreas representam plantas recentemente plantadas ou recepadadas e/ou esqueletadas. Como mencionado anteriormente, houve um

aumento da conscientização do uso das práticas de podas (recepamento e esqueletamento) como uma boa forma de promover a sustentabilidade econômica da cultura.

8.7.4. PRODUTIVIDADE MÉDIA

Gráfico 20– Produtividade média (sacas/ha) – GO

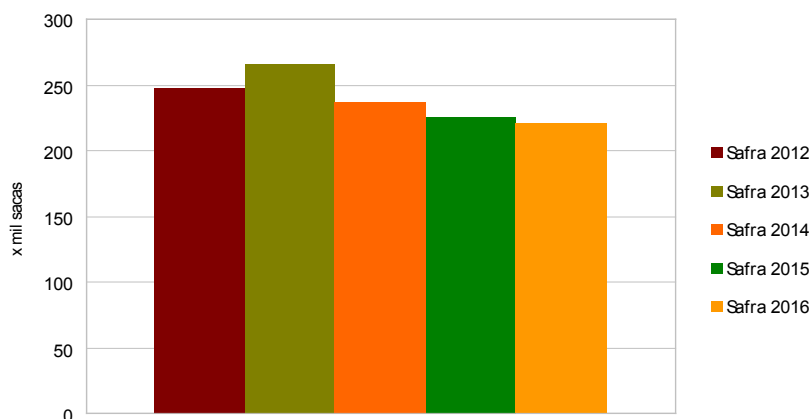


No campo da produtividade, embora relatos de ocorrência de severos ataques do “Bicho Mineiro” *Leucoptera coffeella*, principal praga da cultura do café, de temperaturas elevadas durante a fase fenológica reprodutiva, especificamente entre setembro a novembro de 2015, na fase de granação, principalmente

entre fevereiro a abril de 2016, e a baixa umidade do ar e do solo vislumbrada a partir do mês de março de 2016, a bienalidade positiva na maior parte dos cafezais visitados foi responsável pelo aumento de 7,07% de produtividade em relação à safra anterior.

8.7.5. PRODUÇÃO TOTAL

Gráfico 21– Produção (em mil sacas) – GO



Fonte: Conab

Embora apresentada uma diminuição de 8,88% na área em produção, vislumbramos um decréscimo de apenas de 2,45% no total de café produzido em Goiás em relação à safra obtida em 2015,

influenciada principalmente pela bienalidade positiva na maior parte dos cafezais visitados. A produção estimada em 2016 é de 220,7 mil sacas de 60 quilos.

8.7.6. CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

As plantas de café necessitam de certas condições climáticas para expressar todo o seu potencial produtivo, principalmente no que se refere a temperaturas amenas e disponibilidade hídrica do solo, haja vista as características agrometeorológicas do seu centro de origem que moldaram a sua genética ao longo da evolução da espécie.

Podemos afirmar que o momento mais crítico na fenologia do cafeeiro, em se tratando de obtenção de uma boa produtividade, é a fase da antese (abertura das flores), onde o aumento da temperatura do ar, a deficiência hídrica ou qualquer fator estressante para a planta determinará o percentual de abortamento das flores e, por consequência, a quantidade dos grãos por área.

Estresses ambientais também podem prejudicar

as demais fases do desenvolvimento reprodutivo e todo o desenvolvimento vegetativo da planta deixando-a predisposta a ataques de pragas e doenças, prejudicando a produtividade e a qualidade dos grãos.

Conforme dados da estação meteorológica do Inmet em Cristalina (GO) e em Catalão (GO), pode-se observar uma temperatura média acima do ideal entre o início de setembro até meados de dezembro de 2015, período de florada, chumbinho e expansão dos frutos e granação. As informações de campo confirmaram ocorrências de abortamento de flores nesta época. A temperatura também permaneceu alta no período de granação dos frutos. Tal fato corrobora com relatos em campo de um aumento de grão de menor calibre, ocasionando deságios por classificação de peneiras.



Outra constatação vista em campo foi que, haja visto as altas temperaturas e a baixa umidade do solo e do ar no período de inverno ocorrido nos últimos anos, vários produtores estão deixando de realizar a sincronização da florada por meio de estresse hídrico, ou utilizando com uma

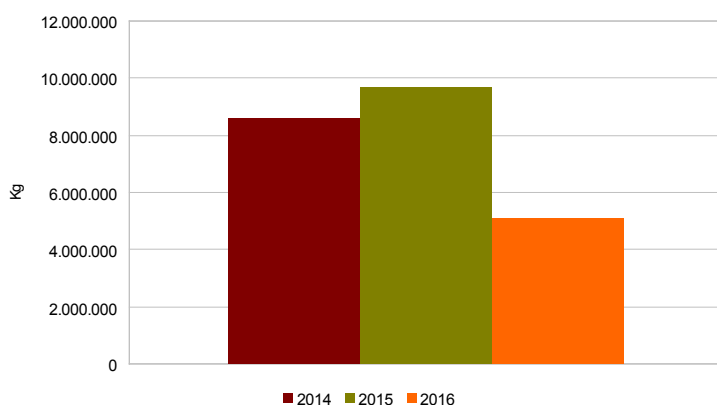
maior cautela, alegando um elevado sofrimento das plantas nos períodos sem o fornecimento de água, ocasionando escaldaduras, perda de folhas e diminuição da densidade do dossel e, por consequência, diminuição da produtividade.

8.7.7. DADOS DE EXPORTAÇÃO DO CAFÉ PRODUZIDO EM GOIÁS

Os grãos de café produzidos em Goiás alcançam uma excelente qualidade de bebida. Tal reflexo se vê nos dados de exportação do café produzido em Goiás onde cerca de 70% dos grãos são exportados para países tradicionalmente exigentes na qualidade da bebida.

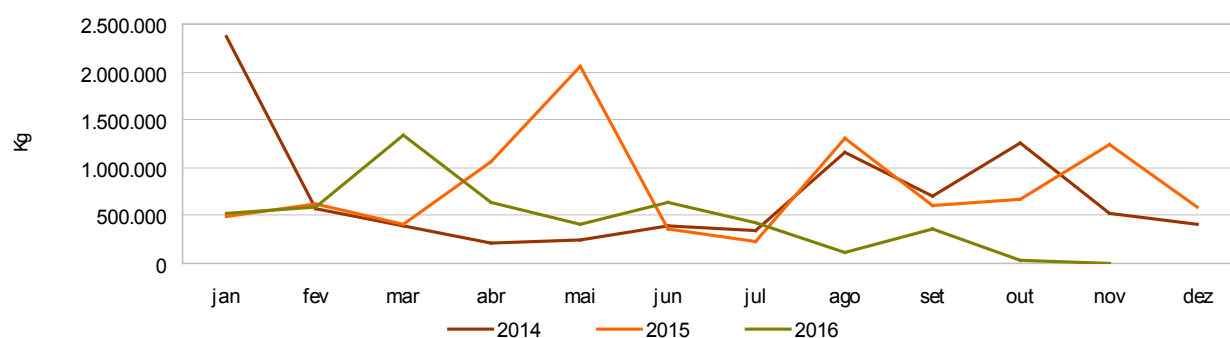
Apresentamos abaixo os dados de exportação obtidos junto ao Sistema ALICEWEB do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) de exportações do café produzido em Goiás.

Gráfico 22– Exportações anuais de café (em kg)



Fonte: MDIC

Gráfico 23– Exportações anuais de café (em kg)



Fonte: MDIC



Tabela 6– Países importadores do café produzido em Goiás – janeiro a novembro de 2016

PAÍS	VALORES	QUANTIDADE	PARTICIPAÇÃO
Estados Unidos	R\$ 2.348.328,00	913.532	17,97%
Alemanha	R\$ 2.088.395,00	887.025	17,45%
Itália	R\$ 2.313.184,00	778.393	15,31%
Japão	R\$ 2.020.042,00	758.341	14,92%
Austrália	R\$ 2.096.418,00	715.887	14,08%
Finlândia	R\$ 709.733,00	242.820	4,78%
Suécia	R\$ 496.393,00	217.800	4,29%
Grécia	R\$ 274.274,00	97.200	1,91%
Canadá	R\$ 265.166,00	95.875	1,89%
Bélgica	R\$ 276.411,00	93.900	1,85%
Malásia	R\$ 188.959,00	76.800	1,51%
Coreia do Sul	R\$ 181.001,00	57.600	1,13%
México	R\$ 178.716,00	57.600	1,13%
Países Baixos (Holanda)	R\$ 94.933,00	30.385	0,60%
Rússia	R\$ 66.200,00	19.200	0,38%
Portugal	R\$ 56.012,00	19.175	0,38%
Vietnã	R\$ 38.025,00	11.092	0,22%
Argentina	R\$ 30.600,00	10.200	0,20%
Chile	R\$ 58,00	11	0,00%
Soma	R\$ 13.722.848,00	5.082.836	

Fonte: MDIC

Os dados de exportação de café durante o ano de 2016 evidenciam uma forte redução nas exportações do grão produzido em Goiás. Tal fato pode

ser explicado pela forte demanda doméstica de *coffea arábica* provocada pela quebra da safra de *coffea canephora* no estado do Espírito Santo.

8.8. RIO DE JANEIRO

Para esta safra se estima um acréscimo em torno de 3,9% na área plantada em relação à safra passada. Indica uma produção estimada em 347,4 mil sacas,

representando variação de crescimento de 12,2%. A produtividade média estimada de 26,7 sc/ha é 8,2% superior à obtida em 2015.

8.8.1. ÁREA, PRODUÇÃO E PARQUE CAFEIEIRO

O parque cafeeiro é formado por 44.125,4 mil plantas, das quais 2.142,5 mil estão em formação e 41.982,9 mil em produção. A colheita do produto é distribuída em junho (8,4%), julho (41,7%), agosto (39,4%) e setembro (10,5%).

A área plantada em produção no estado soma 13.022 hectares, superior em 484 hectares ante aos 12.538 hectares da safra anterior. Já a área em formação chegou a 857 hectares. Com isso, a área total estimada atinge 13.879 hectares. A produção estimada registra crescimento para 347,4 mil sacas, com um aumento de 37,8 mil sacas, quando comparada à obtida na safra

anterior, que foi de 309,6 mil sacas. A produtividade média estimada aumentou para 26,7 sc/ha, superior à safra anterior, que foi de 24,7 sc/ha.

O aumento expressivo das áreas em formação foi motivado pelos incentivos fornecidos pelo programa Rio Rural, da Secretaria Estadual de Agricultura. Nos últimos dois anos, o programa investiu quase 3 milhões de reais em subprojetos para fortalecer a cadeia produtiva do café. O programa permitiu que muitos produtores adquirissem despulpadores e secadores, tornando a atividade mais lucrativa.



8.8.2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas principais regiões produtoras, as condições meteorológicas desta safra foram mais favoráveis do que as da safra anterior. Aliadas ao ciclo de bienalidade positiva, as condições favoreceram as lavouras, justificando os ganhos de área, produção e de produtividade.

Os produtores conseguiram comercializar o produto com preços entre R\$500,00 e R\$550,00 para o café bebida dura, com pouca diferença para a bebida rio, o que tem sido estímulo para o cultivo na próxima safra.

8.9. MATO GROSSO

8.9.1. CLIMA

Confirmado o cenário de baixo índice pluviométrico, agravado pelas irregularidades das chuvas nas fases

de floração e granação da cultura.

8.9.2. ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

A área em produção, da safra 2016, foi fechada em 14,1 mil hectares, bem inferior ao levantamento da safra anterior, quando foram cultivados 20.189 hectares. Esta redução decorre da pouca rentabilidade do cafeicultor, advinda dos preços baixo do café, o que acarretou poucos investimentos, aliado, ao efeito negativo do clima, a produtividade alcançou o número 8,8 scs/ha, acréscimo de 38,8%, ante as 6,34 scs/ha da safra

passada. Com esta performance e colheita 100% concluída, a produção total da safra 2016 atingiu 124,1 sacas, 3% menor que a da safra anterior, quando foram colhidas 127,9 mil sacas beneficiadas.

A área em formação total para a safra 2016 alcançou 1.577 ha ocupados, em sua maioria, por café convencional plantado.

8.9.3. COMERCIALIZAÇÃO

Totalidade da safra 2016 já comercializada, a preços pagos aos produtores variando de R\$ de R\$360 a

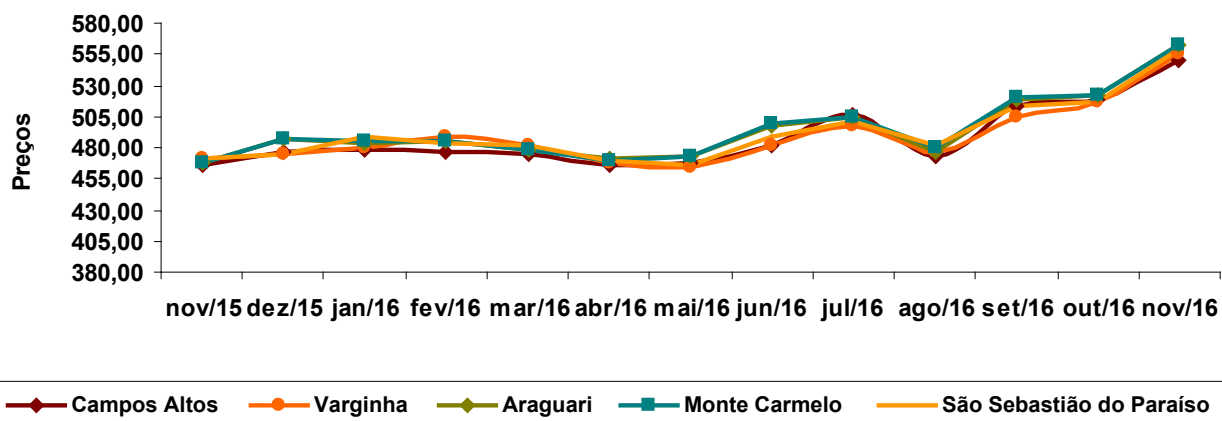
R\$400/60 kg para o café conillon beneficiado.





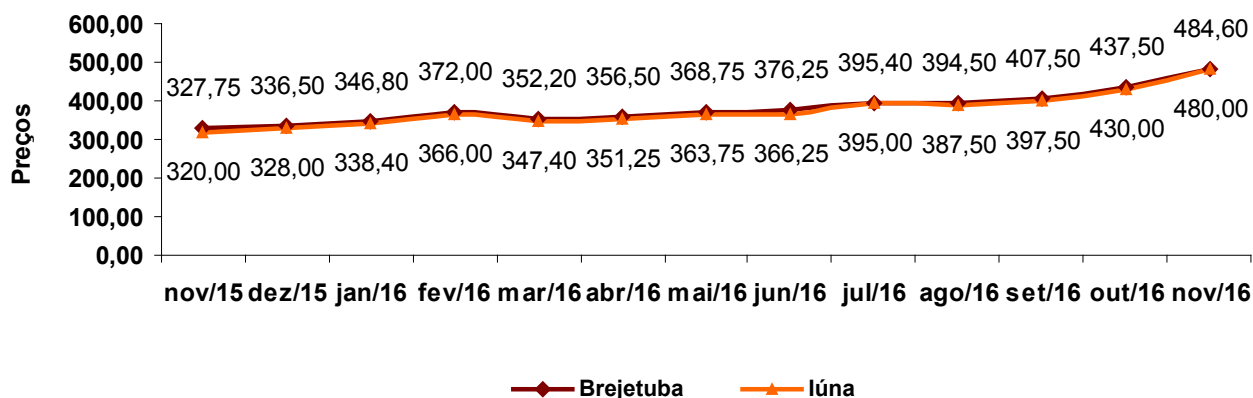
9. PREÇOS DO CAFÉ BENEFICIADO

Gráfico 18 -Preços café arábica - MG



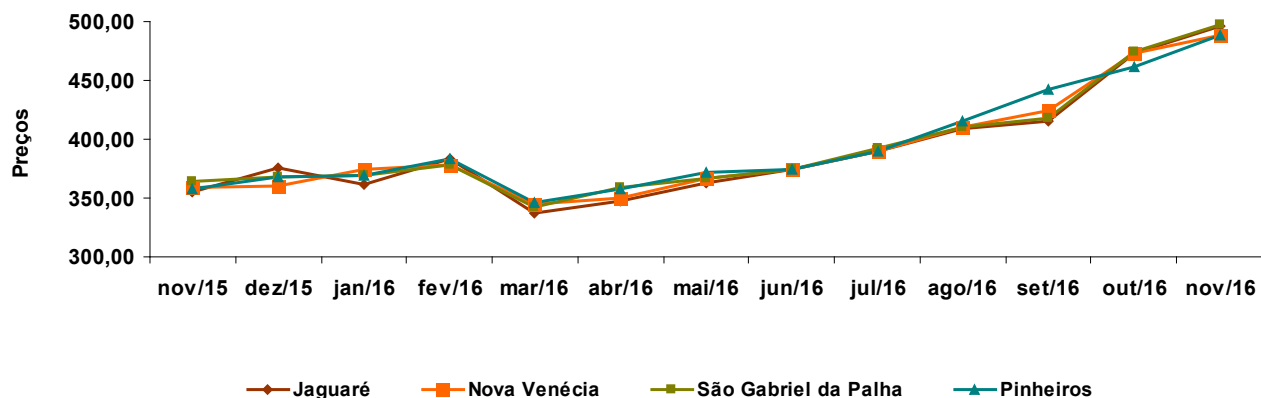
Fonte:Conab

Gráfico 19 -Preços café arábica - ES



Fonte:Conab

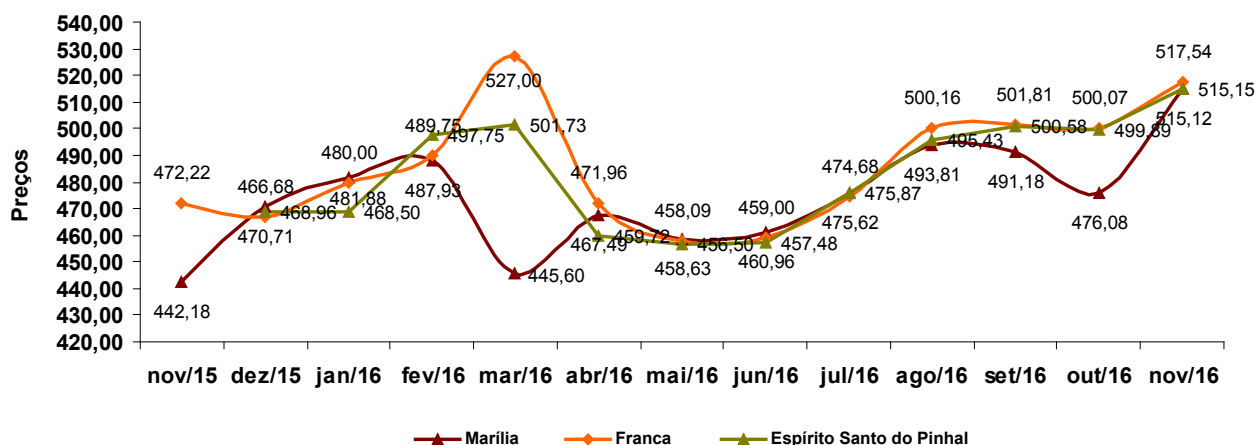
Gráfico 20 -Preços café conilon - ES



Fonte:Conab

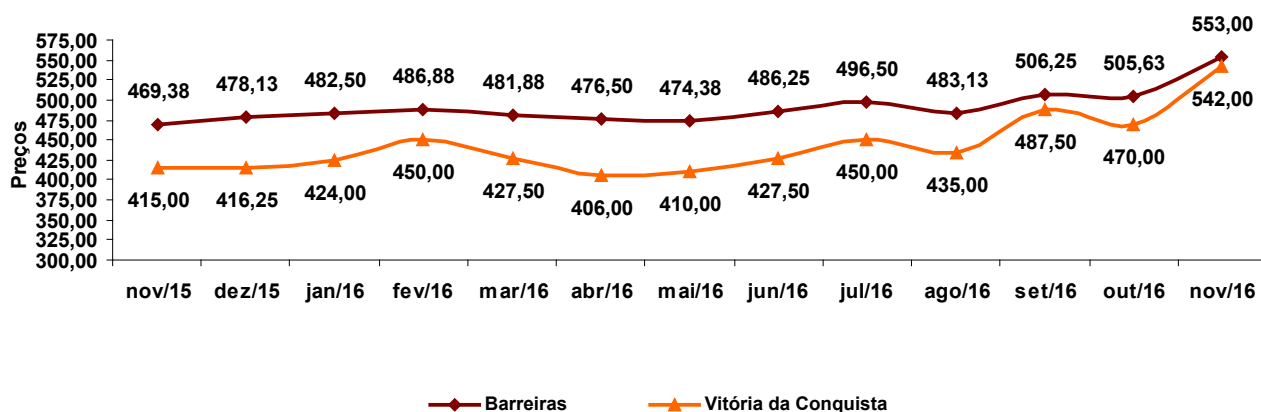


Gráfico 21 -Preços café arábica - SP



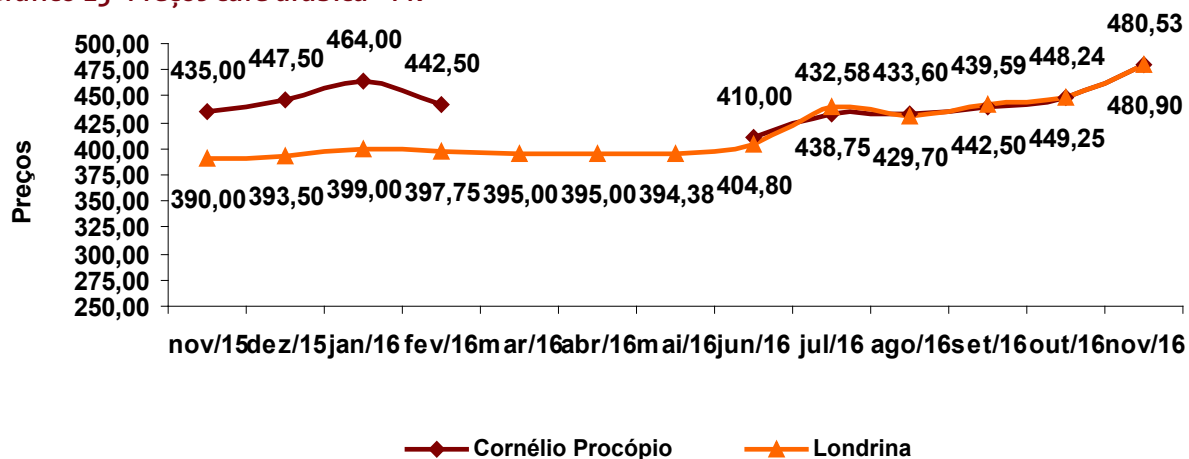
Fonte:Conab

Gráfico 22 -Preços café arábica - BA



Fonte:Conab

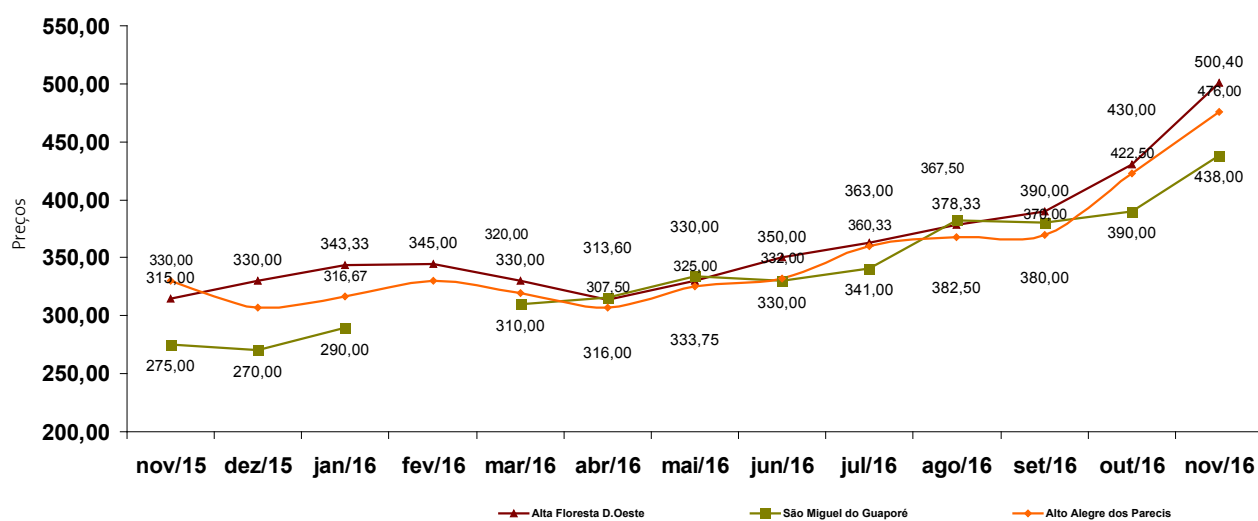
Gráfico 23 -Preços café arábica - PR



Fonte:Conab



Gráfico 24 -Preços café conilon - RO



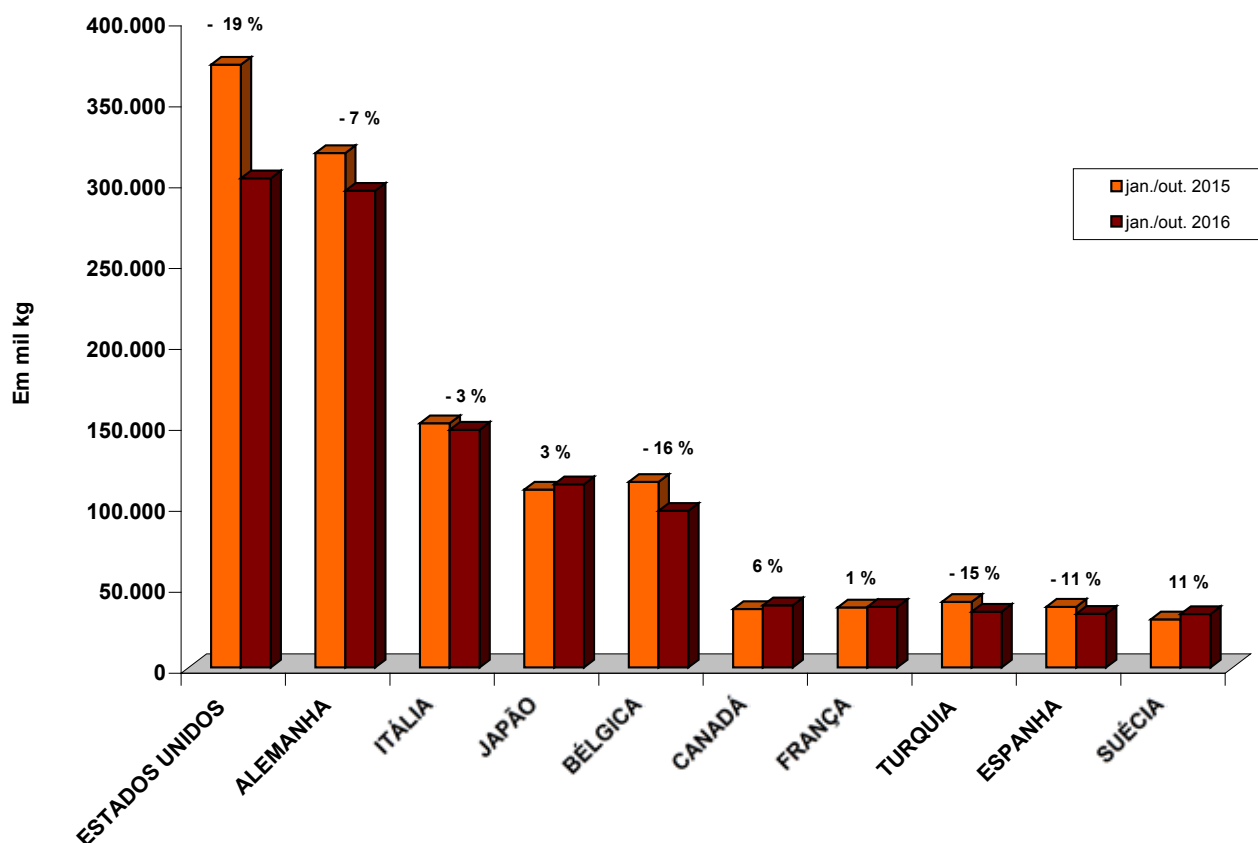
Fonte:Conab





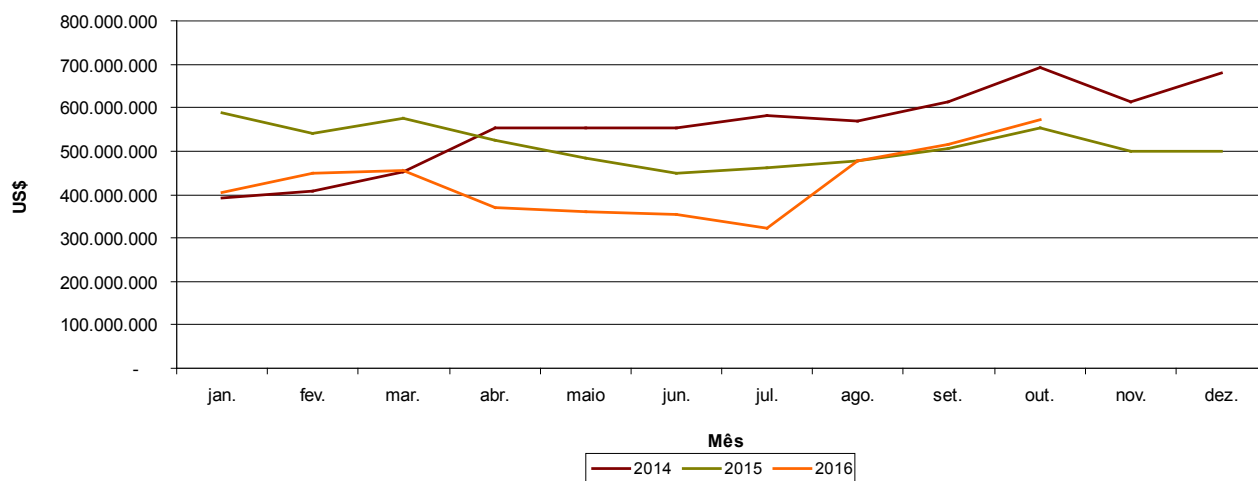
10. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO

Gráfico 25 - Exportação do café de janeiro/2015 a outubro/2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SecexMDIC.

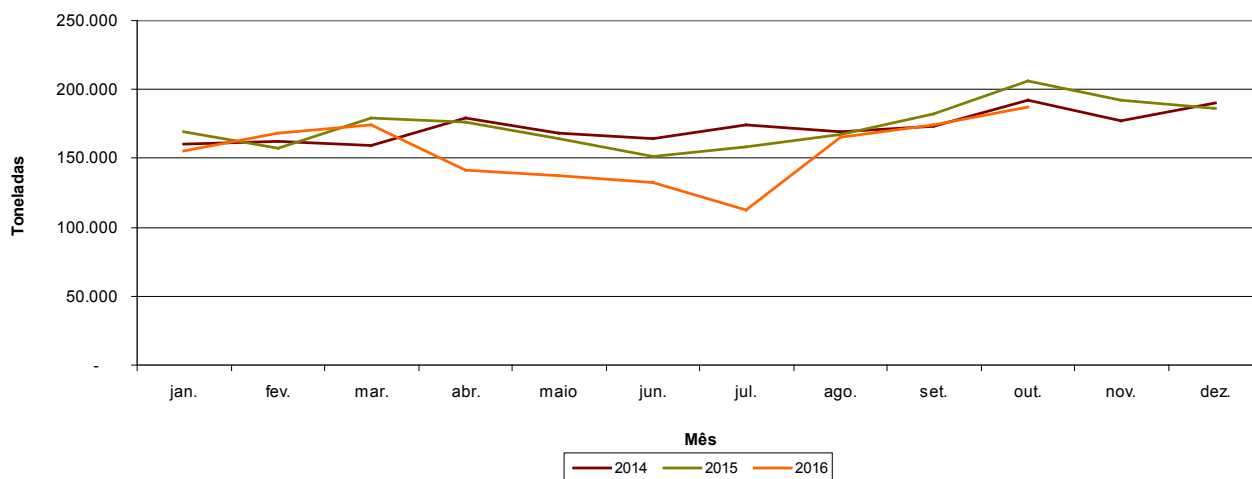
Gráfico 26 - Exportações - US\$ - Café - Janeiro 2014 a outubro de 2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SecexMDIC.

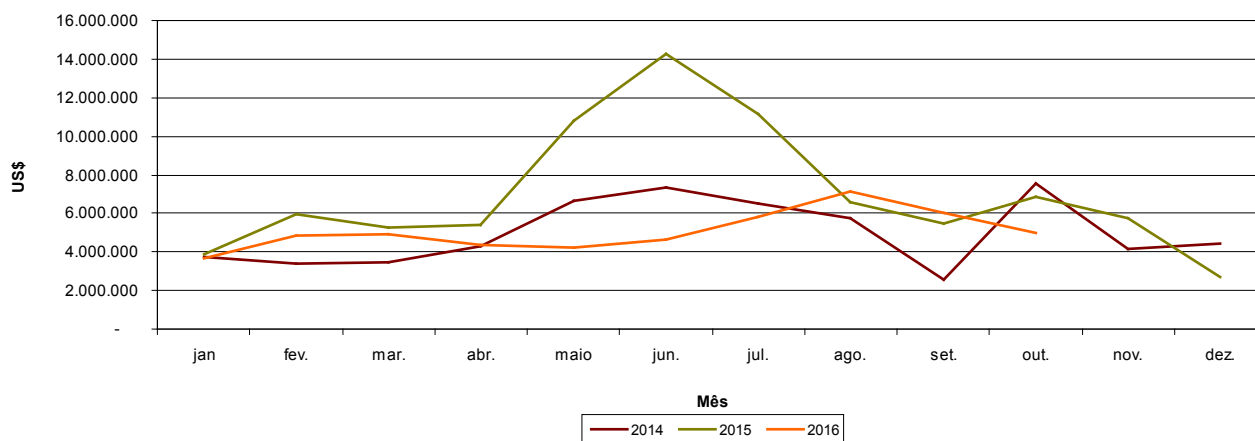


Gráfico 27 - Exportações - Tonelada - Café - Janeiro 2014 a outubro de 2016



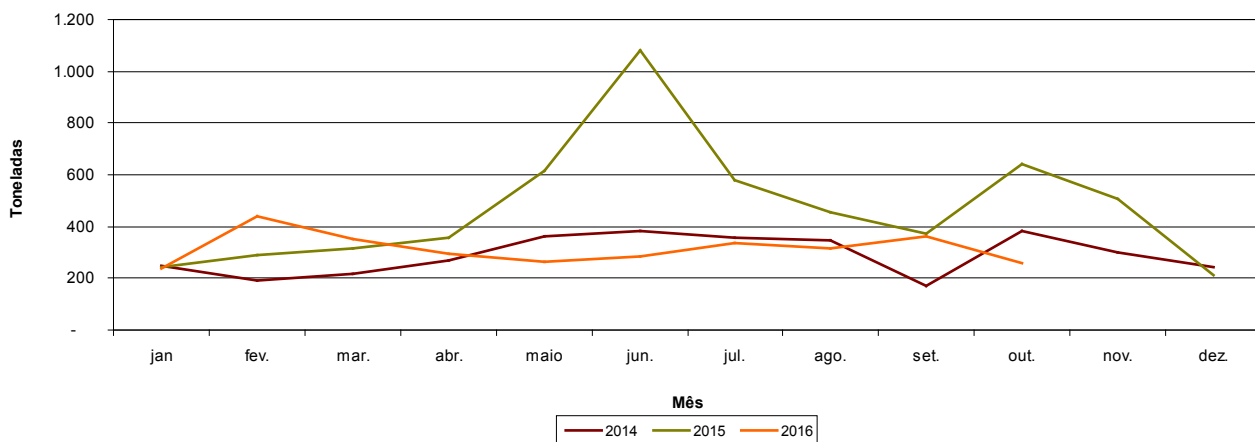
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SecexMDIC.:

Gráfico 28 - Importações - US\$ - Café - Janeiro 2014 a outubro de 2016



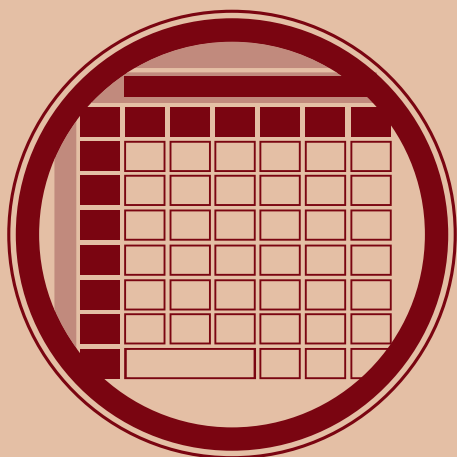
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da Secex-

Gráfico 29 - Importações - Toneladas - Café - Janeiro 2014 a outubro de 2016



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SecexMDIC.





11. RESULTADO DETALHADO

Tabela 7 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.925,0	(0,4)	88.900,0	88.270,0	(0,7)	95.854,0	95.195,0	(0,7)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	21,0	(58,0)	1.243,0	613,0	(50,7)	1.293,0	634,0	(51,0)
NORDESTE	15.538,0	12.408,0	(20,1)	138.678,0	149.753,0	8,0	154.216,0	162.161,0	5,2
BA	15.538,0	12.408,0	(20,1)	138.678,0	149.753,0	8,0	154.216,0	162.161,0	5,2
Cerrado	5.058,0	2.829,0	(44,1)	9.129,0	11.328,0	24,1	14.187,0	14.157,0	(0,2)
Planalto	6.717,0	6.857,0	2,1	94.321,0	92.533,0	(1,9)	101.038,0	99.390,0	(1,6)
Atlântico	3.763,0	2.722,0	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,0	24,7
CENTRO-OESTE	2.530,0	3.333,5	31,8	26.364,0	19.819,6	(24,8)	28.894,0	23.153,1	(19,9)
MT	1.202,0	1.577,0	31,2	20.189,0	14.193,0	(29,7)	21.391,0	15.770,0	(26,3)
GO	1.328,0	1.756,5	32,3	6.175,0	5.626,6	(8,9)	7.503,0	7.383,1	(1,6)
SUDESTE	292.183,4	245.553,0	(16,0)	1.613.623,3	1.633.795,0	48,2	1.905.806,7	1.879.348,0	(1,4)
MG	236.074,0	188.782,0	(20,0)	968.872,0	1.009.481,0	4,2	1.204.946,0	1.198.263,0	(0,6)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	107.526,0	(28,2)	478.056,0	524.220,0	9,7	627.783,0	631.746,0	0,6
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.486,0	(23,9)	170.634,0	183.076,0	7,3	204.134,0	208.562,0	2,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.938,0	52.691,0	5,5	287.340,0	269.593,0	(6,2)	337.278,0	322.284,0	(4,4)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.909,0	3.079,0	5,8	32.842,0	32.592,0	(0,8)	35.751,0	35.671,0	(0,2)
ES	42.057,0	42.059,0	-	433.242,0	410.057,0	(5,4)	475.299,0	452.116,0	(4,9)
RJ	3,0	857,0	28.466,7	12.538,0	13.022,0	3,9	12.541,0	13.879,0	10,7
SP	14.049,4	13.855,0	(1,4)	198.971,3	201.235,0	1,1	213.020,7	215.090,0	1,0
SUL	8.550,0	3.860,0	(54,9)	44.500,0	46.160,0	3,7	53.050,0	50.020,0	(5,7)
PR	8.550,0	3.860,0	(54,9)	44.500,0	46.160,0	3,7	53.050,0	50.020,0	(5,7)
OUTROS	884,0	707,0	(20,0)	10.009,0	12.880,0	28,7	10.893,0	13.587,0	24,7
NORTE/NORDESTE	22.492,0	19.333,0	(14,0)	227.578,0	238.023,0	4,6	250.070,0	257.356,0	2,9
CENTRO-SUL	303.263,4	252.746,5	(16,7)	1.684.487,3	1.699.774,6	0,9	1.987.750,7	1.952.521,1	(1,8)
BRASIL	326.639,4	272.786,5	(16,5)	1.922.074,3	1.950.677,6	1,5	2.248.713,7	2.223.464,1	(1,1)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 8 - Café arábica - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	11.975,0	9.686,0	(19,1)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.225,0	113.547,0	(1,5)
BA	11.775,0	9.686,0	(17,7)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.225,0	113.547,0	(1,5)
Cerrado	5.058,0	2.829,0	(44,1)	9.129,0	11.328,0	24,1	14.187,0	14.157,0	(0,2)
Planalto	6.717,0	6.857,0	2,1	94.321,0	92.533,0	(1,9)	101.038,0	99.390,0	(1,6)
CENTRO-OESTE	1.378,0	1.756,5	27,5	6.286,0	5.696,6	(9,4)	7.664,0	7.453,1	(2,8)
MT	50,00	-	(100,0)	111,0	70,0	(36,9)	161,0	70,0	(56,5)
GO	1.328,0	1.756,5	32,3	6.175,0	5.626,6	(8,9)	7.503,0	7.383,1	(1,6)
SUDESTE	264.795,4	218.067,0	(17,6)	1.317.124,3	1.361.031,0	3,3	1.581.919,7	1.579.098,0	(0,2)
MG	235.115,0	187.635,0	(20,2)	955.497,0	996.749,0	4,3	1.190.612,0	1.184.384,0	(0,5)
Sul e Centro-Oeste	149.727,0	107.526,0	(28,2)	478.056,0	524.220,0	9,7	627.783,0	631.746,0	0,6
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	33.500,0	25.486,0	(23,9)	170.634,0	183.076,0	7,3	204.134,0	208.562,0	2,2
Zona da Mata, Rio Doce e Central	49.315,0	51.945,0	5,3	278.646,0	261.317,0	(6,2)	327.961,0	313.262,0	(4,5)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	2.573,0	2.678,0	4,1	28.161,0	28.136,0	(0,1)	30.734,0	30.814,0	0,3
ES	15.628,0	15.720,0	0,6	150.118,0	150.025,0	(0,1)	165.746,0	165.745,0	-
RJ	3,0	857,0	28.466,7	12.538,0	13.022,0	3,9	12.541,0	13.879,0	10,7
SP	14.049,4	13.855,0	(1,4)	198.971,3	201.235,0	1,1	213.020,7	215.090,0	1,0
SUL	8.550,0	3.860,0	(54,9)	44.500,0	46.160,0	3,7	53.050,0	50.020,0	(5,7)
PR	8.550,0	3.860,0	(54,9)	44.500,0	46.160,0	3,7	53.050,0	50.020,0	(5,7)
OUTROS	411,0	406,0	(1,2)	8.450,0	9.206,0	8,9	8.861,0	9.612,0	8,5
NORTE/NORDESTE	11.975,0	9.686,0	(19,1)	103.450,0	103.861,0	0,4	115.225,0	113.547,0	(1,5)
CENTRO-SUL	274.723,4	223.683,5	(18,6)	1.367.910,3	1.412.887,6	3,3	1.642.633,7	1.636.571,1	(0,4)
BRASIL	287.109,4	233.775,5	(18,6)	1.479.810,3	1.525.954,6	3,1	1.766.719,7	1.759.730,1	(0,4)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Amazonas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 9 - Café conilon - Comparativo de área em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (ha)			ÁREA EM PRODUÇÃO (ha)			ÁREA TOTAL (ha)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6.954,0	6.925,0	(0,4)	88.900,0	88.270,0	(0,7)	95.854,0	95.195,0	(0,7)
RO	6.904,0	6.904,0	-	87.657,0	87.657,0	-	94.561,0	94.561,0	-
PA	50,0	21,0	(58,0)	1.243,0	613,0	(50,7)	1.293,0	634,0	(51,0)
NORDESTE	3.763,0	2.722,0	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,0	24,7
BA	3.763,0	2.722,0	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,0	24,7
Atlântico	3.763,0	2.722,0	(27,7)	35.228,0	45.892,0	30,3	38.991,0	48.614,0	24,7
CENTRO-OESTE	1.152,0	1.577,0	36,9	20.078,0	14.123,0	(29,7)	21.230,0	15.700,0	(26,0)
MT	1.152,00	1.577,0	36,9	20.078,0	14.123,0	(29,7)	21.230,0	15.700,0	(26,0)
SUDESTE	27.388,0	27.486,0	0,4	296.499,0	272.764,0	48,2	323.887,0	300.250,0	(7,3)
MG	959,0	1.147,0	19,6	13.375,0	12.732,0	(4,8)	14.334,0	13.879,0	(3,2)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	623,0	746,0	19,7	8.694,0	8.276,0	(4,8)	9.317,0	9.022,0	(3,2)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	336,0	401,0	19,3	4.681,0	4.456,0	(4,8)	5.017,0	4.857,0	(3,2)
ES	26.429,0	26.339,0	(0,3)	283.124,0	260.032,0	(8,2)	309.553,0	286.371,0	(7,5)
OUTROS (*)	473,0	301,0	(36,4)	1.559,0	3.674,0	135,7	2.032,0	3.975,0	95,6
NORTE/NORDESTE	10.717,0	9.647,0	(10,0)	124.128,0	134.162,0	8,1	134.845,0	143.809,0	6,6
CENTRO-SUL	28.540,0	29.063,0	1,8	316.577,0	286.887,0	(9,4)	345.117,0	315.950,0	(8,5)
BRASIL	39.730,0	39.011,0	(1,8)	442.264,0	424.723,0	(4,0)	481.994,0	463.734,0	(3,8)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas e Ceará



Tabela 10 - Café total (arábica e conilon) - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total- safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	10.852,6	12.567,3	15,8	139.163,7	135.519,5	(2,6)	150.016,3	148.086,8	(1,3)
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)
PA	110,0	57,1	(48,1)	2.769,4	1.697,3	(38,7)	2.879,4	1.754,4	(39,1)
NORDESTE	62.718,7	45.659,2	(27,2)	432.265,1	474.299,5	9,7	494.983,8	519.958,7	5,0
BA	62.718,7	45.659,2	(27,2)	432.265,1	474.299,5	9,7	494.983,8	519.958,7	5,0
Cerrado	27.819,0	15.559,5	(44,1)	50.209,5	62.304,0	24,1	78.028,5	77.863,5	(0,2)
Planalto	22.368,9	23.788,9	6,3	264.497,6	259.175,2	(2,0)	286.866,5	282.964,1	(1,4)
Atlântico	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
CENTRO-OESTE	9.202,5	9.517,7	3,4	74.793,1	48.578,1	(35,1)	83.995,6	58.095,8	(30,8)
MT	2.786,2	3.199,7	14,8	46.346,5	22.340,5	(51,8)	49.132,7	25.540,2	(48,0)
GO	6.416,3	6.318,0	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,6	(6,6)
SUDESTE	1.020.089,0	852.763,7	(16,4)	4.852.735,9	4.918.699,4	48,2	5.872.824,9	5.771.463,1	(1,7)
MG	843.008,7	670.260,4	(20,5)	3.032.059,9	3.119.980,4	2,9	3.875.068,6	3.790.240,8	(2,2)
Sul e Centro-Oeste	524.044,8	373.121,5	(28,8)	1.434.167,4	1.572.659,8	9,7	1.958.212,2	1.945.781,3	(0,6)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	101.943,1	(23,9)	597.219,0	640.766,0	7,3	731.217,9	742.709,1	1,6
Zona da Mata, Rio Doce e Central	174.784,3	184.418,3	5,5	888.101,7	808.779,1	(8,9)	1.062.886,0	993.197,4	(6,6)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	10.180,7	10.777,5	5,9	112.571,8	97.775,5	(13,1)	122.752,5	108.553,0	(11,6)
ES	139.280,0	139.262,0	-	1.142.772,0	1.094.239,0	(4,2)	1.282.052,0	1.233.501,0	(3,8)
RJ	6,4	2.142,8	33.381,3	26.329,8	41.982,9	59,5	26.336,2	44.125,7	67,5
SP	37.793,9	41.098,5	8,7	651.574,2	662.497,1	1,7	689.368,1	703.595,6	2,1
SUL	29.100,0	15.100,0	(48,1)	143.900,0	151.700,0	5,4	173.000,0	166.800,0	(3,6)
PR	29.100,0	15.100,0	(48,1)	143.900,0	151.700,0	5,4	173.000,0	166.800,0	(3,6)
OUTROS	2.404,5	1.924,6	(20,0)	29.614,0	32.972,8	11,3	32.018,5	34.897,4	9,0
NORTE/NORDESTE	73.571,3	58.226,5	(20,9)	571.428,8	609.819,0	6,7	645.000,1	668.045,5	3,6
CENTRO-SUL	1.058.391,5	877.381,4	(17,1)	5.071.429,0	5.118.977,5	0,9	6.129.820,5	5.996.358,9	(2,2)
BRASIL	1.134.367,3	937.532,5	(17,4)	5.672.471,8	5.761.769,3	1,6	6.806.839,1	6.699.301,8	(1,6)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas, Ceará Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal



Tabela 11 - Café arábica - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	ÁREA EM FORMAÇÃO (mil covas)			ÁREA EM PRODUÇÃO (mil covas)			ÁREA TOTAL (mil covas)		
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)
NORDESTE	50.590,8	39.348,4	(22,2)	314.707,1	321.479,2	2,2	364.895,0	360.827,6	(1,1)
BA	50.187,9	39.348,4	(21,6)	314.707,1	321.479,2	2,2	364.895,0	360.827,6	(1,1)
Cerrado	27.819,0	15.559,5	(44,1)	50.209,5	62.304,0	24,1	78.028,5	77.863,5	(0,2)
Planalto	22.368,9	23.788,9	6,3	264.497,6	259.175,2	(2,0)	286.866,5	282.964,1	(1,4)
CENTRO-OESTE	6.532,2	6.318,0	(3,3)	28.714,1	26.362,6	(8,2)	35.246,3	32.680,6	(7,3)
MT	115,90	-	(100,0)	267,5	125,0	(53,3)	383,4	125,0	(67,4)
GO	6.416,3	6.318,0	(1,5)	28.446,6	26.237,6	(7,8)	34.862,9	32.555,6	(6,6)
SUDESTE	941.408,7	773.545,2	(17,8)	4.182.172,9	4.299.197,4	48,2	5.123.582,3	5.072.742,6	(1,0)
MG	839.652,2	666.245,9	(20,7)	2.991.934,8	3.081.784,4	3,0	3.831.587,0	3.748.030,3	(2,2)
Sul e Centro-Oeste	524.044,8	373.121,5	(28,8)	1.434.167,4	1.572.659,8	9,7	1.958.212,2	1.945.781,3	(0,6)
Triângulo, Alto Paranaíba e Noroeste	133.998,9	101.943,1	(23,9)	597.219,0	640.766,0	7,3	731.217,9	742.709,1	1,6
Zona da Mata, Rio Doce e Central	172.602,6	181.808,9	5,3	862.020,4	783.951,7	(9,1)	1.034.623,0	965.760,6	(6,7)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	9.005,9	9.372,4	4,1	98.528,0	84.406,9	(14,3)	107.533,9	93.779,3	(12,8)
ES	63.957,0	64.058,0	0,2	512.334,0	512.933,0	0,1	576.291,0	576.991,0	0,1
RJ	6,4	2.142,8	33.381,3	26.329,8	41.982,9	59,5	26.336,2	44.125,7	67,5
SP	37.793,9	41.098,5	8,7	651.574,2	662.497,1	1,7	689.368,1	703.595,6	2,1
SUL	29.100,0	15.100,0	(48,1)	143.900,0	151.700,0	5,4	173.000,0	166.800,0	(3,6)
PR	29.100,0	15.100,0	(48,1)	143.900,0	151.700,0	5,4	173.000,0	166.800,0	(3,6)
OUTROS	1.117,9	1.104,4	(1,2)	25.623,0	23.567,4	(8,0)	26.740,9	24.671,8	(7,7)
NORTE/NORDESTE	50.590,8	39.348,4	(22,2)	314.707,1	321.479,2	2,2	364.895,0	360.827,6	(1,1)
CENTRO-SUL	977.040,9	794.963,2	(18,6)	4.354.787,0	4.477.260,0	2,8	5.331.828,6	5.272.223,2	(1,1)
BRASIL	1.028.749,6	835.416,0	(18,8)	4.695.117,1	4.822.306,6	2,7	5.723.464,5	5.657.722,6	(1,1)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Amazonas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal

Tabela 12 - Café conilon - Comparativo de parque cafeeiro em formação, em produção e total - safras 2015 e 2016

REGIÃO/UF	EM FORMAÇÃO (mil covas)			EM PRODUÇÃO (mil covas)			TOTAL (mil covas)		
	Safra 2015(a)	Safra 2016 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 2015 (c)	Safra 2016(d)	VAR. % (d/c)	Safra 2015(e)	Safra 2016(f)	VAR. % (e/f)
NORTE	10.852,6	12.567,3	15,8	139.163,7	135.519,5	(2,6)	150.016,3	148.086,8	(1,3)
RO	10.742,6	12.510,2	16,5	136.394,3	133.822,2	(1,9)	147.136,9	146.332,4	(0,5)
PA	110,0	57,1	(48,1)	2.769,4	1.697,3	(38,7)	2.879,4	1.754,4	(39,1)
NORDESTE	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
BA	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
Atlântico	12.530,8	6.310,8	(49,6)	117.558,0	152.820,3	30,0	130.088,8	159.131,1	22,3
CENTRO-OESTE	2.670,3	3.199,7	19,8	46.079,0	22.215,5	(51,8)	48.749,3	25.415,2	(47,9)
MT	2.670,30	3.199,70	19,8	46.079,0	22.215,5	(51,8)	48.749,3	25.415,2	(47,9)
SUDESTE	78.679,5	79.218,5	0,7	670.563,1	619.502,0	48,2	749.242,6	698.720,5	(6,7)
MG	3.356,5	4.014,5	19,6	40.125,1	38.196,0	(4,8)	43.481,6	42.210,5	(2,9)
Zona da Mata, Rio Doce e Central	2.181,7	2.609,4	19,6	26.081,3	24.827,4	(4,8)	28.263,0	27.436,8	(2,9)
Norte, Jequitinhonha e Mucuri	1.174,8	1.405,1	19,6	14.043,8	13.368,6	(4,8)	15.218,6	14.773,7	(2,9)
ES	75.323,0	75.204,0	(0,2)	630.438,0	581.306,0	(7,8)	705.761,0	656.510,0	(7,0)
OUTROS	1.286,6	820,2	(36,3)	3.991,0	9.405,4	135,7	5.277,6	10.225,6	93,8
NORTE/NORDESTE	23.383,4	18.878,1	(19,3)	256.721,7	288.339,8	12,3	280.105,1	307.217,9	9,7
CENTRO-SUL	81.349,8	82.418,2	1,3	716.642,1	641.717,5	(10,5)	797.991,9	724.135,7	(9,3)
BRASIL	106.019,8	102.116,5	(3,7)	977.354,8	939.462,7	(3,9)	1.083.374,6	1.041.579,2	(3,9)

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em dezembro/2016

Legenda: (*) Acre, Amazonas e Ceará





12. CALENDÁRIO DE COLHEITA

12.1. COLHEITA DE CAFÉ

A colheita de café segue um calendário bem definido que geralmente se inicia no mês de março e termina em outubro, fato que ocorreu nas últimas 8 safras (2008 a 2015), sendo que na safra 2016 a estimativa é que ocorra o mesmo padrão. A concentração da colheita ocorre geralmente entre maio e agosto onde cerca de 90% do café é colhido. O ideal é evitar colheita a partir de setembro de forma a não prejudicar a florada da próxima safra.

Em função de sua fisiologia, o café pode apresentar mais de uma florada, o que acarreta em frutos com diferentes estádios de maturação. A presença de diferentes tipos de café afeta a composição química e a qualidade do produto, sendo ideal conhecer o momento propício para iniciar a colheita, sem que haja prejuízos na qualidade (CARVALHO JUNIOR, et al, 2003).

Sendo assim, é necessário verificar a quantidade de café ainda verde e a queda de frutos já secos de modo a determinar o momento ideal para início da colheita. Recomenda-se que se inicie quando o percentual de grãos verdes for igual ou inferior a 5%. Em anos de maturação muito desuniforme, toleram-se teores de até 20%, apesar de afetar a qualidade do café colhido (VILELA E PEREIRA, 1998). A colheita é feita com o fruto no estágio “cereja”, denominado assim em função do seu aspecto avermelhado quando maduro e também por seu tamanho (cerca de 10 a 15 mm de diâmetro).

No cafeeiro a colheita depende das condições climáticas, uma vez que as mesmas determinam os intervalos entre as floradas e o período de maturação de

grãos (CORTEZ, 2001), sendo que o crescimento e maturação dos frutos dependem da altitude, latitude e clima (PIMENTA; VILELA, 2003).

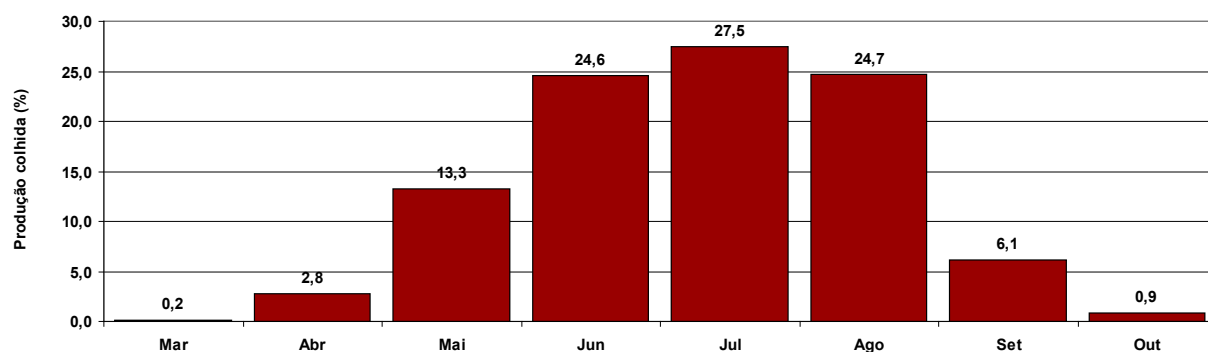
Tabela 13 - Café beneficiado - Safra 2016 - Estimativa mensal de colheita - Em percentual e mil sacas

U.F	PRODUÇÃO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO
		%	%	%	%	%	%	%	%
NORTE	1.636,0	5,0	15,1	40,0	30,0	9,9	-	-	-
RO	1.626,9	5,0	15,0	40,0	30,0	10,0	-	-	-
PA	9,1	-	25,0	40,0	35,0	-	-	-	-
NORDESTE	2.093,3	-	5,8	25,1	32,7	18,5	13,5	4,4	-
BA	2.093,3	-	5,8	25,1	32,7	18,5	13,5	4,4	-
Cerrado	345,6	-	10,0	30,0	25,0	20,0	15,0	-	-
Planalto	921,6	-	5,0	10,0	20,0	30,0	25,0	10,0	-
Atlântico	826,1	-	5,0	40,0	50,0	5,0	-	-	-
CENTRO-OESTE	352,2	1,8	12,8	21,8	22,3	28,4	11,6	1,3	-
MT	125,4	5,0	36,0	45,0	12,0	2,0			
GO	226,8	-	-	9,0	28,0	43,0	18,0	2,0	-
SUDESTE	46.069,9	-	2,1	11,7	24,1	27,9	26,6	6,6	1,0
MG	30.724,1	-	1,0	8,0	22,0	30,0	30,0	8,0	1,0
ES	8.967,4	-	7,5	29,5	34,5	15,6	8,7	2,6	1,6
RJ	347,4	-	-	-	8,4	41,7	39,4	10,5	-
SP	6.031,0	-	-	5,0	20,0	35,0	35,0	5,0	-
SUL	1.047,0	-	2,0	12,0	24,0	51,0	11,0	-	-
PR	1.047,0	-	2,0	12,0	24,0	51,0	11,0	-	-
OUTROS (*)	170,8	-	10,0	20,0	30,0	30,0	5,0	5,0	-
NORTE/NORDESTE	3.729,3	2,2	9,9	31,7	31,5	14,7	7,6	2,5	-
CENTRO-SUL	47.469,1	0,0	2,2	11,8	24,1	28,5	26,1	6,4	0,9
BRASIL	51.369,2	0,2	2,8	13,3	24,6	27,5	24,7	6,1	0,9

Fonte: Conab

Nota: * Acre, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal.

Gráfico 30 - Estimativa mensal de colheita



Fonte: Conab

12.2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO JUNIOR, C.; BOREM, F. M.; PEREIRA, R. G. F. A. and SILVA, F. M. Influência de diferentes sistemas de colheita na qualidade do café (*Coffea arabica* L.). **CIÊNC. AGROTEC.** [online]. 2003, vol.27, n.5, pp. 1089-1096.



CORTEZ, J. G. **EFEITO DE ESPÉCIES E CULTIVARES E DO PROCESSAMENTO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL NAS CARACTERÍSTICAS DA BEBIDA DO CAFÉ**. 2001. 71p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba.

PIMENTA, J. C.; VILELA, E. R. Efeito do tipo e época de colheita na qualidade do café (*Coffea arabica* L). **ACTA SCIENTIARUM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 131-136, 2003.

VILELA, E. R.; PEREIRA, R. G. F. A. Armazenamento e processamento de produtos agrícolas: pós-colheita e qualidade do café. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA, 27., 1998, Poços de Caldas. **ANAIS...** Poços de Caldas: [s.n.], 1998. p. 219-274.







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277/6264/6230

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

